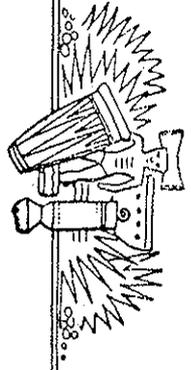
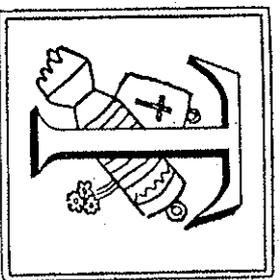
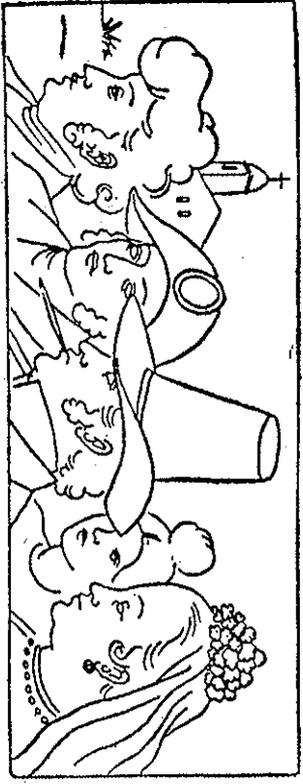
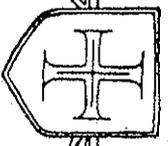


PASTA: 48
 COPIAS: 65
 R\$: 975



IV
 O ESCRAVO NEGRO
 NA VIDA SEXUAL E DE FAMÍLIA
 DO BRASILEIRO



odo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo — ha muita gente de jenpapo ou mancha mongólica pelo Brasil — a sombra, ou pelo menos a pinta, do gndige-na ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influência direta, ou vaga e remota, do africano.

Na ternura, na música excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo, que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhana que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma cocceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. Do maileque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo.

Já houve quem insinuasse a possibilidade de se desenvolver das relações íntimas da criança branca com a ama-de-leite negra muito do pendor sexual que se nota pelas mulheres de cor no filho-família dos países escravocratas. A importância psíquica do ato de mamar, dos seus efeitos sobre a criança, é na verdade considerada enorme pelos psicólogos modernos; e talvez tenha alguma razão Calhoun para supor esses efeitos de grande significação no caso de brancos criados por amas negras.¹

É verdade que as condições sociais do desenvolvimento do menino nos antigos esganhos de açúcar do Brasil, como nas

plantações *ante-bellum* da Virgínia e das Carolinas — do menino sempre rodado de negra ou mulata fácil — talvez expliquem, por si sós, aquela predileção. Conhecem-se casos no Brasil não só de predileção, mas de exclusivismo: homens brancos que só gozavam com negra. De rapaz de importante família rural de Pernambuco conta a tradição que foi impossível aos pais promoverem-lhe o casamento com primas ou outras moças brancas de famílias igualmente ilustres. Só queria saber de mulecas. Outro caso, referiu-nos Raoul Dunlop de um jovem de conhecida família escravocrata do Sul: este para excitar-se diante da noiva branca precisou, nas primeiras noites de casado, de levar da escrava negra sua amante. Casos de exclusivismo ou fixação de Mórvidos, portanto; mas através dos quais se sente a sombra do escravo negro sobre a vida sexual e de família do brasileiro.

Não nos interessa, senão indiretamente, neste ensaio, a importância do negro na vida estética, muito menos no puro progresso econômico, do Brasil. Devemos, entretanto, recordar que foi imensa. No litoral agrário, muito maior, ao nosso ver, que a do indígena. Maior, em certo sentido, que a do português.

Idéia extravagante para os meios ortodoxos e oficiais do Brasil, essa do negro superior ao indígena e até ao português, em vários aspectos de cultura material e moral. Superior em capacidade técnica e artística. Mas já um livro de acadêmico acolheu, em páginas didáticas, a primeira tese — a superioridade do negro sobre o indígena. E deu o seu a seu dono, reconhecendo no africano, aqui introduzido pelo colonizador português, cultura superior ao indígena: "estavam [os africanos] numa evolução social mais adiantada que a dos nossos índios"? E certo que semelhante ousadia do Professor Afrânio Peixoto custou-lhe severas restrições da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. "Com efeito, os nossos aborígenes", escreveu a douta *Revista* em comentário ao livro do Professor Peixoto, "eram já astrolabras, enquanto os filhos do continente negro aqui introduzidos não haviam ainda transcendido o fetichismo puro, sendo alguns francamente dendrolabras." Acrescentando com soberano desdém pela realidade: "nem pelos artefatos, nem pela cultura dos vegetais, nem pela domesticação das espécies zoológicas, nem pela constituição da família ou das tribos, nem pelos conhecimentos astronômicos, nem pela criação da linguagem e das lendas, eram os pretos superiores aos nossos silvícolas", para concluir com ar de triunfo: "e até quanto à separação dos poderes temporal e espiritual, da sua rudimentar

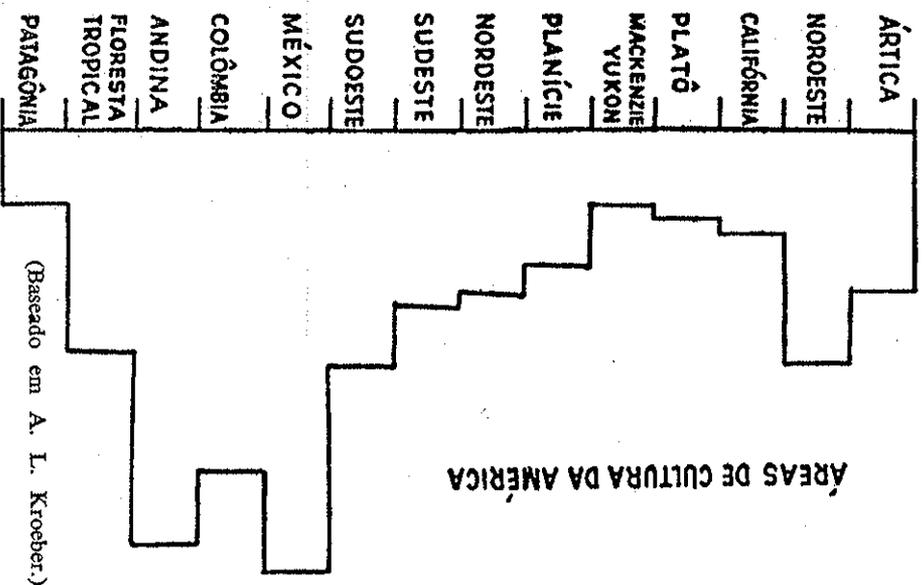
organização política, ainda não podem os autóctones do Brasil ser postos em degrau inferior aos filhos da terra adusta de Cam".³

O estudo realizado entre as sociedades primitivas da América, em torno dos valores de cultura, desigualmente acumulados nas várias partes do continente — acumulação que, elevando-se em semicivilizações no centro, achata-se, em grande pobreza de relevo, na região da floresta tropical para estender-se ainda mais longe com o solo na da Patagônia — deixa grande parte da população indígena do Brasil nessas duas áreas menos favorecidas. Apenas às margens, como em Marajó, verificam-se expressões mais salientes de cultura. Resultado, naturalmente, do contágio com o centro da América.

O mapa de áreas de cultura da América, organizado por Kroeber, dá-nos idéia exata da maior ou menor quantidade ou elaboração de valores. Dos altos e baixos característicos da formação cultural do continente. Vê-se que a área da Patagônia, mais rasteira que a da floresta tropical, contrasta notavelmente com as duas ou três áreas que dão relevo cultural à América.

Nem da cultura nativa da América pode-se falar sem muita e rigorosa discriminação — tal a desigualdade de relevo cultural — nem da África basta excluir o Egipto, com a sua opulência inconfundível de civilização, para falar-se então à vontade da cultura africana, chata e uma só. Esta se apresenta com notáveis diferenças de relevo, variando seus valores na quantidade e na elaboração. Um mapa das diferentes áreas já identificadas, umas por Leo Frobenius, diversas, de modo geral, por Melville J. Herskovits,⁴ nos permitiria apreciar mais a cômodo que através de secas palavras de antropólogos ou de etnólogos, essas variações, às vezes profundas, da cultura continental africana. Semelhante (mapa) nos alertaria, pelo puro alarme dos altos e baixos, contra o perigo das generalizações sobre os colonizadores africanos do Brasil.

Porque nada mais anticientífico que falar-se da inferioridade do negro africano em relação ao ameríndio sem discriminar-se antes que ameríndio; sem distinguir-se que negro? Se o tápulo, se o banto, se o hotentote. Nada mais absurdo do que negar-se ao negro sudanês, por exemplo, importado em número considerável para o Brasil, cultura superior à do indígena mais adiantado. Escrever que "nem pelos artefatos, nem pela cultura dos vegetais, nem pela domesticação das espécies zoológicas, nem pela constituição da família ou das tribos, nem pelos conhecimentos astronômicos, nem pela criação da linguagem e das lendas, eram os pretos superiores aos nossos silvícolas", é produzir uma afirmativa que virada pelo avesso é que dá certo.



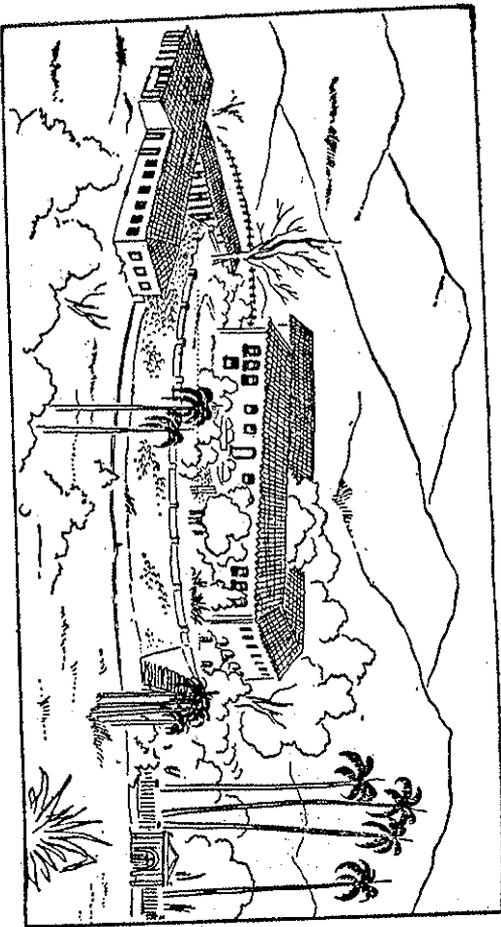
Por todos esses traços de cultura material e moral revelaram-se os escravos negros dos estoques mais avançados, em condições de concorrer melhor que os índios à formação econômica e social do Brasil. As vezes melhor que os portugueses.

Podem-se juntar, a essa superioridade técnica e de cultura dos negros, sua predisposição como que biológica e psíquica para a vida nos trópicos. Sua maior fertilidade nas regiões quentes. Seu gosto de sol. Sua energia sempre fresca e nova quando em contato com a floresta tropical. Gosto e energia que Bates foi o primeiro a contrastar com o fácil desalento do

índio e do caboclo sob o sol forte do norte do Brasil. Bates notou nos índios — que conheceu, não superficialmente, mas na intimidade, tendo vivido entre eles de 1848 a 1859 — “*constitutional dislike to the heat*”. Acrescentando que sempre os viu mais alegres, mais bem dispostos, mais vivos nos dias de chuva, o corpo nu escorrendo água. Nostalgia, talvez, dos gelos ancestrais. “*How different all this is with the negro; the true child of tropical climes!*”⁵

O escritor Waldo Frank em admirável ensaio sobre o Brasil, quase repete Bates nessa exaltação do negro como o verdadeiro filho dos trópicos;⁶ como o unjeido do Senhor para as regiões de sol forte; como o homem melhor integrado no clima e nas condições de vida brasileira. Adaptação que talvez se realize por motivos principalmente psíquicos e fisiológicos. Questão de constituição psicológica, como pretende McDougall. E fisiológica também, através da capacidade do negro de transpirar por todo o corpo e não apenas pelos sovacos. De transpirar como se de todo ele manasse um óleo, e não apenas ressessem pingos isolados de suor, como do branco. O que se explica por uma superfície máxima de evaporação no negro, mínima no branco.⁷

Um tanto à maneira de Bates, Wallace contrastou o indígena do Brasil, taciturno e moroso, com o negro, alegre, vivo e loquaz.⁸ Em termos modernos de Psicologia, essa diferença seria expressa atribuindo-se ao ameríndio a qualidade de introvertido e ao negro a de extrovertido. É a teoria que McDougall esboça nos seus trabalhos *National Welfare and National Group and Group Mind*. Teoria ousada porque importa na aplicação de um critério até hoje empregado em casos individuais, critério quase circunscrito às clínicas psiquiátricas — ao difícil problema de discriminação e caracterização de traços étnicos ou “instintivos” em contraste com os evidentemente culturais ou adquiridos.⁹ McDougall atribui o fato de contrair-se o índio mais do que o negro ao contato civilizador do europeu, opor-lhe maior resistência ao domínio para afinal perceber em luta desigual — a essa diferença de constituição psicológica. O indígena na América, caracteristicamente introvertido, e, portanto, de difícil adaptação. O negro, o tipo do extrovertido. O tipo do homem fácil, plástico, adaptável. Absoluto esse critério, não deixariam de ter motivos, embora indiretos, os indianófilos, para acreditarem na superioridade moral dos indígenas do Brasil. Estes se teriam recusado a trabalhar de enxada nos canaviais portugueses, num gesto superior de grandes de Espanha. Grandes de Espanha por temperamento. Duros, hirtos, inadaptáveis.



Case-grande, senzala e outros edifícios de uma fazenda opulenta do Sul:
a de São Joaquim da Gramma. (Segundo fotografia do I.P.H.A.N.)

O critério histórico-cultural, porém, que tantas vezes tem retificado o fisiológico e o psíquico na discriminação de caracteres étnicos, mostra-nos ter havido da parte dos ameríndios incapacidade antes social e técnica que psíquica e biológica. Embora não se devam desprezar as indisposições psíquicas, o fato que avulta é o do nomadismo de vida econômica atuando poderosamente sobre os ameríndios; incapacitando-os para o trabalho agrícola regular. Ora, a esse trabalho e ao da criação de gado e utilização de sua carne e leite, já se tinham afeito várias sociedades africanas donde nos vieram escravos em grandes massas.

Fique bem claro: não pretendemos negar ao critério de tipos psicológicos a possibilidade de vantajosa aplicação à discriminação de traços étnicos. A introversão do índio, em contraste com a extroversão do negro da África, pode-se verificar a qualquer momento no fácil laboratório que, para experiências desse gênero, é o Brasil. Contrastando-se o comportamento de populações negróides como a baiana — alegre, expansiva, sociável, loquaz — com outras menos influenciadas pelo sangue negro e mais pelo indígena — a piauiense, a paraibana ou mesmo a pernambucana — teu-se a impressão de povos diversos. Populações tristonhas, caladas, sensas e até sornhábicas, as do extremo Nordeste, principalmente nos sertões; sem a alegria comunicativa dos baianos; sem aquela sua petulância às vezes irritante.

Mas também sem a sua graça, a sua espontaneidade, a sua correstia, o seu riso bom e contagioso. Na Bahia tem-se a impressão de que todo dia é dia de festa. Festa de igreja brasileira com folha de canela, bolo, fogueite, namoro.

Pitt-Rivers confronta as danças dos negros com as dos índios, salientando naquelas a espontaneidade de emoção, experimentada em grandes efeitos de massa mas sem rigidez nenhuma de ritual com o compassado e o medido das danças ameríndias. Danças quase puramente dramáticas. Apolíneos, diria Ruth Benedict, a quem devemos estudos tão interessantes sobre os povos que denomina apolíneos, em oposição aos dionisíacos. Esse contraste pode-se observar nos xangôs afro-brasileiros — ruidosos, exuberantes, quase sem nenhuma repressão de impulsos individuais; sem a impassibilidade das cerimônias indígenas.

Tais contrastes de disposição psíquica e de adaptação talvez biológica ao clima quente explicam em parte ter sido o negro branco na obra de colonização aerária; o fato de haver afe desempenhado entre os indígenas uma missão civilizadora no sentido europeizante. Missão que quiséramos fosse melhor conhecida pelos nossos indianófilos. Roquette-Pinto foi encontrar evidências, entre populações do Brasil Central, da ação europeizante de negros quilombos. Escravos fugidos: que propagaram entre os indígenas, antes de qualquer missionário branco, a língua portuguesa e a religião católica. Aquilombados na Serra dos Pareci, os negros fugidos cruzaram com mulheres roubadas aos indígenas. Uma bandeira que os foi dispersar no século XVIII encontrou ex-escravos dirigindo populações aquilombadas de cafuzos. Encontrou grandes plantações. Criação de galinhas. Cultura de algodão. Fabrico de panos grossos. E todos os caborés de maior idade verificaram os bandeirantes que “sabiam alguma doutrina cristã que aprenderam com os negros [...] todos falavam português com a mesma inteligência dos pretos, de quem aprenderam”.¹¹

Mas admitido que predomine a extroversão entre os negros, não lhes atribuíamos influência absoluta. Os antecedentes e predisposições de cultura do africano é que devem ser tomados em maior conta. E dentro desses antecedentes e predisposições de cultura, a dieta ou o regime alimentar.

A cultura e o peso do homem variam consideravelmente sob a ação da dieta tanto de região para região como de classe para classe. Os indivíduos de classe elevada são quase sempre mais altos e corpulentos que os de classe inferior. Superioridade atribuída pelos pesquisadores modernos ao fato de consumirem

aqueles indivíduos maior quantidade de produtos ricos em "vitamina de crescimento".¹² F. P. Armitage procura mostrar, em livro bem documentado, que até a cor e a forma de crânio dependem da qualidade de alimento.¹³ Na Rússia verificou-se, diz-nos Sorokin, que em consequência da fome de 1921/1922 houve diminuição de estatura,¹⁴ enquanto na Holanda, segundo Otto Ammon, e na América, segundo Ales Hrdlicka, tem-se observado a elevação da estatura, devida, provavelmente, a modificações de condições sociais e de alimentação.¹⁵

No caso dos negros, comparados com os indígenas do Brasil, pode-se talvez atribuir parte de sua superioridade de eficiência econômica e eugênica ao regime alimentar mais equilibrado e rico que o dos outros povos ainda nômades, sem agricultura regular nem criação de gado. Devendo-se acrescentar que vários dos mais característicos valores nutritivos dos negros — pelo menos os vegetais — acompanharam-nos à América, concorrendo para o processo como que de africanização aqui sofrido por brancos e indígenas; e amaciando para os africanos os efeitos perturbadores da transplantação. Uma vez no Brasil, os negros tornaram-se, em certo sentido, verdadeiros donos da terra: dominaram a cozinha. Consejaram em grande parte sua dieta.

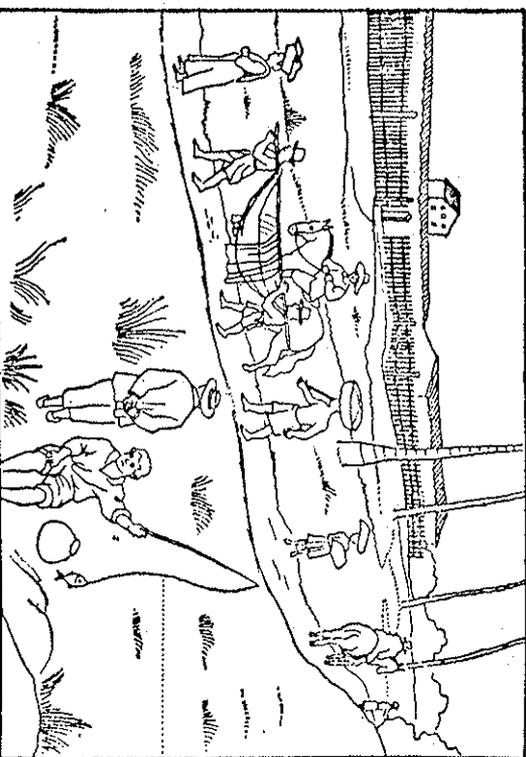
É verdade que não deixou de verificar-se neles certa tendência para se conformarem aos usos do homem nativo; menos, porém, que nos adventícios de origem européia, para os quais a transplantação foi experiência mais radical; maior a novidade do clima e do meio físico e bioquímico.

Em 1909 Leonard Williams, em trabalho que ficou então abafado sob as idéias ortodoxas da biologia weismanniana, sugeriu as possibilidades da influência do clima fazer-se sentir sobre o caráter racial através das glândulas endócrinas. Essa influência pareceu-lhe explicar diferenças entre asiáticos e europeus, latinos e anglo-saxões. Se num dos seus exemplos — acolhido aliás por W. Langdon Brown sem retificação nenhuma — Williams foi de todo infeliz — o dos judeus terem adquirido em climas frios da Europa cabelo arriçado e pele fina — outros pontos, sua argumentação impõe-se ao interesse dos antropólogos modernos. A base endocrinológica da teoria de Leonard Williams é que a pele pode se comparar a uma placa sensível: estimulada, produz atividades reflexas em órgãos distantes.¹⁶ A formação do pigmento cutâneo se teria desenvolvido como proteção a excessos de tais estímulos: e os órgãos distantes nos quais se produziriam as mais importantes atividades reflexas seriam as glândulas endócrinas. Esta teoria, a que em 1909 quase não se prestou atenção nenhuma, vai sendo hoje estudada

com interesse. Numa das mais sugestivas monografias médicas editadas pelo Professor Maclean, da Universidade de Londres, W. Langdon Brown versa o assunto a propósito das relações das glândulas endócrinas com o metabolismo geral. Parece-lhe fora de dúvida que na produção do pigmento intervinham as glândulas supra-renais e pituitária. "Que a pituitária tanto quanto as supra-renais intervinham de modo importante no processo de pigmentação, demonstra-o a maneira por que os girinos, após a extração dessa glândula, tornam-se albinos." Parece-lhe também estabelecida a íntima relação entre as glândulas produtoras de calor e a pigmentação; donde se concluiria a melhor adaptabilidade dos morenos que dos louros e albinos aos climas quentes. Brown cita a propósito que o governo da França vem recusando empregar gente alva e loura no serviço colonial nos trópicos, preferindo os franceses do Sul, "capazes de desenvolver pigmento protetor".¹⁷

Para Leonard Williams outras alterações ocorreriam em adventícios por efeito do clima e através do processo químico cuja importância destacou; e veremos mais adiante que as possibilidades dessas alterações constituem um dos problemas por assim dizer dramáticos na Antropologia e na Sociologia moderna. Assim os descendentes de europeus na América do Norte estariam se conformando aos traços aborígenes: "*the stereotyping by the climate of the North American continent of the descendants of its widely dissimilant annual European recruits into the hatchet-shaped face and wily frame of the red Indian aborigens*".¹⁸

O assunto se acha ainda cheio de sombras. Dele o que se sabe de certo é quase nada: apenas o bastante para nos advertir contra os preconceitos de sistema e os exageros de teoria. A verdadeira relação do pigmento com o meio físico permanece um dos problemas mais obscuros em Antropologia. A generalização de que o homem é escuro ou preto nas regiões quentes, róseo ou alvo no hemisfério Norte, opõem-se restrições sérias. Haddon salienta que se encontram povos de cor e de caracteres físicos diferentes cujas condições de ambiente e de clima são entretanto análogas. Cita o exemplo do negro retinto do Congo, cujo meio físico pouco difere das condições do interior de Bornéu ou da Amazônia. Entretanto, os nativos dessas regiões são de um amarello-pálido ou cor de canela. Tampouco lhe parece haver motivo de clima para os australianos serem tão escuros na cor da pele. Os australianos e os tasmânicos. Pode-se concluir, segundo esse antropólogo: a) que a pigmentação surgiu espontaneamente, independente da ação do meio em período de varia-



Senhora de engenho viajando de rede, carregada por escravos negros. (Segundo ilustração do livro de Barleus.)

bilidade, e que os indivíduos de pigmento escuro, mais aptos para resistir às condições tropicais, sobreviveram aos outros; b) ou por outro lado, que a pigmentação represente adaptação ao meio, tendo resultado de longa influência deste sobre o homem em época em que os tecidos seriam mais plásticos e suscetíveis do que hoje; a variação assim adquirida ter-se-ia tornado transmissível, embora se desconheça o mecanismo pelo qual as células do germe possam receber influência exterior.¹⁹

É onde o problema se entronca noutro — talvez o mais importante que agite a Biologia moderna: o da transmissão de caracteres adquiridos. Ninguém hoje se abandona com a mesma facilidade de há vinte ou trinta anos ao rígido critério weismanniano da não transmissão de caracteres adquiridos. Ao contrário: um neodarwinismo se levanta nos próprios laboratórios onde se sorriu de Lamarck. Laboratórios onde o ambiente vai se assemelhando um pouco ao das catedrais católicas no século XVII. Para Bertrand Russell o cepticismo científico de que Eddington é talvez o representante mais ilustre pode resultar no fim da era científica; precisamente como do cepticismo teológico da Renascença resultou o fim da era católica. O homem de cultura científica de hoje já não sorri apenas do darwinismo ortodoxo de seus avós. Começa a sorrir também do

entusiasmo weismanniano da geração de seus pais. Mas esse profundo cepticismo talvez não signifique o fim da era científica. Dele é possível que se aproveite a ciência para avigorar-se em vez de enfraquecer-se. Nunca porém para encher-se das pretensões à onipotência que a caracterizaram durante a segunda metade do século XIX e nos princípios do XX.

Sob o novo cepticismo científico o problema dos caracteres adquiridos é dos que se recolocam entre as questões flutuantes e suscetíveis de debate. Já não soa tão persuasiva a palavra de Weismann: os caracteres adquiridos não se transmitem. Os caracteres somatogênicos não se convertem em blastogênicos. São as experiências práticas de Pavlov, na Rússia, e de McDougall, nos Estados Unidos, que vêm enriquecer o neodarwinismo ou, pelo menos, afetar o weismannismo. Em comunicação ao Congresso de Fisiologia reunido em Edimburgo o professor russo versou o problema dos reflexos, isto é, das "respostas automáticas aos estímulos de várias espécies por meio do sistema nervoso". Distinguiu o Professor Pavlov os reflexos condicionados, isto é, adquiridos individualmente, dos não-condicionados. E apresentou o resultado de suas pesquisas sobre os estímulos de vista e cheiro de alimento. Estímulos naturais. Certos movimentos característicos se verificam; vem a saliva; a água na boca. Toda uma série de reflexos não-condicionados. Mas se toda vez que se der alimento ao animal se estabelecer gradualmente uma ligação entre o som de uma campã e o reflexo alimentar, depois da coincidência repetir-se durante suficiente número de vezes, a reação alimentar se verificará em respostas ao som puro e simples. Nas exatas palavras do Professor Pavlov: "Conseguimos obter o reflexo condicionado de alimentação em ratos brancos, por meio do som de uma campã elétrica. Com o primeiro grupo de ratos foi necessário repetir a coincidência do toque da campã com a alimentação trezentas vezes para conseguir-se um reflexo satisfatório ("well-established reflex"). A segunda geração formou o mesmo reflexo após cem repetições. A terceira adquiriu o reflexo depois de trinta repetições. A quarta, depois de dez. A quinta depois de cinco, somente... Tendo por base esses resultados, antecipo o fato de que uma das próximas gerações dos ratos mostrará a reação alimentar ao ouvir o primeiro toque da campã elétrica."²⁰

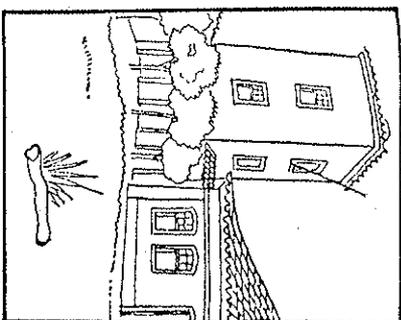
O Professor Arthur Dendy, que salienta a importância social das experiências do mestre russo, lembra uma das mais sugestivas evidências indiretas a favor da possível transmissão dos caracteres adquiridos: o endurecimento da pele ou a calosidade do calcanhar humano. Sabe-se, diz ele, que calosidades

dessa natureza podem-se obter por fricção ou pressão. O fato, por conseguinte, da criança nascer com a pele da sola do pé já endurecida, e desse característico endurecimento verificar-se antes mesmo da criança nascer, longo tempo antes — de modo a não poder atribuir-se à fricção ou à pressão — leva-nos a concluir por uma modificação causada originalmente pelo uso do pé, e tornada fixa, por assim dizer, por hereditariedade.²¹ Em outras palavras: seria este um caso de caráter somatogênico que através de muitas gerações se teria tornado blastogênico.

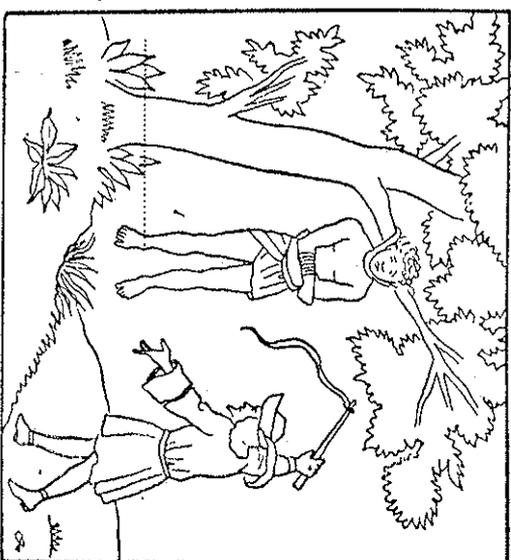
Impressionantes são também as experiências de Kammerer; experiências sobre mudanças de cor e de hábitos de reprodução de anfíbios e répteis ao estímulo de meios ou ambientes novos.²² E, dentre as mais recentes, as de Guyer e Smith sobre defeitos adquiridos de visão, transmitidos, ao que parece, hereditariamente, e comportando-se como recessivos mendelianos.²³ Também as de Little, Bags, Harrison, Muller. São experiências, sem dúvida, necessitando de confirmação; mas que indicam o muito de flutuante que encerra o assunto. De flutuante e duvidoso. Weismannianos e neolamarckianos são hoje em Fisiologia e Biologia uns como geólogos da predestinação e do livre arbítrio.

Diante da possibilidade da transmissão de caracteres adquiridos, o meio, pelo seu físico e pela bioquímica, surge-nos com intensa capacidade de afetar a raça, modificando-lhe caracteres mentais que se tem tentando ligar a somáticos. Já as experiências de Erantz Boas²⁴ parecem indicar que o biochemical content — como o chama Wissler — é capaz de alterar o tipo físico do imigrante. Admitida essa alteração, e a possibilidade de gradualmente, através de gerações, conformar-se o adventício a novo tipo físico, diminui, consideravelmente, a importância atribuída a diferenças hereditárias de caráter mental, entre as várias raças. Diferenças interpretadas como de superioridade e inferioridade e ligadas a traços ou caracteres físicos.

Aliás na inferioridade ou superioridade de raças pelo critério da forma do crânio já não se acredita; e esse descêditto leva atrás de si muito do que pareceu ser científico nas pressões de superioridade mental, inata e hereditária, dos brancos sobre os negros. A teoria da superioridade dos dólico-louros tem recebido golpes profundos nos seus próprios redutos. Hertz mostrou recentemente, baseado em pesquisas de Nystrom entre quinhentos suecos, que naquele viveiro de dólico-louros os indivíduos das classes mais altas eram em grande maioria braquicéfalos. E não só eles; também os homens eminentes, vindos das classes baixas. E é Hertz quem sahenia não



Casa-grande, com torre, na Casa-Forte (Perambuco), perto da campina em que se travou grande combate entre os holandeses e os brasileiros. (Segundo fotografia do Autor.)



Cena do século XVII: um escravo chicoteado. (Segundo ilustração da Relation, de Froger.)

terem sido nórdicos puros nem Kant nem Goethe nem Beethoven nem Ibsen nem Lutero nem Schopenhauer nem Schubert nem Schumann nem Rembrandt. Quase nenhum dos homens mais gloriosos dos países nórdicos.²⁵

Quanto ao peso do cérebro, à capacidade do crânio e à sua significação, são pontos indecisos. Se as pesquisas antropométricas realizadas por Hunt no Exército americano durante a Guerra Civil e continuadas por Bean indicam que o cérebro do negro é mais leve e menor do que o do branco e as de Pearson parecem indicar no negro menor capacidade de crânio do que no branco europeu, contra as conclusões de inferioridade da raça preta, baseadas em tais resultados, opõem-se fatos consideráveis. Aceitas as médias do peso do cérebro do negro — 1.292 — e do branco — 1.341 — há entretanto que considerar o fato da média do peso do cérebro da mulher branca ser de 1.250 g; e a média do cérebro do chinês, 1.428 g.²⁶ Por conseguinte — notavelmente inferior a média da mulher branca à do homem negro; e a do amarelo (chinês) superior à do branco.

O que se sabe das diferenças da estrutura entre os crânios de brancos e negros não permite generalizações. Já houve quem observasse o fato de que alguns homens notáveis têm sido indivíduos de crânio pequeno, e autênticos idiotas, donos de crânios enormes.

Nem merece contradita séria a superstição de ser o negro, pelos seus característicos somáticos, o tipo de raça mais próximo da incerta forma ancestral do homem cuja anatomia se su-põe semelhante à do chimpanzé. Superstição em que se baseia muito do julgamento desfavorável que se faz da capacidade mental do negro. Mas os lábios dos macacos são finos como na raça branca e não como na preta — lembra a propósito o Professor Boas.²⁷ Entre as raças humanas são os europeus e os australianos os mais peludos de corpo e não os negros. De modo que a aproximação quase se reduziria às vendas mais chatas e escancaradas no negro do que no branco.

São esses característicos físicos — principalmente a forma do crânio — que se tem pretendido ligar à inferioridade do negro em realizações e iniciativas de ordem intelectual e técnica; inferioridade essa que seria congênita. Outra tem sido a conclusão dos que mais demoradamente têm procurado confrontar a inteligência do negro com a do branco. Bryant e Seligman, por exemplo, de estudos comparativos entre escolares bantus e europeus na África do Sul concluíram pela maior precocidade e mais rápido desenvolvimento mental dos bantus até a idade de doze anos, em contraste com o desenvolvimento mais demorado e tardinho do europeu até a puberdade, porém maior que o dos negros daí em diante; concluíram ainda que o africano, excedido pelo europeu no confronto de qualidades de reflexão, julgamento, compreensão, excede o branco em memória, intuição, ou percepção imediata das cousas, e capacidade de assimilação.²⁸ Diferenças difíceis de reduzir, como nota Pit-Rivers, a um fator de inteligência geral²⁹ que sirva de base a conclusões de inferioridade ou superioridade de uma raça sobre a outra.

O depoimento dos antropólogos revela-nos no negro traços de capacidade mental em nada inferior à das outras raças: “considerável iniciativa pessoal, talento de organização, poder de imaginação, aptidão técnica e econômica”, diz-nos o Professor Boas.³⁰ E outros traços superiores. O difícil é comparar-se o europeu com o negro, em termos ou sob condições iguais. Acima das convenções: numa esfera mais pura, onde realmente se confrontassem valores e qualidades. Por longo tempo, a grande e forte beleza da arte de escultura, por exemplo, foi considerada pelos europeus simples *grotesquerie*. E simplesmente por chocarem-se suas linhas, sua expressão, seu exagero artístico de proporções e de relações, com a escultura convencional da Europa greco-romana. Esse estreito critério ameaçou de sufocar, no Brasil, as primeiras expressões artísticas de es-

portantidade e de força criadora que, revelando-se principalmente nos mestiços, de mãe ou avó escrava, trouxeram à tona valores e cânones antieuropeus. Quase por milagre restam-nos hoje certas obras do Aleijadinho. Requintados no gosto europeu de arte ou na ortodoxia católica, várias vezes pediram a destruição de “figuras” que mais pareciam fetiches.”³¹

Quanto aos testes chamados de inteligência, muitos deles de resultados tão desfavoráveis ao negro,³² sua técnica tem sofrido restrições sérias. Goldenweiser ridiculariza-os como método de medir qualidades de raça; deixam o negro pouco acima do macaco, escreve ele. “O ponto de vista estatístico”, acrescenta, “o desejo de exprimir os fatos em números e curvas é uma louvável atitude, resultado do método crítico e objetivo; mas tem seus perigos. Quando alguém exprime qualquer bobagem em palavras não há dano nenhum; mas se a exprime em fórmulas matemáticas surge o perigo da roupagem matemática dissimular a bobagem.”³³ Também Kelsey critica os testes na sua pretensão de medirem qualidades de raça; e aponta neles grossos defeitos e irregularidades de técnica desfavoráveis ao negro.³⁴

Aliás os resultados desses testes têm sido contraditórios; e não unânimes em fixarem a “inferioridade mental” do negro, como pretende Sorokin. As pesquisas realizadas entre 408 escolares de Missuri chegaram à conclusão de que as diferenças de capacidade mental entre eles e os brancos diminuíam com a idade; as realizadas em Atlanta que as diferenças aumentavam. A pesquisa de Freeman concluiu pela superioridade dos americanos sobre os negros em todas as idades menos no grupo de 10 anos; mas concluiu também pela superioridade dos negros americanos sobre os italianos brancos, com exceção de dois grupos. Pintner e Keller encontraram entre os negros o mesmo Q. I. que entre os escoceses; e superior ao dos gregos, italianos, polacos. E Hirsh encontrou nos negros Q. I. superior ao dos portugueses. Nos próprios testes do Exército americano, tão citados contra o negro, os resultados acusaram maiores diferenças entre os negros do Norte e do Sul dos Estados Unidos que entre negros e brancos; e colocaram os negros do Estado de Ohio em plano superior aos brancos de todos os Estados do Sul, com exceção da Flórida.³⁵

Não se negam diferenças mentais entre brancos e negros. Mas até que ponto essas diferenças representam aptidões inatas ou especializações devidas ao ambiente ou às circunstâncias econômicas de cultura é problema difícil de apurar. Sorokin inclina-se a admitir a superioridade do fator hereditária de so-

bre o fator *ambiente*, aproximando-se assim do biologismo. Ninguém investe com maior vigor contra Huntington e o determinismo geográfico.³⁶ Esquece, porém, ao nosso ver, que os dois fatores em muitos pontos se cruzam, sendo difícil de separar a hereditariedade, do meio. Praticamente se admitimos a possibilidade de se transmitirem influências adquiridas em novo meio físico ou sob ação bioquímica.

Lowie parece-nos colocar a questão em seus verdadeiros termos. Como Franz Boas, ele considera o fenômeno das diferenças mentais entre grupos humanos mais do ponto de vista da história cultural e do ambiente de cada um do que da hereditariedade ou do meio geográfico puro. "Como explicar, se não pela História, as grandes oscilações na cultura britânica?"... pergunta Lowie. "Ou admite-se que os patriarcas elisabetanos eram portadores em suas células sexuais de fatores que desapareceram sob o Puritanismo e reapareceram sob a Restauração? O mesmo pode perguntar-se do povo japonês e do seu sensacional desenvolvimento desde 1876. De Atenas e da sua rápida floração de gênios de 530 a 430 A. C. E, ainda, da Alemanha e da sua brilhante superioridade musical. Superioridade de raça? Mas fundamentalmente a raça é a mesma que a inglesa — gente que mal sabe assoviar no banho e cantar hinos de igreja. A diferença étnica que há, deveria ser a favor dos ingleses, pois ela os aproxima dos gregos [...]. Devemos ter a franqueza de admitir que a aptidão musical é nata na raça [...]. A sociedade alemã vem desde algum tempo estimulando sistematicamente a cultura musical, ao contrário da sociedade inglesa que a tem negligenciado. Naquela, a natural habilidade para a Música encontrou campo livre para desenvolver-se; nesta, escassa simpatia [...]. A proeminência alemã [na Música] é recentíssima. Até poucos séculos atrás a Alemanha se achava em situação inferior à Holanda, à Itália e à própria Inglaterra. Mozart, no século XVIII, ainda desenvolveu-se sob a influência de tradições italianas."³⁷

No caso dos africanos vindos para o Brasil, dos princípios do século XVI aos meados do XIX, devemos procurar surpreender nos principais estoques de imigrantes não só o gran como o momento de cultura que nos comunicaram.

Momento que entre as tribos variou consideravelmente nesses trezentos e tantos anos de profundas infiltrações maometanas na África negra. Grau que variou de maneira notável de sudaneses para bantos. Importa determinarmos a área de captura de procedência dos escravos, evitando-se o erro de ver-

mos no africano uma só e indistinta figura de "peça da Guiné" ou de "preto da Costa".

A verdade é que importaram-se para o Brasil, da área mais penetrada pelo Islamismo, negros maometanos de cultura superior não só à dos indígenas como a da grande maioria dos colonos brancos — portugueses e filhos de portugueses quase sem instrução nenhuma, analfabetos uns, semi-analfabetos na maior parte. Gente que quando tinha de escrever uma carta ou de fazer uma conta era pela mão do padre-mestre ou pela cabeça do caixeiro. Quase que só sabiam lançar no papel o jamegão; e este mesmo em letra troncha. Letra de menino aprendendo a escrever

O Abade Étienne revela-nos sobre o movimento malé da Bahia em 1835 aspectos que quase identificam essa suposta revolta de escravos com um desabafo ou erupção de cultura adiantada, oprimida por outra, menos nobre. Não romantizemos. Fosse esse movimento puramente malé ou maometano, ou combinação de vários grupos sob líderes muçulmanos, o certo é que se destaca das simples revoltas de escravos dos tempos coloniais. Merece lugar entre as revoluções libertárias, de sentido religioso, social ou cultural. O relatório do chefe de polícia da província da Bahia, por ocasião da revolta, o Dr. Francisco Gonçalves Martins, salienta o fato de quase todos os revoltosos sabermem ler e escrever em caracteres desconhecidos. Caracteres que "se assemelham ao árabe", acrescenta o bacharel, passado, naturalmente, de tanto manuscrito redigido por escravo. "Não se pode negar que havia um fim político nesses levantamentos; pois não cometiam roubos nem matavam seus senhores ocultamente."³⁸ É que nas senzalas da Bahia de 1835 havia talvez maior número de gente sabendo ler e escrever do que no alto das casas-grandes. Mal saíra a nação, vencidos apenas dez anos de vida independente, do estado de ignorância profunda em que a conservara a Coroa no século XVIII e princípios do XIX, quando "os mais simples conhecimentos elementares eram tão pouco espalhados que, não raro, ricos fazendeiros do interior encarregavam seus amigos do litoral de lhes arranjar um gento que em vez de quaisquer outros dotes apenas soubesse ler e escrever."³⁹

Os historiadores do século XIX limitaram a procedência dos escravos importados para o Brasil ao estoque banto. É ponto que se deve retificar. De outras áreas de cultura africana transportaram-se para o Brasil escravos em grosso número. Muitos de áreas superiores à banto. A formação brasileira foi beneficiada pelo melhor da cultura negra da África, absorvendo ele-

mentos por assim dizer de elite que faltaram na mesma proporção ao Sul dos Estados Unidos. "I have often thought that slaves of the United States are descended not from the noblest African stock", observou Fletcher confrontando os escravos das senzalas brasileiras com os dos Estados Unidos.⁴⁰

Sá Oliveira errou ao escrever que na estratificação social da Bahia "veio colocar-se nas ínfimas camadas uma onda volumosa de africanos quase todos colhidos nas tribos mais selvagens dos cafres e atirados aos traficantes de escravos do litoral da África".⁴¹ Exagero. Porque não foi menor o número de sudaneses; estes, segundo as pesquisas de Nina Rodrigues, é que predominaram na formação baiana: pelo menos a certa altura.

Foram Spix e Martius — pensa Nina Rodrigues — que criaram o erro de supor-se exclusivamente banto a colonização africana do Brasil. E ao ilustre professor, então catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia, deve-se o primeiro esforço crítico no sentido da discriminação dos estoques africanos de colonização do Brasil. "Nos seus prestimosos estudos sobre o nosso país", diz Nina Rodrigues nas páginas do seu trabalho *O Problema da Raça Negra na América Portuguesa*,⁴² "reduzem estes autores [Spix e Martius] as procedências do tráfico para o Brasil às colônias portuguesas da África Meridional e às ilhas do Golfo de Guiné. Para eles, dos Congos, Cabindas e Angolas na costa ocidental da África, dos Macuas e Angicos, na oriental, provieram todos os africanos brasileiros. Também se referem às procedências de Cacheo e Bissau para os negros de Pernambuco, Maranhão e Pará, naturalmente mais conhecidos pela história da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, com que foi feito o contrato da introdução desses negros. Mas nem destes, nem dos procedentes das ilhas de Fernando Pó, Príncipe, São Tomé e Ano Bom, a que também aludem, convenientemente se ocuparam. Mal se concebe como os negros sudaneses tivessem escapado à sagaz observação de Spix e Martius que a propósito da Bahia se ocuparam do tráfico africano e estiveram nesta província precisamente ao tempo em que dominavam aqui os sudaneses."

Infelizmente as pesquisas em torno da imigração de escravos negros para o Brasil tornaram-se extremamente difíceis, em torno de certos pontos de interesse histórico e antropológico, depois que o eminente baiano, Conselheiro Rui Barbosa, ministro do Governo Provisório após a proclamação da República de 89, por motivos ostensivamente de ordem econômica — a circular emanou do Ministro da Fazenda sob o n.º 29 e com data de 13 de maio de 1891 — mandou queimar os arquivos

da escravidão. Talvez esclarecimentos genealógicos preciosos se tenham perdido nesses autos-de-fé republicanos.

Mesmo sem o valioso recurso das estatísticas aduaneiras de entrada de escravos pôde Nina Rodrigues destruir o mito do exclusivismo banto na colonização africana no Brasil. Basta, na verdade, atentar-se na política portuguesa de distribuição de negros nas colônias para duvidar-se de semelhante exclusivismo. Ora, essa política foi não permitir que se juntasse numa capitania número preponderante da mesma nação ou estoque. "Do que facilmente podem resultar perniciosas consequências" como em carta a Luís Pinto de Sousa dizia em fins do século XVIII Dom Fernando José de Portugal.⁴³ Se na Bahia predominaram sudaneses e no Rio e em Pernambuco negros austrais do grupo banto, não significa que outros estoques não fornecessem seu contingente aos três grandes centros de imigração e distribuição de escravos.

A carta escrita por Henrique Dias aos holandeses em 1647 traz a respeito preciosos dados: "De quatro nações se compõe esse regimento: Minas, Ardas, Angolas e Creoulos: estes são tão malevolos que não temem nem devem; os Minas tão bravos que aonde não podem chegar com o braço, chegam com o nome: os Ardas tão fogosos que tudo querem cortar de um só golpe; e os Angolas tão robustos que nenhum trabalho os cança."⁴⁴

Ora, os "Ardas" ou "Ardras" eram gege ou daomeanos do antigo reino da Ardia; os Minas, nagô; os Angola, apenas, banto.

Já Bartêus, lembra Nina Rodrigues que se referia aos ardenses. E refere-se. Mas para considerá-los péssimos escravos agrários. Eles, os calabrenses, os de Guiné, Cabo, Serra Leoa. Bons para o trabalho no campo eram os Congo, os sombrenses e os Angola. Os da Guiné Cabo, Serra Leoa, maus escravos, porém, bonitos de corpo. Principalmente as mulheres. Daí serem as preferidas para os serviços domésticos; para o trabalho das casas-grandes.⁴⁵ Fácil é de imaginar, completando a imitação do cronista, que também para os doces concubinatários ou simples amores de senhor com escrava em que se regatou o patriarcalismo colonial.

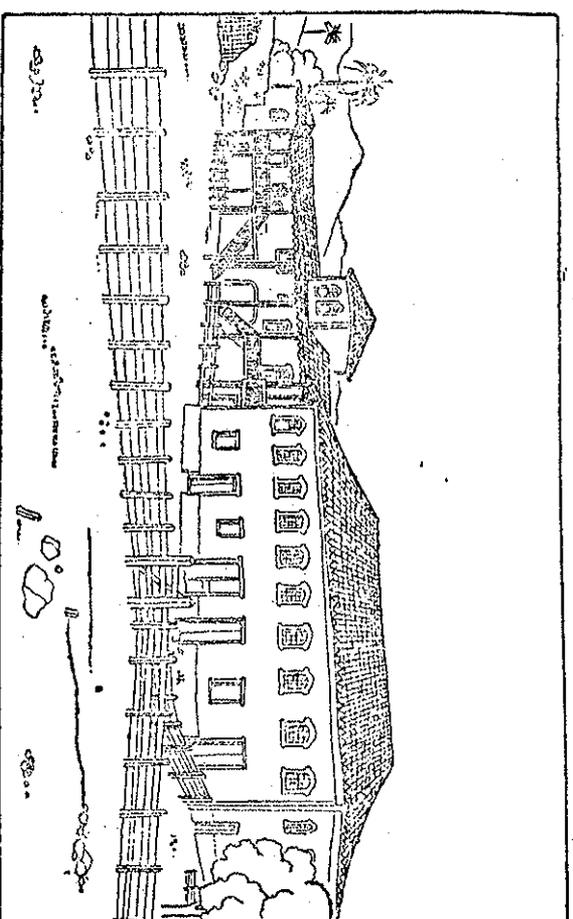
Um depoimento valioso a favor da tese de Nina Rodrigues, e que este parece ter desconhecido, é o de João de Laet na sua *História ou Annas dos Feitos da Companhia Privilegiada das Indias Ocidentales desde o seu Começo até o Fim de 1636*, publicada originalmente em Leide em 1644. Dos negros de Angola, diz Laet, resumindo informações do conselheiro político

Servícios Carpentier sobre a capitania da Paraíba, que eram os empregados em maior número no serviço da lavoura. Mas "sempré mantidos com muitos agoites". Acrescentando: "os negros de Guiné são excelentes, de sorte que a maior parte são utilizados nos serviços domésticos, para copeiros, etc.; os do Cabo Verde são os melhores e os mais robustos de todos e são os que custam mais caro aqui". Quanto à capitania de Pernambuco trazem os *Annaes* a informação de grande tráfico annual entre o porto do Recife e não somente Angola mas "outras regiões da África". É verdade que maiores seriam as facilidades de comunicação com Angola. O Conde de Nassau quis fazer do Recife o principal centro distribuidor de escravos para as plantações americanas e para as minas do Peru, ficando Angola sob a imediata dependência do governo de Pernambuco. Ao seu ver Pernambuco tinha direitos adquiridos sobre Angola. São Tomé e Ano Bom: as forças holando-brasilianas é que haviam tomado dos espanhóis essas colônias africanas. E do Recife e não de Amsterdã pensava ele que devia ser dirigido o comércio de escravos.⁴⁶

Embora o plano do conde não tivesse vingado — temendo-se porventura em Amsterdã que Nassau preparasse o terreno para a fundação de um principado tropical, unidas aquelas colônias africanas ao Norte do Brasil — o certo é que a importação de negros se fez à grande sob o domínio holandês. Mas as informações de Laet indicam que mesmo sob o domínio holandês os escravos importados não procederam exclusivamente de Angola.

As evidências históricas mostram, assim, ao lado das pesquisas antropológicas e de lingüística realizadas por Nina Rodrigues entre os negros da Bahia, a frouxa base em que se firma a idéia da colonização exclusivamente banto do Brasil.⁴⁷ Ao lado da língua banto, da quimbunda ou congoense falaram-se entre os nossos negros outras linguas-gerais: a gege, a haúça, a nagô ou ioruba — que Varrhagen dá como mais falada do que o português entre os antigos negros da Bahia.⁴⁸ Língua ainda hoje prestigiada pelo fato de ser o latim do culto gege-iorubano.

Nina Rodrigues identificou entre os negros do Brasil que ele conheceu ainda no tempo da escravidão os chamados pretos de raça branca ou Fulas. Não só futa-fulos ou Fulas puros, mas mestiços provenientes da Senegâmbia, Guiné Portuguesa e costas adjacentes. Gente de cor còbrea avermelhada e cabelos ondeados quase lisos. Os negros desse estoque, considerados, por alguns, superiores aos demais do ponto de vista an-



Fazenda Rio de São João, Santa Bárbara, Minas. (Segundo fotografia do IPHAN)

tropológico, devido à mistura de sangue hamítico e árabe, vieram principalmente para as capitanias, e mais tarde províncias, do Norte. Daqui, devem alguns ter emigrado para Minas e São Paulo. Os misticos da superioridade de raça talvez enverguem no fato a explicação das famílias mestiças do Norte e de certas regiões de Minas e São Paulo virem contribuindo para o progresso brasileiro com maior número de homens de talento — estadistas do Império, escritores, bispos, artistas, presidentes e vice-presidentes da República — do que as do Sul — Rio de Janeiro, parte de Minas e São Paulo, o Rio Grande do Sul. Poderão alegar tratar-se de um elemento com larga dose de sangue berbere, e talvez até de origem berbere. Predominantemente não-negróide, considera Haddon a esse povo africano que dá como verdadeiro nome, *Pulbe*. O mais (Fula, Fulani, Felava, Filani, Fube) seriam corruptelas. Descreve-os Haddon como gente alta, a pele amarela ou avermelhada, o cabelo ondado, o rosto oval, o nariz proeminente.

Os Haúça, estoque de que também houve larga importação para o Brasil, notadamente para a Bahia, são igualmente mestiços de *hamitas* e talvez de *berbers*, embora nestes os tra-

gos negros predominem. Também os Niam Niam, os Mangbatu, os Kanembu, os Bagirmi, os Bornu, os Kanuri.⁴⁹

Os Mandingo, de que o Brasil recebeu várias levas, acusam por sua vez sangue árabe e tuaregue; os Ioruba acusam sangue não negro, ainda por identificar, e os próprios Banto se nos apresentam, na sua grande variedade de tipos, tocados de vários sangues: de hamita e negro, principalmente. Nos demais característicos físicos são: na cor, de um pardo-escuro, choco-late, diferente do amarelo sujo ou do pardo-claro, avermelhado, dos fulos, tanto quanto da cor de couro dos hotentotes e dos boximanes ou do preto retinto dos nativais da Guiné; dos licocéfalos (havendo entretanto grupos de mesocéfalos): menor prognatismo que o dos negros considerados "puros"; o nariz mais proeminente e estreito".⁵⁰

Várias invasões e migrações têm alterado, em tempos históricos, a população da Angola — origem de numerosos escravos importados para o Brasil — na sua antropologia e na sua cultura: uma delas a dos Jaga em 1490. Mas sem nenhuma alteração profunda de raça, dada a semelhança entre os estuques invasores e nativos: todos já heterogêneos desde época remota.

Dos negros importados para o Brasil podem-se incluir os Banto — sem contar exceções, consideradas apenas as grandes massas étnicas — entre os mais caracteristicamente negros; pelo que não significamos a cor — convenção quase sem importância — e sim traços de caracterização étnica mais profunda: o cabelo em primeiro lugar. Este, como se sabe, mostra-se encarrapinhadíssimo nos *ulorichi africani*. Esse característico não se encontra tão carregado nos indivíduos dos vários estuques mestiços de hamitas e até de berberes de que nos vieram numerosos escravos: enquanto os fulos e outros povos da África oriental que contribuíram também para a formação da família brasileira se filiam pelo cabelo aos *synorichi*. Cabelo mais suave. Nariz mais afilado. Traços mais próximos dos europeus. Mais doces ou "domesticados", como se diria em linguagem antropológica.

Mas dentro da orientação e dos propósitos deste ensaio, interessam-nos menos as diferenças de antropologia física (que ao nosso ver não explicam inferioridades ou superioridades humanas, quando transpostas dos termos de hereditariedade de família para os de raça) que as de antropologia cultural e de história social africana. Estas é que nos parecem indicar ter sido o Brasil beneficiado com um elemento melhor de colonização africana que outros países da América. Que os Estados Unidos, por exemplo.

Nina Rodrigues percebeu as diferenças nos estuques africanos de colonização das duas Américas; mas fixou-as do ponto de vista, por ele rigidamente adotado, da inferioridade da raça negra. Não eram negros boçais os Haúça que o tráfico lançava no Brasil, escreveu o então professor da Faculdade de Medicina da Bahia.⁵¹ E ao lado dos Haúça mesclados de sangue hamita, cita triunfante, dominado pelo critério de raça, os fula-fulos. Os "negros de raça branca", dos quais não se teria feito nenhuma grande corrente migratória da África para os Estados Unidos.

De passagem observaremos que o Professor Oliveira Vianna, o maior místico do arianismo que ainda surgiu entre nós, menos coerente que o cientista maranhense, escreveu num dos seus brilhantes trabalhos: "Os próprios negros americanos, muito superiores, aliás, aos nossos, em virtude da seleção imposta pelas contingências da luta com um adversário temível, como é o anglo-saxão, ficou muito abaixo do teor médio da civilização norte-americana, etc." Tendo antes escrito que "a potencialidade eugênica da *H. Afer*" não só "é reduzida em si mesma, como posta em função de civilização organizada pelo homem da raça branca, ainda mais reduzida se torna".⁵² As duas afirmativas do ilustre publicista brasileiro se repelem: numa, a fraca civilizabilidade do negro se reduziria em contato com a organização social da raça superior; noutra, ao contrário, se desenvolveria nesse contato.

Fique bem claro, para regalo dos arianistas, o fato de ter sido o Brasil menos atingido que os Estados Unidos pelo suposto mal da "raça inferior". Isto devido ao maior número de fula-fulos e semi-hamitas — falsos negros e, portanto, para todo bom arianista, de estoque superior ao dos pretos autênticos — entre os emigrantes da África para as plantações e minas do Brasil.

Em trabalho, já hoje clássico,⁵³ sobre a escravidão africana nos Estados Unidos, situa Phillips as principais fontes de escravos para as plantações do seu país em Serra Leoa, Costa do Grão, Costas do Marfim, do Ouro, do Escravo, Rio do Eleo, Camarão, Gabão e Loango. Na Carolina do Sul os negros da Gâmbia, principalmente os Mandingo, teriam sido os preferidos; boa aceitação tiveram também os da Angola. Os Carromantes (da Costa do Ouro), a julgar pelas palavras que Phillips transcreve de Christopher Codrington, governador das ilhas Leeward, teriam sido apreciadíssimos pelos ingleses na América colonial; e encontram-se referências a negros do Senegal, com o seu salpico de sangue árabe, preferidos pela sua "maior intelligen-

cia" para o serviço doméstico.⁵⁴ Não há, porém, evidência nenhuma de emigração africana para a América Inglesa levando consigo fula-fulos — pelo menos na mesma proporção que para a América Portuguesa; nem representantes tão numerosos da cultura maometana. Esta só no Brasil desabrochou em escolas e casas de oração; em movimentos e organizações que acusam a presença de uma verdadeira elite malé entre os colonos africanos do nosso país.

Parece que para as colônias inglesas o critério de importação de escravos da África foi quase exclusivamente o agrícola. O de energia bruta, animal, preferindo-se, portanto, o negro resistente, forte e barato. Para o Brasil a importação de africanos fez-se atendendo-se a outras necessidades e interesses. A falta de mulheres brancas; às necessidades de técnicos em trabalhos de metal, ao surgirem as minas. Duas poderosas forças de seleção.

Oliveira Viana salienta que em Minas Gerais observam-se hoje nos negros "delicadeza de traços e relativa beleza", ao contrário das "cataduras simiescas [...] abundantíssimas na região ocidental da baixada fluminense — o que indica que ali se concentrou e fixou alguma tribo de negros caracterizados pela sua fealdade: talvez os "Bisago" ou "Tebu" ou "Mandingo".⁵⁵ Deve-se notar que a primeira das regiões atraíu negros ateiros ao trabalho de metais, por conseguinte de cultura mais elevada, enquanto na segunda bastavam aos plantadores de cana-de-açúcar ou de café simples pretações vigorosas, capazes de dar conta do amanho da terra. Até hotéis e boximanes com suas ventas espartamadas e suas nádegas enormes. Ao nosso ver essas circunstâncias explicam o melhor estoque negro importado para a região mineira. Por outro lado, a superioridade de recursos económicos talvez explique o fato de Pernambuco e da Bahia terem sido beneficiados com melhor gente africana do que o Rio de Janeiro. Poderam os senhores de engenho do Norte dar-se ao luxo de importar escravos mais caros. [Oliveira Viana cita de Luis Vaia Monteiro, governador do Rio de Janeiro em 1730, palavras que vêm favorecer nossa interpretação quanto a Minas Gerais: "e pela mesma razão não há mineiro que possa viver sem nenhuma negra Mina, dizendo que só com elas têm fortuna".⁵⁶ Foram essas Minas e as Fulas — africanas não só de pele mais clara, como mais próximas, em cultura e "domesticção" dos brancos — as mulheres preferidas, em zonas como Minas Gerais, de colonização escoteira, para "amigas", "mancebas" e "caseiras" dos brancos.] Ilustres famílias daquele Estado, que ainda hoje guardam traços ne-

gróides, terão tido o seu começo nessa união de brancos com negras Minas, vindas da África como escravos, mas aqui elevadas à condição, segundo o testemunho de Vaia Monteiro, "de donas de casa". Outras terão permanecido escravas, ao mesmo tempo que amantes dos senhores brancos; preferidas como nuncams e cozinheiras". Araripe Júnior escreveu que a negra mina apresentou-se sempre no Brasil com todas as qualidades para ser "uma excelente companheira". Sadia, engenhosa, sagaz, afetiva. "Com semelhantes predicados", acrescenta Araripe, e "nas condições precárias em que no primeiro e segundo século se achava o Brasil em matéria de belo sexo era impossível que a mina não dominasse a situação."⁵⁷ Dominou-a em várias regiões. Particularmente em Minas no século XVIII.

Em meados do século XIX, Burton encontrou em Minas Gerais uma cidade de cinco mil habitantes com duas famílias apenas de puro sangue europeu. No litoral observou o inglês que fora possível aos colonos casar suas filhas com europeus. Mas nas capitâneas do interior o mulattismo tornara-se um "mal necessário" ("mulattism became a necessary evil"). A principio é de supor — menos por casamento do que por uniões irregulares de brancos com negras, muitas vezes suas escravas. Daí a "estranha aversão ao casamento" que Burton ainda surpreendeu nas populações mineiras.

Os homens "não gostavam de casar para toda a vida", mas de uni-se ou de amasiar-se; as leis portuguesas e brasileiras, facilitando o perfilhamento dos filhos ilegítimos, só faziam favorecer essa tendência para o concubinato e para as ligações efêmeras. É verdade que já os moralistas brasileiros vinham dando combate a tamanha irregularidade, alguns tendo mesmo lembrado que se não admittissem aos cargos públicos indivíduos que vivessem em franco concubinato.⁵⁸

Os escravos vindos das áreas de cultura negra mais adiantada foram um elemento ativo, criador, e quase que se pode acrescentar nobre na colonização do Brasil; degradados apenas pela sua condição de escravos. Longe de terem sido apenas amais de tração e operários de enxada, a serviço da agricultura, desempenharam uma função civilizadora. Foram a mão direita da formação agrária brasileira, os índios, e sob certo ponto de vista, os portugueses, a mão esquerda.

E não só da formação agrária. Schwège salienta que a mineração do ferro no Brasil foi aprendida dos africanos.⁵⁹ E Max Schmidt destaca dois aspectos da colonização africana que deixam entrever superioridade técnica do negro sobre o indígena e até sobre o branco: o trabalho de metais e a criação de

gado.⁶⁰ Poderia acrescentar-se um terceiro: a culinária, que no Brasil enriqueceu-se e refinou-se com a contribuição africana.

Schmidt observou em Mato Grosso que muitas das práticas ligadas à criação de gado eram de origem africana. Também os instrumentos de ferro. Teriam sido transmitidas aos mestiços de índios com brancos pelos escravos negros. E Roquette-Pinto fixou interessante caso, que já referimos, da ação civilizadora dos escravos fugidos entre os índios da Serra dos Paracatu. Pode-se aliás generalizar dos negros fugidos, internados nas matas e nos sertões, que desempenharam todos uma útil função civilizadora: quase sempre elevando a cultura das populações indígenas, raramente deixando-se achatar ou degradar por elas. Diante dos caboclos, os negros foram elemento europeizante. Agentes de ligação com os portugueses. Com a Igreja. Exerceram não só aquele papel de mediadores plásticos entre os europeus e indígenas a que se refere José Maria dos Santos,⁶¹ mas, em alguns casos, função original e criadora, transmitindo à sociedade em formação elementos valiosos de cultura ou técnica africana.

O contato mais íntimo entre algumas das áreas mais elevadas de cultura negra e o Brasil explica, ao nosso ver, o fato observado pelo Professor Nina Rodrigues e por ele atribuído ao fator raça — isto é, infusão de sangue hamita — da superioridade da colonização negra do Brasil sobre a dos Estados Unidos. Fato que já fora salientado por um americano: Fletcher. E antes de Fletcher, pelo naturalista inglês George Gardner.⁶² O Brasil não se limitou a recolher da África a lã de gente preta que lhe fecundou os canaviais e os cafezais; que lhe amaciou a terra seca; que lhe completou a riqueza das manchas de massapé. Vieram-lhe da África “donas de casa” para seus colonos sem mulher branca; técnicos para as minas; artifices em ferro; negros entendidos na criação de gado e na indústria pastoril; comerciantes de panos e sabão; mestres, sacerdotes e tiradores de reza maometanos.⁶³ Por outro lado a proximidade da Bahia e de Pernambuco da costa da África atinou no sentido de dar às relações entre o Brasil e o continente negro um caráter todo especial de intimidade. Uma intimidade mais íntima que com as colônias inglesas. O Cônsul O'Sullivan Beare, que juntamente com Sir Roger Casement foi um dos melhores informantes de Sir Harry Johnston no Brasil, recolheu estes dados interessantíssimos sobre o comércio entre a Bahia e as cidades africanas de Lagos e Daomé nos princípios do século XIX. Comércio muito ativo e conduzido por Fulos e Mandingos: — em geral escravos.⁶³

O estudo de Melville J. Herskovits sobre a África, baseado na ideia de áreas de cultura,⁶⁴ permite-nos surpreender, nos seus altos e baixos, a cultura africana de que se contagiou e enriqueceu a brasileira, através de larga e variada importação de escravos e de freqüente comunicação comercial com portos africanos. Por esse critério, deparamo-nos com as seguintes áreas principais: a) hotentote, caracterizada pela criação de gado, pelo uso de bois no transporte de fardos, pela utilização de suas peles no vestuário, pelo largo consumo de sua carne, etc.; b) bôximane — cultura inferior à primeira, pobre, nômade, sem animal nenhum a serviço do homem a não ser o cachorro, sem organização agrária ou pastoril, semelhante nesses traços à cultura indígena do Brasil, mas superior a esta em expressão artística, em pintura pelo menos, como o demonstram os exemplos destacados por Frobenius; c) a área de gado da África oriental (Banto), caracterizada pela agricultura, com a indústria pastoril superimposta; tanto que a posse do gado numeroso e não de terras extensas é que dá ao indivíduo prestígio social; trabalhos em ferro e madeira; poligamia; feichismo; d) área do Congo (também de língua banto, ainda que na fronteira ocidental se falem ibo, fanti, etc.), estudada por Leo Frobenius no seu trabalho *Ursprung der Afrikanischen Kulturen*, em que salienta as diferenças, entre o Congo e as áreas circunvizinhas, de vestuário, tipo de habitação, tatuagem, instrumentos de música; uso da banana, etc., traços a que Herskovits acrescenta outros: a economia agrícola, além da caça e da pesca; a domesticação da cabra, do porco, da galinha e do cachorro; mercados em que se reúnem para a venda produtos agrícolas e de ferro, balaio, etc.; a posse da terra em comum; feichismo, de que é interessante expressão artística a escultura em madeira, os artistas ocupando lugar de honra na comunidade; e) Horn Oriental — região difícil de caracterizar, representando já o contato da cultura negra do Sul com a maometana do Norte; atividade pastoril; utilização de numerosos animais — vaca, cabra, carneiro, camelo; organização social influenciada pelo islamismo; f) Sudão Oriental — área ainda mais influenciada que a anterior pela religião maometana; língua árabe; abundância de animais a serviço do homem; atividade pastoril; grande uso do leite de camelo; nomadismo; tendas; vestuário de panos semelhantes aos dos berberes; g) Sudão Ocidental — outra área de interpenetração de culturas, a negra propriamente dita e a maometana; região de grandes monarquias ou reinos — Daomé, Benim, Axanti, Haúça, Bornu, Ioruba; sociedades secretas de largo e eficiente domínio sobre a vida política; agricultura, criação de gado e comércio; no-

táveis trabalhos artísticos de pedra, ferro, terracota e tecelagem; feticchismo e maometismo; h) área do deserto (berbere); i) área egípcia, cujas características dispensamo-nos de fixar por não interessarem diretamente à colonização do Brasil. Notaremos apenas o fato de terem uma e outra projetada larga influência sobre o continente africano.⁶⁵

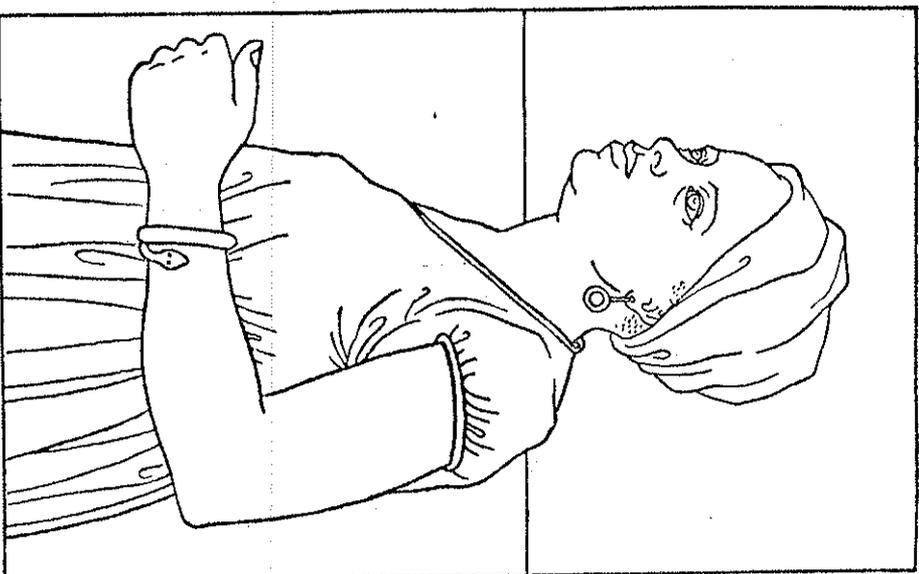
Através dessa caracterização, vê-se que nenhuma área de cultura negra, nem mesmo a boximane, se some ou achata em confronto com a dos povos indígenas do Brasil. Deve-se, porém, salientar que a colonização africana do Brasil realizou-se principalmente com elementos bantos e sudaneses. Gente de áreas agrícolas e pastoris. Bem alimentada a leite, carne e vegetais.⁶⁶ Os sudaneses da área ocidental, senhores de valiosos elementos de cultura material e moral próprios, uns e outros adquiridos e assimilados dos maometanos.⁶⁷

Aos sudaneses Nina Rodrigues dá a "preminência intelectual e social" entre os negros importados para o Brasil, parecendo-lhe filiar-se à organização religiosa dos sudaneses maometanos, não só o movimento de 1835 da Bahia mas outras revoltas de senzala. Atribui Nina grande importância à influência exercida sobre os Iorubanos ou Nagô e sobre os Ewes ou Gege pelos Fulas e Hauçá maometanos. Estes parecem ter dirigido várias revoltas de escravos. Teriam sido uns como aristocratas das senzalas. Vinham eles dos reinos de Wurno, Sokotô, Gandô, de organização política já adiantada; de literatura religiosa já definida — havendo obras indígenas escritas em caracteres arábicos; de arte forte, original, superior às anêmicas imitações portuguesas dos modelos mouriscos. Semelhantes escravos não podiam formar-se ao papel de manês-gostosos dos portugueses; nem seria a água benta do batismo cristão que, de repente, neles apagaria o fogo maometano.⁶⁸

Notou o Abade Étienne que o Islamismo ramificou-se no Brasil em seita poderosa, florescendo no escuro das senzalas. Que da África vieram mestres e pregadores a fim de ensinarem a ler no árabe os livros do Alcorão. Que aqui funcionaram escolas e casas de oração maometanas.⁶⁷

O ambiente que precedeu o movimento de 35 na Bahia foi de intenso ardor religioso entre os escravos. No beco de Mata-Porcos, na ladeira da Praça, no cruzeiro de São Francisco, à sombra das igrejas e mosteiros católicos, dos nichos da Virgem Maria e de Santo Antônio de Lisboa, escravos lidos no Alcorão pregavam a religião do Profeta, opondo-se à de Cristo, seguida pelos senhores brancos, no alto das casas-grandes. Faziam propaganda contra a missa católica dizendo que era o mesmo que

310 a. f.



Negra brasileira vendadora de cacada.
(Segundo fotografia de Ulisses de Melo Freyre.)

adorar pau; e aos rosários cristãos, com a cruz de Nosso Senhor, opunham os seus, de cinquenta centímetros de comprimento, noventa e nove contas de madeira, terminando com uma bola em vez da cruz.⁶⁸

Forçosamente o Catolicismo no Brasil haveria de impregnar-se dessa influência maometana como se impregnou da animista e feticchista, dos indígenas e dos negros menos cultos. Encontramos traços de influência maometana nos papéis com ex-

ção para livrar o corpo da morte e a casa dos ladrões e dos malfetores; papéis que ainda se costumam atar ao pescoco das pessoas ou grudar às portas e janelas das casas, no interior do Brasil. E é possível que certa predisposição de negros e mestiços para o Protestantismo, inimigo da missa, dos santos, dos rosários com a cruz, se explique pela persistência de remotos preconceitos anticatólicos, de origem maometana. Melo Moraes Filho descreve uma Festa dos Mortos, em Penedo (Alagoas),⁶⁹ que para Nina Rodrigues é, sem dúvida nenhuma, muçulmana. Longas rezas e jejuns. Abstinência de bebidas alcoólicas. Relação da festa com as fases da Lua. Sacrifício de carneiro. A vestimenta, umas longas túnicas alvas.⁷⁰

Em nossas observações de práticas e ritos de seitas africanas em Pernambuco temos várias vezes notado o fato dos devotos tirarem as botinas ou os chinelos antes de participarem das cerimônias; e num terreiro que visitamos no Rio de Janeiro notamos a importância atribuída ao fato do indivíduo estar ou não pisando sobre velha esteira estendida no meio da sala. No centro da esteira, de pernas muçulmanamente cruzadas, o negro velho, pai-de-terreiro. Junto dele um alguidar com a comida sagrada — toda picada dentro de sangue de galinha preta. Nas festas das seitas africanas que conhecemos no Recife — na dirigida por Elói, rapaz quase branco, de seus dezesseite anos, criado por negras velhas, e na de Anselmo, negro de seus cinqüenta anos, filho de africanos, que vai, freqüentemente, à Bahia “no interesse da religião” — temos observado o fato de dançarem as mulheres com uma faixa de pano amarelo em volta do pescoco. Exatamente como nos jejuns maometanos da Bahia, que Manuel Querino descreve,⁷¹ celebrados na mesma semana das festas que a Igreja dedica ao Espírito Santo. Nas festas de Anselmo, quando uma mulher termina a dança, passa o pano amarelo a outra, que, de pescoco envolvido, continua a dançar. Noutras seitas africanas, temos visto panos vermelhos, com funções evidentemente místicas. E entre seus adeptos como entre os devotos da Igreja, é comum a mística das cores se associarem promessas a santos. Manuel Querino fala também de uma “inta azul”, importada da África, de que se serviam os malês para seus feitiços ou mandingas: escreviam com essa tinta sinais cabalísticos sobre uma tábua preta. Depois lavavam a tábua, e davam a beber a água a quem quisesse fechar o corpo; ou atiravam-na no caminho da pessoa que se pretendia enfeitiçar.⁷² Importaram-se até pouco tempo da África para o Brasil *tecebas* ou rosários; instrumentos sagrados como o *heré* ou *ché-chéré* — *chocchalho* de cobre que nos rangôs ou toques alvoro-

ça as filhas-de-santo; ervas sagradas e para fins afrodisíacos ou de puro prazer.⁷³

O Catolicismo das casas-grandes aqui se enriqueceu de influências muçulmanas contra as quais tão impotente foi o padre-capelão quanto o padre-mestre contra as corrupções do portuê pelos dialetos indígenas e africanos. É ponto a que nos havemos de referir com mais vagar, esse da interpenetração de influências de cultura no desenvolvimento do catolicismo brasileiro e da língua nacional. A esta altura apenas queremos salientar a atuação cultural desenvolvida na formação brasileira pelo Islamismo, trazido ao Brasil pelos escravos malês.

Os negros maometanos no Brasil não perderam, uma vez distribuídos pelas senzalas das casas-grandes coloniais, o contato com a África. Não perderam-no aliás os negros fetichistas das áreas de cultura africana mais adiantada. Os Nagô, por exemplo, do reino de Iorubá, deram-se ao luxo de importar, tanto quanto os maometanos, objetos de culto religioso e de uso pessoal. Noz-de-cola, cauris, pano e sabão-da-costa, azeite-de-dendê.

Aliás é curioso notar que até fins do século XIX deu-se o repatriamento de haúças e nagôs libertos da Bahia para a África; que gegees libertos repatriados fundaram em Ardra uma cidade com o nome de Porto Seguro.⁷⁴ Tão íntimas chegaram a ser as relações da Bahia com cidades africanas que chefes de casas comerciais de Salvador receberam distinções honoríficas do governo de Daomé.⁷⁵

Na Bahia, no Rio, no Recife, em Minas, o traje africano, de influência maometana, permaneceu longo tempo entre os pretos. Principalmente entre as pretas doceiras; e entre as vendedeiras de aluá. Algumas delas amantes de ricos negociantes portugueses e por eles vestidas de seda e cetim. Cobertas de quimbembegues. De jóias e cordões de ouro. Figas da Guiné contra o mau-olhado. Objetos de culto fálico. Frieiras de miçangas. Colares de búzio. Argolões de ouro atravessados nas orelhas. Ainda hoje se encontram pelas ruas da Bahia negras de doce com os seus compridos xales de pano-da-costa. Por cima das muitas saias de baixo, de linho alvo, a saia nobre, adamscada, de cores vivas. Os peitos gordos, em pé, parecendo querer pular das rendas do cabeção. Tetias. Figas. Pulseiras. Rodilha ou turbante muçulmano. Chinelinha na ponta do pé. Estrelas marinhas de prata. Braçoletes de ouro. Nos princípios do século XIX Tollenare, em Pernambuco, admirou a beleza dessas negras quase rainhas. E Mrs. Graham surpreendeu-lhes a graça do talhe e o ritmo do andar.

São em geral pretalhonas de elevada estatura — essas negras que é costume chamar de baianas. Heráldicas. Aristocráticas. A estatura elevada é aliás um característico sudanês, que convém salientar.

O sudanês é um dos povos mais altos do mundo. No Senegal vêem-se negros tão altos que parecem estar andando de pernas de pau; tão compridos dentro de seus camisões de menino dormir que de longe parecem almas do outro mundo. Magricelas, dentuços, angulosos, hieráticos. Mais para o sul da África, é que se encontra gente baixa e redonda. Mulheres culatro-nas. Redondezas afrodisíacas de corpo. Hotentotes e boximanes verdadeiramente grotescos com as suas nádegas salientes (es-teopígia).

Os característicos físicos dos negros importados para o Brasil, é interessante segui-los através da linguagem pitoresca do povo, nos anúncios de compra e venda de escravos para o serviço doméstico ou agrícola. Nesse sentido a coleção do *Diário de Pernambuco* — o diário mais antigo da América chamada Latina, fundado em 1825 — apresenta-se com particular interesse para o estudante de Antropologia.⁷⁸ Vê-se através dos velhos anúncios de 1825, 1830, 35, 40, 50, a definida preferência pelos negros e negras altas e de formas atraentes. — “bonitas de cara e de corpo” e “com todos os dentes da frente”. O que mostra ter havido selecção eugênica e estética de papens, mucamas e mulcecas para o serviço doméstico — as negras mais em contato com os brancos das casas-grandes; as mães dos mulatinhos criados em casa — muitos deles futuros doutores, bacharéis e até padres.

Considerados esses pontos, que nos parecem de importância fundamental para o estudo da influência africana sobre a cultura, o caráter e a eugenia do brasileiro, sentimo-nos agora mais à vontade para o esforço de procurar surpreender aspectos mais íntimos dessa influência e desse contágio.

Mas logo de início uma discriminação se impõe: entre a influência pura do negro (que nos é quase impossível isolar) e a do negro na condição de escravo. “Em primeiro lugar o mau elemento da população não foi a raça negra, mas essa raça reduzida ao cativo”, escreveu Joaquim Nabuco em 1881.⁷⁹ Admiráveis palavras para terem sido escritas na mesma época em que Oliveira Martins sentenciava em páginas gravissimas: “Há decerto, e abundam os documentos que nos mostram no negro um tipo antropológicamente inferior, não raro próximo do antropóide, e bem pouco digno do nome de homem.”⁷⁸

Sempre que consideramos a influência do negro sobre a vida íntima do brasileiro, é a ação do escravo, e não a do negro per si, que apreciamos.⁸⁰ Ruediger Bildeu pretende explicar pela influência da escravidão todos os traços de formação econômica e social do Brasil.⁷⁹ Ao lado da monocultura, foi a força que mais afetou a nossa plástica social. Parece às vezes influência de raça o que é influência pura e simples do escravo do sistema social da escravidão. Da capacidade imensa desse sistema para rebaixar moralmente senhores e escravos. O negro nos aparece no Brasil, através de toda nossa vida colonial e da nossa primeira fase de vida independente, deformado pela escravidão. Pela escravidão e pela monocultura de que foi o instrumento, o ponto de apoio firme, ao contrário do índio, sempre movédo.

Goldenweiser salienta quanto é absurdo julgar-se o negro, sua capacidade de trabalho e sua inteligência, através do esforço por ele desenvolvido nas plantações da América sob o regime da escravidão. O negro deve ser julgado pela atividade industrial por ele desenvolvida no ambiente de sua própria cultura, com interesse e entusiasmo pelo trabalho.⁸⁰

Do mesmo modo, parece-nos absurdo julgar a moral do negro no Brasil pela sua influência deletéria como escravo. Foi o erro grave que cometeu Nina Rodrigues ao estudar a influência do africano no Brasil: o de não ter reconhecido no negro a condição absorvente de escravo. “Abstrairdo pois”, escreve ele às primeiras páginas do seu trabalho sobre a raça negra na América Portuguesa, “da condição de escravos em que os negros foram introduzidos no Brasil e apreciando as suas qualidades de colonos como faríamos com os que de qualquer outra procedência, etc.” Mas isto é impossível. Impossível a separação do negro, introduzido no Brasil, de sua condição de escravo.

Se há hábito que faça o monge é o do escravo; e o africano foi muitas vezes obrigado a despir sua camisola de malé para vir de tanga, nos negreiros imundos, da África para o Brasil. Para de tanga ou calça de estopa tornar-se carregador de tigre. A escravidão desnaturalizou o negro do seu meio social e de família, soltando-o entre gente estranha e muitas vezes hostil. Dentro de tal ambiente, no contato de forças tão dissolventes, seria absurdo esperar do escravo outro comportamento senão o imoral, de que tanto o acusam.

Passa por ser defeito da raça africana, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria, a depravação sexual. Mas o que se tem apurado entre os povos negros da África, como entre os primitivos em geral — já o salientamos em capítulo anterior —

é maior moderação do apetite sexual que entre os europeus. É uma sexualidade, a dos negros africanos, que para exaltar-se necessita de estímulos picantes. Danças afrodisíacas. Culto fálico. Orgias. Enquanto que no civilizado o apetite sexual do ordinário se excita sem grandes provocações. Sem esforço. A idéia vulgar de que a raça negra é chegada, mais do que as outras, a excessos sexuais, atribui-a Ernest Crawley ao fato do temperamento expansivo dos negros e do caráter orgiástico de suas festas criarem a ilusão de desbragado erotismo. Fato que "indica justamente o contrário", demonstrando a necessidade, entre eles, de "excitação artificial". Havelock Ellis coloca a negra entre as mulheres antes frias do que feroças: "indiferentes aos refinamentos do amor". E, como Ploss, salienta o fato dos órgãos sexuais entre os povos primitivos serem, muitas vezes, pouco desenvolvidos ("*compatively undeveloped*").⁸¹

Diz-se geralmente que a negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando precocemente no amor físico os filhos-família. Mas essa corrupção não foi pela negra que se realizou, mas pela escrava. Onde não se realizou através da africana, realizou-se através da escrava índia. O Padre Manuel Fonseca, na sua *Vida do Padre Belchior de Pontes*, é quem responsabiliza pela fácil depravação dos meninos coloniais a mulher índia. E de uma zona quase sem salpico nenhum de sangue negro é que escreveu no século XVIII o Bispo do Pará: "a miséria dos costumes neste paiz me faz lembrar o fim das cinco cidades por me parecer que moro nos suburbios de Gomora, mui proximo, e na vizinhança de Sodoma".⁸²

É absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua nem do índio mas do sistema social e econômico em que funcionaram passiva e mecanicamente. Não há escravidão sem depravação sexual. E da essência mesma do regime. Em primeiro lugar, o próprio interesse econômico favorece a depravação, criando nos proprietários de homens imoderado desejo de possuir o maior número possível de crias. Joaquim Nabuco colheu num manifesto escravocrata de fazendeiros as seguintes palavras, tão ricas de significação: "a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador."⁸³

Fôra assim em Portugal, de onde a instituição se comunicou ao Brasil, já opulenta de vícios. "Os escravos mouros, e negros, além de outros trazidos de diversas regiões, aos quais se ministava o batismo, não recebiam depois a mínima educação religiosa", informa Alexandre Herculano. Entre esses escravos os senhores favoreciam a dissolução para "aumentarem o número de crias como quem promove o acréscimo de um rebanho".⁸⁴

Dentro de semelhante atmosfera moral, criada pelo interesse econômico dos senhores, como esperar que a escravidão — fosse o escravo mouro, negro, índio ou malaio — atuasse senão no sentido da dissolução, da libidinagem, da luxúria? O que se queria era que os ventres das mulheres gerassem. Que as negras produzissem muléques.

Joaquim Nabuco salientou "a ação de doenças africanas sobre a constituição física do nosso povo".⁸⁵ Teria sido esta uma das terríveis influências do contágio do Brasil com a África. Mas é preciso notar que o negro se sifilizou no Brasil. Um ou outro viria já contaminado. A contaminação em massa verificou-se nas senzalas coloniais. A "raça inferior", a que se atribui tudo que é handicap no brasileiro, adquiriu da "superior" o grande mal venéreo que desde os primeiros tempos de colonização nos degrada e diminui. Foram os senhores das casas-grandes que contaminaram de lues as negras das senzalas. Negras tantas vezes entregues virgens, ainda mulécas de doze e treze anos, a rapazes brancos já podres da sífilis das cidades. Porque por muito tempo dominou no Brasil a crença de que para o sífilítico não há melhor depurativo que uma negrinha virgem. O Dr. João Alvarés de Azevedo Macedo Júnior registrou, em 1869, o estranho costume, vindo, ao que parece, dos tempos coloniais: e de que ainda se encontram traços nas áreas pernambucana e fluminense dos velhos engenhos de açúcar. Segundo o Dr. Macedo seriam os blenorragicos que o "bárbaro prejuizo" considerava curados se conseguissem intercurso com mulher púbere: "a inoculação deste vírus em uma mulher púbere é o meio seguro de o extinguir em si."⁸⁶

É igualmente de supor que muita mãe negra, ama-de-leite, tenha sido contaminada pelo menino de peito, alastrando-se também por esse meio, da casa-grande à senzala, a mancha da sífilis. Já o Dr. José de Góis e Siqueira, em estudo publicado em 1877, julgava que se deviam sujeitar a muitas e indenzizações aqueles que, sem escrúpulo, entregavam os filhos sífilíticos aos cuidados de amas em perfeita saúde. "Sendo o aleitamento um dos meios comuns de transmissão, compreende-se quantos resultados favoráveis à população produzirá uma medida de natureza tão simples e de fácil exequibilidade". As negras amas-de-leite "não poderiam se entregar ao aleitamento mercenário sem atestações ou exames de sanidade pelo médico competente", mas também "teriam o direito de reclamação sobre os pais ou tutores dos meninos que lhes houvessem comunicado a moléstia sífilítica".⁸⁷

É claro que, sífilizadas — muitas vezes ainda impúberes —

pelos brancos seus senhores, as escravas tornaram-se, por sua vez, depois de mulheres feitas, grandes transmissoras de doenças venéreas entre brancos e pretos. O que explica ter se alagado de gonorréia e de sífilis a nossa sociedade do tempo da escravidão.

O mesmo se verificou no sul dos Estados Unidos. Janson, no seu livro *The Stranger in America*,⁸⁸ refere-se à verdadeira epidemia de curandeiros de doenças venéreas nos Estados Unidos durante a primeira metade do século XIX. Sinal de muita gente doente de gonorréia e de sífilis. E Odum atribui porções alarmantes à sífilis nos Estados escravocratas do sul.⁸⁹ Entre nós, no hioral, isto é, na zona mais colorida pela escravidão, sempre foi larga a extensão da sífilis. Continua a ser impressionante. A publicidade de remédios, elixires e garrafadas para tratamento de males venéreos faz-se ainda hoje com uma insistência escandalosa. Até em estampas devotas, com imagens do Menino Deus cercado de anjinhos, anuncia-se que o elixir tal "cura sífilis", que se "o próprio Cristo viesse hoje ao mundo seria Ele que ergueria a sua santa palavra para aconselhar o uso do Elixir [...] aos sofredores de todas as moléstias que tem como origem a impureza do sangue". E os mestres da medicina brasileira recomendam aos discípulos que, em clínica, pensem sempre sifiliticamente, isto é, considerando antes de tudo a possível origem sifilitica do mal ou da doença.⁹⁰

A sífilis fez sempre o que quis no Brasil patriarcal. Matou, cegou, deformou à vontade. Fez abortar mulheres. Levou anjinhos para o céu. Uma serpente criada dentro de casa sem ninguém fazer caso de seu veneno. O sangue envenenado rebe-tava em feridas. Coçavam-se então as perebas ou "cabidelas"; tomavam-se garrafadas, chupava-se caju. A sifilização do Brasil — admitida sua origem extra-americana — vimos, às primeiras páginas deste trabalho, que data dos princípios do século XVI. Mas no ambiente voluptuoso das casas-grandes, cheias de crias, negrinhas, mulecas, mucamas, é que as doenças venéreas se propagaram mais à vontade, através da prostituição doméstica — sempre menos higiênica que a dos bordéis. Em 1845 Lassance Cunha escrevia que o brasileiro não ligava importância à sífilis, doença "como que hereditária e tão comum, que o povo a não reputa um flagelo, nem tampouco a recetia". Doença como que doméstica, de família, como o sarampo e os vermes. E insurgia-se contra a frequência dos casamentos de sífilíticos. Casamentos sabidos por "nós outros médicos, que penetramos os segredos patológicos das famílias".⁹¹ Já Manuel Vieira da Silva, depois Barão de Alvaesar, nas suas *Reflexões sobre alguns dos meios propostos por mais condiceries para melhorar o clima da cidade*

do Rio de Janeiro, observara, nos princípios do século XIX, o fato de as "moléstias cutâneas" serem "reputadas de muito pouca monta nesta cidade, chegando o prejuízo público a afirmar que elas não devem curar-se, quando talvez que a disposição morbosa, em que aparecem os naturais desta cidade, desde a sua infância, seja devida a semelhante desprezo".⁹² Mas não foi Vieira da Silva o primeiro que teve o bom senso de insinuar fosse efeito da sífilis e do desprezo pelo seu tratamento o que para muitos era efeito do clima ou do "calor". Antes dele, vimos encontrar Vilhena, professor régio de língua grega na Bahia nos fins do século XVIII, rebatendo a idéia de ser "o calor" a causa principal dos vícios e das doenças de sensualidade na colônia. "Meros subterfúgios", escreveu Vilhena. A verdadeira causa lhe pareceu sempre "a desordenada paixão sexual". E não só a das tuas, como a das casas-grandes, contaminadas pelas senzalas. Contaminadas pelos escravos. Estes é que, para Vilhena, teriam transformado o clima saudável do Brasil num clima mortífero: num clima que "tendo sido admirável, por sadio, pouco ou nada difere hoje do da Angola [...]".⁹³

Em princípios do século XVIII já o Brasil é assinalado em livros estrangeiros como terra da sífilis por excelência. O autor da *Histoire Générale des Pirates* escreve que "presque tous les brésiliens sont atteints d'affections vénériennes".⁹⁴ E Oscar da Silva Araújo traduz de John Barrow, viajante inglês que no século XVIII andou pelo Brasil, pela Ilha de Java e pela Cochinchina, curioso trecho sobre a sífilis no Rio de Janeiro. Segundo esse viajante até nos mosteiros o mal-gálico causava devastações. E a propósito de certa caixa com medicamento mercurial, recebido à abadessa de um convento por um médico conhecido de Barrow e aberta, indiscretamente, pelo portador — "gahofeiro frade de São Bento" — conta o viajante que o tal eclesiástico levando a caixa ao nariz teria dito com expressivo piscar de olhos: *Ah! Domine! Mercurialia! Ista sunt mercurialia!* Acrescentando que a abadessa e todas as damas do Rio *pronae sunt omnes ad delitae veneri*.⁹⁵

Transcrevemos ainda de Silva Araújo estas palavras do Dr. Bernardino Antônio Gomes, velho médico colonial, em resposta ao inquérito do Senado da Câmara do Rio de Janeiro em 1798 para apurar quais as doenças endêmicas na cidade dos vice-reis: que para a prostituição e para o mal venéreo no Brasil concorreria poderosamente "o exemplo familiar de escravos, que quase não conhecem outra lei que os estímulos da natureza". Devia o Dr. Bernardino ter salientado que essa anormalidade nos negros, essa falta de freio aos instintos, essa desbragada prosti-

tuição dentro de casa, animavam-na os senhores brancos. No interesse da procriação à grande, uns; para satisfizerem caprichos sensuais, outros. Não era o negro, portanto, o libertino: mas o escravo a serviço do interesse econômico e da ociosidade voluptuosa dos senhores. Não era a "raça inferior" a fonte de corrupção, mas o abuso de uma raça por outra. Abuso que implicava em conformar-se a servil com os apetites da todo-poderosa. E esses apetites estimulados pelo ócio — pela "riqueza adquirida sem trabalho", diz o referido Dr. Bernardino; pela "ociosidade" ou pela "preguiça"; diria Vilhena; por conseguinte, pela própria estrutura econômica do regime escravocrata.

Se é certo, como querem antropólogos modernos, que "a irregularidade de...relações sexuais tem em geral manifestado a tendência para crescer com a civilização";⁹⁶ que nos animais domesticados encontra-se o sistema sexual mais desenvolvido que nos selvagens;⁹⁷ que entre os animais domésticos, amolecidos pela relativa falta de luta e de competição, as glândulas reprodutoras absorvem maior quantidade de alimento;⁹⁸ e, ainda, que o poder reprodutor no homem tem aumentado com a civilização⁹⁹ — mesma maneira que, nos animais, com a domesticação — podemos nos arriscar a concluir que dentro de um regime como o da monocultura escravocrata, com uma maioria que trabalha e uma minoria que só faz mandar, nesta, pelo relativo ócio, se desenvolverá, necessariamente, mais do que naquela, a preocupação, a mania, ou o refinamento erótico. É o exemplo da Índia, onde o amor é tanto mais fina, artística e até perversamente cultivado quanto mais elevada é a casta e maior o seu lazer.

Nada nos autoriza a concluir ter sido o negro quem trouxe para o Brasil a pegajenta luxúria em que nos sentimos todos prender, mal atingida a adolescência. A precoce voluptuosidade, a fome de mulher que aos treze ou quatorze anos faz de todo brasileiro um don-juan não vem do contágio ou do sangue da "raça inferior" mas do sistema econômico e social da nossa formação; e um pouco, talvez, do clima; do ar mole, grosso, morno, que cedo nos parece predispor aos chamegos do amor e ao mesmo tempo nos afastar de todo esforço persistente. Impossível negar-se a ação do clima sobre a moral sexual das sociedades. Sem ser preponderante, dá entretanto para acen-tuar ou enfraquecer tendências; endurecer ou amolecer traços sociais. A voz sabemos que se torna estridente e áspera nos climas quentes; enquanto que sob a influência da maior ou menor pressão atmosférica, do ar menos ou mais seco, altera-se no homem a temperatura, a circulação, a eliminação de gás carbônico. Tudo isso com repercussão sobre o seu comporta-

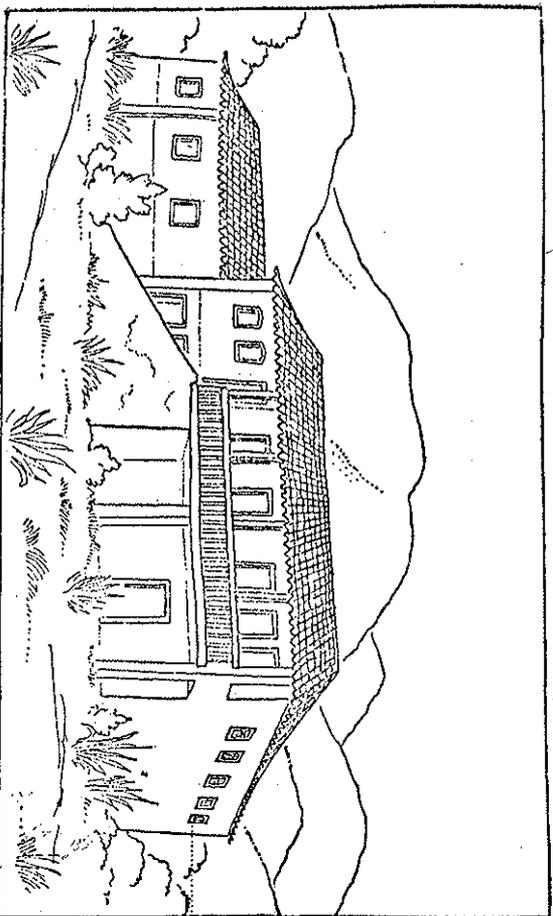
mento social; sobre sua eficiência econômica; sobre sua moral sexual. Pode-se concluir, com Kelsey,¹⁰⁰ que certos climas estimulam o homem a maiores esforços e consequentemente a maior produtividade; outros, o enlanguescem. Para admiti-lo não necessitamos de ir aos exageros de Huntington e dos outros fanáticos da "influência do clima".

Nada, entretanto, de desviar-se para o fator clima a massa enorme de responsabilidades que, bem apuradas, tocam a forças sociais e econômicas dentro das quais se têm articulado culturas, organizações, tipos de sociedade. É certo que, muitas vezes, numa como aliança secreta com as forças naturais. Outras vezes, porém, quase independentes delas.

O negro no Brasil, nas suas relações com a cultura e com o tipo de sociedade que aqui se vem desenvolvendo, deve ser considerado principalmente sob o critério da História social e econômica. Da Antropologia cultural. Dai ser impossível — insistamos neste ponto — separá-lo da condição degradante de escravos, dentro da qual abatarem-se nele muitas das suas melhores tendências criadoras e normais para acentuarem-se outras, artificiais e até mórbidas. Tornou-se, assim, o africano um decidido agente patogênico no seio da sociedade brasileira. Por "inferioridade de raça", gritam então os sociólogos artianistas. Mas, contra seus gritos, se levantam as evidências históricas — as circunstâncias de cultura e principalmente econômicas — dentro das quais se deu o contato do negro com o branco no Brasil. O negro foi patogênico, mas a serviço do branco; como parte irresponsável de um sistema articulado por outros.

Nas condições econômicas e sociais favoráveis ao masoquismo e ao sadismo criadas pela colonização portuguesa — colonização, a princípio, de homens quase sem mulher — e no sistema escravocrata de organização agrária do Brasil; na divisão da sociedade em senhores todo-poderosos e em escravos passivos é que se devem procurar as causas principais do abuso de negros por brancos, através de formas sadistas de amor que tanto se acentuaram entre nós; e em geral atribuídas à luxúria africana.

Acréscce que o culto de Vênus Urânia, trouxeram-no para o Brasil os primeiros colonos vindos da Europa — portugueses, espanhóis, italianos, judeus. Aqui encontraram na moral sexual dos indígenas e nas condições, a princípio desvairadas, de colonização, o meio de cultura favorável à expansão daquela forma de luxúria e de amor. Europeus de nome ilustre figuram como sodomitas em processos da *Visitação do Santo Offício às Partes do Brasil*.¹⁰¹ Um deles, o fidalgo florentino Filipe Cavalcanti,



Casa-grande do Engenho d'Água Vila Bela, São Paulo.
(Segundo fotografia do IPHAN.)

fundador de família que lhe conserva o nome. O que não é de estranhar, dado o desenvolvimento da sodomia na Itália da Renascença. Da Itália da Renascença é que se internacionalizaram os principais termos para designar particularidades do *pecado nefando*; e em processos e condenações espanholas dos séculos XVI e XVII Arlindo Camilo Monteiro encontrou numerosos casos de sodomias italianas.¹⁰² João Lúcio de Azevedo particulariza os caorrinos, dos quais chegou a haver numerosa colônia em Lisboa, e que teriam sido propagadores do amor socrático entre os portugueses.¹⁰³

Mas entre os próprios portugueses e espanhóis, e entre os judeus e mouriscos da Península, lavrava intensamente essa forma de luxúria ao descobrir-se e colonizar-se o Brasil, figurando nos processos frades, clérigos, fidalgos, desembargadores, professores, escravos. Vários vieram degradados para o Brasil, entre outros certo Fruitoso Alvarez, vigário de Matoim, que na Bahia confessou ao visitador do Santo Ofício em 29 de julho de 1591: “de quinze annos a esta parte que ha que está nesta capitania da Baya de Todos os Sanctos, cometeo a torpeza dos tocamentos desonestos com algumas quarenta pessoas pouco mais ou menos, abraçando, beyjando [...]”¹⁰⁴

Por “abraçar e beijar” — eufemismo que indica várias formas de priapismo — foram degradados de Portugal para o Brasil numerosos indivíduos; e a esse elemento branco e não à colonização negra deve-se atribuir muito da lubricidade brasileira. Um elemento de colonização portuguesa do Brasil, aparentemente puro, mas na verdade corruptor, foram os meninos órfãos trazidos pelos jesuítas para seus colégios. Informa Monteiro que nos “livros de nefando são citados com relativa frequência”.¹⁰⁵

Entre os próprios homens de armas portugueses sabe-se que nos séculos XV e XVI, talvez pelo fato das longas travessias marítimas e dos contatos com os países de vida voluptuosa do Oriente, desenvolveram-se todas as formas de luxúria. Heróis por todos admirados, deles facilmente se comunicaram às outras classes sociais os vícios e os requintes eróticos. Lopo Vaz de Sampaio faz crer que o próprio Afonso de Albuquerque — o “Albuquerque terrível” — teria tido seus requintes libidinosos.¹⁰⁶

A frequência da feiticaria e da magia sexual entre nós é outro traço que passa por ser de origem exclusivamente africana. Entretanto o primeiro volume de documentos relativos às atividades do Santo Ofício no Brasil registra vários casos de bruxas portuguesas. Suas práticas podem ter recebido influência africana: em essência, porém, foram expressões do satanismo europeu que ainda hoje se encontra entre nós, misturadas à feiticaria africana ou indígena. Antônia Fernandes, de alcunha Nóbrega, dizia-se aliada do Diabo: as consultas, quem respondia por ela era “certa cousa que falava, guardada num vidro”. Magia medieval do mais puro sabor europeu. Outra portuguesa, Isabel Rodrigues, ou Boca-Torta, fornecia pós mirríficos e ensinava orações fortes. A mais célebre de todas, Maria Gonçalves, de alcunha Arde-lhe-o-Rabo, ostentava as maiores intimidades com o Diabo. Enterrando e desenterrando botijas, os bruxedos de Arde-lhe-o-Rabo ligavam-se quase todos a problemas de impotência e esterilidade. A clientela dessas feiticieiras colônias parece que era quase exclusivamente de amourosos, infelizes ou insaciáveis.

Sabe-se aliás que em Portugal a bruxaria chegou a envolver a vida de pessoas as mais cultas e ilustres. Júlio Dantas retrata o próprio Dom Nuno da Cunha, inquisidor-mor do reino no tempo de Dom João V, todo embrulhado na púrpura de cardeal — “espécie de bicho-da-seda”, diz o cronista — a tremeter com medo de bruxas e feitiços. E graves doutores, espíritos adelantados da época como Curvo Semedo, recomendavam aos seus doentes, contra a infidelidade conjugal, “certa bruxaria feita às palmilhas do sapato da mulher e do marido”. “Boticá-

rios astutos, de capas negras pingadas e grandes fitelas de prata nos sapatos, faziam fortuna vendendo a erva "pombinha" defumada com dentes de defunto lançados sobre tijolos em brasa — estranho feitiço que despertava para o amor o organismo decrepito dos velhos e a frigidez desdenhosa dos moços." 107

O amor foi grande motivo em torno do qual girou a bruxaria em Portugal. Compreende-se aliás a voga dos feiteiros, das bruxas, das benzedoras, dos especialistas em sortilégios afrodisíacos, no Portugal desfalcado de gente que, num extraordinário esforço de virilidade, pôde ainda colonizar o Brasil. A bruxaria foi um dos estímulos que concorreram, a seu modo, para a superexcitação sexual de que resultou preencherem-se legítima ou ilegítimamente, na escassa população portuguesa, os claros enormes abertos pelas guerras e pelas pestes. Da crença nos sortilégios já chegavam impregnados ao Brasil os colonos portugueses. A feitiçaria de direta origem africana aqui desenvolveu-se em lastro europeu. Sobre abusos e crenças medievais.

Como em Portugal a bruxaria, a feitiçaria no Brasil, depois de dominada pelo negro, continuou a girar em torno do motivo amoroso, de interesse de geração e de fecundidade; a proteger a vida da mulher grávida e da criança ameaçada por tantos males — febres, câimbra de sangue, mordedura de cobra, espinheira caída, mau-olhado. A mulher grávida passou a ser profeticamente resguardada desses e de outros males por uma série de práticas em que às influências africanas misturaram-se, muitas vezes descaracterizadas, traços de liturgia católica e sobre-vivências de rituais indígenas.

Vindas de Portugal, desabrocharam aqui várias crenças e magias sexuais: a de que a raiz de mandrágora atrai a fecundidade e desfaz malefícios contra os lares e a propagação das famílias; o hábito das mulheres trazerem ao pescoço durante a gravidez "pedras de ara" dentro de um saquinho; o cuidado de não passarem, quando preñhes, debaixo de escadas, sob o risco do filho não crescer; o hábito de cingirem-se, quando aperteadas pelas dores do parto, com o cordão de São Francisco; o de fazem promessas a Nossa Senhora do Parto, do Bom Sucesso, do Ó, da Conceição, das Dores, no sentido de um parto menos doloroso ou de um filho são ou bonito. Atendido o pedido por Nossa Senhora, pagava-se a promessa, consistindo muitas vezes em tomar a criança o nome de Maria; donde as muitas Marias no Brasil: Maria das Dores, dos Anjos, da Conceição, de Lourdes, das Graças, etc. Outras vezes, em sair a criança vestida de anjo ou de santo em alguma procissão; em estudar para padre; em tornar-se freira; em deixar crescer o cabelo até criar

longos cachos que servissem para ofertar à imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos; em vestir-se até a idade de doze ou treze anos de branco e azul, ou só de branco, em homenagem à Virgem Maria. 109

Deve-se ainda registrar o costume dos ex-votos de mulheres grávidas: ofertas de meninos de cera ou madeira às santas e Nossas Senhoras conhecidas como protetoras da maternidade. Algumas capelas de engenho guardam numerosas coleções de ex-votos de mulheres

Mas o grosso das crenças e práticas da magia sexual que se desenvolveram no Brasil foram coloridas pelo intenso misticismo do negro; algumas trazidas por ele da África, outras africanas apenas na técnica, servindo-se de bichos... e... ervas... indígenas. Nenhuma mais característica que a feitiçaria do sapo para apressar a realização de casamentos demorados. O sapo tornou-se também, na magia sexual afro-brasileira, o protetor da mulher infiel que, para enganar o marido, basta tomar uma agulha enfiada em retós verde, fazer com ela uma cruz no rosto do indivíduo adormecido e coser depois os olhos do sapo. Por outro lado, para conservar o amante sob seu jugo precisa apenas a mulher de viver com um sapo debaixo da cama, dentro de uma panela. Neste caso, um sapo vivo e alimentado a leite de vaca. Ainda se emprega no Brasil o sapo, na magia sexual ou no feitiço, cosendo-se-lhe a boca depois de cheia de restos de comida deixada pela vítima. Outros animais ligados à magia sexual afro-brasileira são o morcego, a cobra, a coruja, a galinha, o pombo, o coelho, o cágado. Ervas, várias — umas indígenas, outras trazidas da África pelos negros. Algumas tão violentas, diz Manuel Querino, que produzem torturas, apenas trituradas com as mãos. Outras que se bebem, se mascam, ou se fumam, trazendo, como a maconha. Até o caranguejo é instrumento de magia sexual: preparado com três ou sete pimentas-da-costa e atirado ao solo produz desarranjos no lar doméstico. 110

Foi a pericia no preparo de feitiços sexuais e afrodisíacos que deu tanto prestígio a escravos macumbeiros junto a senhores brancos já velhos e gastos. Agrippino Grieco recolheu no Rio de Janeiro, na região das velhas fazendas de café, a tradição de senhores de 70, 80 anos, que estimulados pelos afrodisíacos dos negros macumbeiros, viviam rodeados de negrinhas ainda impúberes; e estas a lhes proporcionarem as últimas sensações de homem. De um baão do Império conta Grieco que morreu já octogenário, a acariciar mucamas púberes e impúberes. Era "muito camarada das bruxas e dos curandeiros que o aprovismavam de afrodisíacos". 111 Não teve outra velhice, em Por-

tugal, o Marquês de Marialva: Beekford diz que ele se fazia rodar de anjinhos, isto é, de crianças vestidas de anjos; e que essas crianças prodigalizavam-lhe toda espécie de carícias.

Não devemos esquecer o papel importante que chegou a representar o café na magia sexual afro-brasileira. Há mesmo no Brasil a expressão "café mandingueiro". Trata-se de um café com mandinga dentro: muito açúcar e "alguns coágulos de fluxo catamenial da própria enteficante".¹¹² Antes filtro amoroso do que mandinga. Mas um filtro amoroso como não se pode imaginar outro mais brasileiro: café bem forte, muito açúcar, sangue de mulata. Há outra técnica: a de coar-se o café na fralda de uma camisa com que tenha dormido a mulher pelo menos duas noites consecutivas. Este café deve ser bebido pelo homem duas vezes, uma no almoço, outra no jantar.¹¹³ Aliás a fralda suja de camisa de mulher entra na composição de muita mandinga de amor; como entram outras cousas nojentas. Pêlos de sovraco ou das partes genitais. Suor. Lágrimas. Saliva. Sangue. Aparas das unhas. Esperma. Alfredo de Carvalho menciona ainda: "o muco catamenial, excreto das glândulas de Bartholin e até mesmo dejeções". De posse de qualquer destas substâncias, o catimbozeiro, mandingueiro ou macumbreiro diz que "abranda o coração" das pessoas mais esquivas.¹¹⁴

Há catimbozeiros que confeccionam bonecos de cera ou de pano. São os feitiços mais higiênicos do ponto de vista do enteficado. Sobre esses calungas operam os mestres-cartos tudo quanto desejam que se reflita sobre o indivíduo a enteficar; questão de rezarem forte. O mais é só brincar com o boneco: apertá-lo, machucá-lo, estender-lhe os braços, escancarar-lhe as pernas. Que tudo se reflète na pessoa distante.

Há outro feitiço que consiste em cortar à tesoura cruzes na camisa do homem, bem no meio do peito. Para isso, roubam-se peças da trouxa de roupa lavada.

Não só para fins amorosos, como em torno ao recém-nascido, reuniram-se, no Brasil, as duas correntes místicas: a portuguesa, de um lado; a africana ou a ameríndia, do outro. Aquela representada pelo pai ou pelo pai e mãe brancos; esta, pela mãe índia ou negra, pela ama-de-leite, pela mãe de criação, pela mãe-preta, pela escrava africana. Os cuidados profiláticos de mãe e ama confundiram-se sob a mesma onda de ternura maternal. Quer os cuidados de higiene do corpo, quer os espirituais, contra os quebrantos e o mau-olhado.

Na proteção mística do recém-nascido salientou-se porém a ação da ama africana. Tradições portuguesas trazidas pelos colonos brancos — a do cordão umbilical ser atirado ao fogo

ou ao-rão, sob pena de o comerem os ratos, dando a criança para ladra; a da criança trazer ao pescoço o viném ou a chave que cura os *sapinhos do leite*; a de rão se apagar luz enquantu o menino não for batizado para não vir a feiteira; a bruxa ou o lobisomem chupar-lhe o sangue no escuro; a de se darem nomes de santos às crianças pois, do contrário, se arrissem a virar lobisomens — foram aqui modificadas ou enriquecidas pela influência da escrava africana. Da ama do menino. Da negra velha.

Também as canções de berço portuguesas, modificou-as a boca da ama negra, alterando nelas palavras; adaptando-as às condições regionais; ligando-as às crenças dos índios e às suas. Assim a velha canção "escuta, escuta, menino" aqui amoleceu-se em "durma, durma, meu filhinho", passando Belém de "fonte" portuguesa, a "riacho" brasileiro. Riacho de engenho. Riacho com mãe-d'água dentro, em vez de moura-encantada. O riacho onde se lava o timãozinho de nenê. E o mato ficou povoado por "um bicho chamado carrapatu". E em vez do papão ou da coca, começaram a rondar o telhado ou o copiar das casas grandes, atrás dos meninos malcriados que gritavam de noite nas redes ou dos trelosos que iam se lambuzar da geleia de arará guardada na despensa — cabras-cabriolas, o boitatá, negros de surrão, negros velhos, papa-figos.

Deixou-se de ninar o menino cantando como em Portugal:

*Vai-te, Côca, vai-te, Côca,
Para cima do telhado;
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado.*¹¹⁵

para se cantar de preferência:

*Olha o negro velho
Em cima do telhado.
Ele está dizendo
Quer o menino assado.*¹¹⁶

Não que a côca ou cuca tenha desaparecido de todo das canções de acalanto do Brasil. Amadeu Amaral (pai) ainda recolheu esta quadrinha — evidentemente no Sul:

*Durma, meu benzinho,
Que a cuca j'ei vem;
Papai foi na roça,
Marrão logo vem.*¹¹⁷

Mas seu prestígio empalideceu diante de fantasmas mais terríveis. De novos medos e mal-assombrados.

Novos medos trazidos da África, ou assimilados dos índios pelos colonos brancos e pelos negros, juntaram-se, aos portugueses, da côca, do papão, do lobisomem; ao dos olharapos, da cocoloba, da farranca, da Maria-da-Manta, do trangomango, do homem-das-sete-dentaduras, das almas penadas. E o menino brasileiro dos tempos coloniais viu-se rodeado de maiores e mais terríveis mal-assombrados que todos os outros meninos do mundo. Nas praias o homem-marinho — terrível devorador de dedos, nariz e piroca de gente. 118 No mato, o saci-pereté, o capora, o homem de pés às avessas, o boitatá. Por toda parte, a cabriola, a mula-sem-cabeça, o tutu-maranhá, o negro do surrão, o tatu-gambeta, o xibamba, o mão-de-cabelo. Nos riachos e lagoas, a mãe-d'água. À beira dos rios, o sapo-cururu. De noite, as almas penadas. Nunca faltavam: vinham lambuzar de "mingau das almas" o rosto dos meninos. Por isso menino nenhum devia deixar de lavar o rosto ou de tomar banho logo de manhã cedo. Um outro grande perigo: andar o menino na rua fora de horas. Fantasmas vestidos de branco, que aumentavam de tamanho — os "cresce-e-mingua" — eram muito capazes de aparecer ao atrevido. Ou então redes mal-assombradas de beixenutos. E havia ainda o papa-figo — homem que comia figado de menino. Ainda hoje se afirma em Pernambuco que certo ricão do Recife, não podendo se alimentar senão de figado de criança, tinha seus negros por toda parte pegando menino num saco de estopa. E o Quibungo? Este, então, veio inteiro da África para o Brasil. Um bicho horrível. Metade gente, metade animal. Uma cabeça enorme. E no meio das costas um buraco que se abre quando ele abaixa a cabeça. Come os meninos abaixando a cabeça: o buraco do meio das costas se abre e a criança escorrega por ele. E adeus! está no papo do Quibungo. O Quibungo se aproximava das casas onde havia menino malcriado, dizendo:

De quem é esta casa,

Anê,

Como gérê, como gérê,

Como erê? 119

O Cabeleira, o bandido dos canaviais de Pernambuco, que foi afinal enforcado, é outro que tornou-se quase um fantasma. Quase um Quibungo. Não houve menino pernambucano que do fim da era colonial até os princípios do século XX — o século da luz elétrica, que acabou com tanto mal-assombrado

bom, para só deixar os banais, das sessões de espiritismo — não tremesse de horror ao ouvir o nome de Cabeleira. A negra velha só tinha de gritar para o menino chorão: "Cabeleira vem aí!" E o menino se calava logo, engolindo o choro, entre soluços:

Fecha porta, Rosa,

Cabeleira eh-vem

Pegando mulheres,

Meninos também!

Em zonas rurais do Sul perdura a superstição do *turco* comer menino; 120 superstição que não se encontra no Norte. A do negro do surrão é que não perdeu de todo o seu antigo prestígio. Ainda, há meninos que se arrepiam ouvindo cantar a história:

Canta, canta, meu surrão,

Senão te meto este bordão.

E não querem saber de encontrar negro velho de surrão. Lembra-se logo da *menina que tinha uns brincos de ouro*. Era uma menina que tinha uma madrasa muito malvada (as madrasas são sempre muito malvadas nas histórias brasileiras e portuguesas: haja vista a do figo da figueira). Um dia a menina foi tomar banho no rio; e como de costume tirou os brincos de ouro e botou em cima de uma pedra. Chegando em casa deu por falta dos brincos: — "Valha-me Nossa Senhora, onde estão meus brinquinhos! Meus brinquinhos do coração!... E minha madrasa! Minha madrasa me mata por causa desses brincos." E voltou ao rio para procurar os brincos. Quando chegou ao rio — quem havia de encontrar? Um negro velho e feio que agarrou a menina e botou dentro do seu surrão. Saiu o velho com a menina e onde chegava botava o surrão no chão e dizia:

Canta, canta, meu surrão,

Senão te dou com meu bordão.

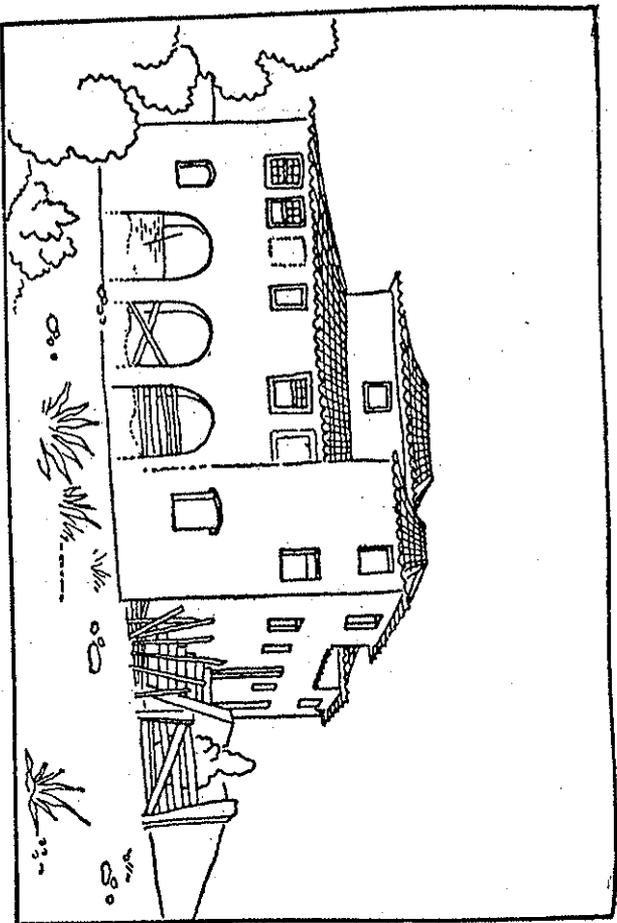
E o surrão cantava numa vozinha doce:

Neste surrão me meteram,

Neste surrão hei de morrer,

Por causa de uns brincos de ouro

Que no riacho eu deixei.



Casa-grande do Engenho Megalpe, construção do século XVIII.
(Segundo fotografia de Ulisses de Melo Freyre.)

Todo o mundo gostava da voz do surrão; e dava dinheiro ao negro velho. Um dia chegou o negro à casa da madrastra. Convidaram o velho para descansar. Para comer e beber; e como já era tarde, para dormir. Parece que as irmãs da menina tinham desconfiado da voz bonita do surrão. De noite, quando o negro pegou no sono, as moças foram, abriram o surrão, tiraram a menina. Estava se acabando de fraca. Coitadinha, o negro só lhe tinha dado de comer sola de sapato velho. Em lugar da menina, as moças encheram o surrão de cocô. No dia seguinte o negro levantou-se, tomou café e partiu — sem dar pela cousa. Quando na casa próxima o negro mandou o surrão cantar — o surrão calado. O negro pensou que era a menina dormindo. Meteu o pau no surrão. Mas este se arrebitou todo, emporcalthando o velho.

As histórias portuguesas sofreram no Brasil consideráveis modificações na boca das negras velhas ou amas-de-leite. Foram as negras que se tornaram entre nós as grandes contadoras de histórias. Os africanos, lembra A. B. Ellis, possuem os seus contistas. "Alguns indivíduos fazem profissão de contar his-

tórias e andam de lugar em lugar recitando contos." 121 Há o *akpaló* fazedor de *alô* ou conto; e há o *arokin*, que é o narrador das crônicas do passado. O *akpaló* é uma instituição africana que floresceu no Brasil na pessoa de negras velhas que só faziam contar histórias. Negras que andavam de engenho em engenho contando histórias às outras pretas, amas dos meninos brancos. José Lins do Rego, no seu *Menino de Engenho*,¹²² fala das velhas estranhas que apareciam pelos bangüês da Paraíba: contavam histórias e iam-se embora. Viviam disso. Exatamente a função e o gênero de vida do *akpaló*.

Por intermédio dessas negras velhas e das amas de menino, histórias africanas, principalmente de bichos — bichos contra-ternizando com as pessoas, falando como gente, casando-se, banqueteando-se — acrescentaram-se às portuguesas, de Trancoso, contadas aos netinhos pelos avós coloniais — quase todas histórias de madrastras, de príncipes, gigantes, princesas, pequenopolegares, mouras-encantadas, mouras-tortas.

A linguagem infantil também aqui se amoleceu ao contato da criança com a ama negra. Algumas palavras, ainda hoje duras ou acres quando pronunciadas pelos portugueses, se amaciaram no Brasil por influência da boca africana. Da boca africana aliada ao clima — outro corruptor das línguas europeias, na ferrura por que passaram na América tropical e subtropical.

O processo de reduplicação da sílaba tônica, tão das línguas selvagens e da linguagem das crianças, atinou sobre várias palavras dando ao nosso vocabulário infantil um especial encanto. O "dóí" dos grandes tornou-se o "dodóí" dos meninos. Palavra muito mais dengosa.

A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as silabas moles. Daí esse português de menino que no norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem *rr* nem *ss*; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: *cocá, pipi, bumbum, teném, nenen, tatá, papá, papato, lili, mimi, au-ai, bambanho, cocó, ditinho, bimbinha*. Amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco. Os nomes próprios foram dos que mais se amaciaram, perdendo a solenidade, dissolvendo-se deliciosamente na boca dos escravos. As Antonias ficaram Dondons, Toninhas, Totonhas; as Teresas, Telés; os Manuéis, Nezinhos, Mandus, Manés; os Franciscos,

Chico, Chiquinho, Chicó; os Pedros, Pepés; os Albertos, Bebetos, Beinhos. Isto sem falarmos das Iaiás, dos Ioiós, das Sinhás, das Mannus, Calus, Bembens, Dedés, Marocas, Nocas, Nonocas, Gegés.

E não só a língua infantil se abrandou desse jeito mas a linguagem em geral, a fala séria, solene, da gente grande, toda ela sofreu no Brasil, ao contato do senhor com o escravo, um amolecimento de resultados às vezes deliciosos para o ouvido. Efeitos semelhantes aos que sofreram o inglês e o francês noutras partes da América, sob a mesma influência do africano e do clima quente. Mas principalmente do africano. Nas Antilhas e na Luisiana "*bonnes vieilles négresses*" adocicaram o francês, tirando-lhe o fãtoso antipático, os *rr*-zangados; no sul dos Estados Unidos as "*old mannies*" deram ao ranger das sílabas ásperas do inglês uma brandura oleosa. Nas ruas de Nova Orleães, nos seus velhos restaurantes, ainda se ouvem anunciar nomes de bolos, de doces, de comidas num francês mais lírico que o da França: "*pralines de pacanes*", "*bon café tout chaud*", "*blanches tablettes à la fleur d'orange*". Influência das "*bonnes vieilles négresses*".

Caldclough, que esteve no Brasil em princípios do século XIX, deliciou-se com o português colonial. Um português gordo, descansado. Distinguiu-o logo do da Metrópole. A pronúncia dos brasileiros pareceu-lhe menos nasal do que a dos portugueses; e menos judia ("*not so Jewish*") na maneira de pronunciar o *s*; "*and on the whole is a more agreeable language than in the mouth of a native*".¹²³ Fato que Caldclough atribuiu exclusivamente ao clima. Ao calor dos trópicos. O clima lhe pareceu agir sobre a fala, como sobre a atividade mental dos brasileiros, no sentido de uma grande lassidão. Curioso, porém, que, tão atento à influência dos judeus sobre a pronúncia reinol do *s*, Caldclough não tivesse reparado na influência dos negros sobre o português no Brasil. Quando os negros foram maiores inimigos que o clima dos *ss* e dos *rr*; maiores corruptores da língua no sentido da lassidão e do langor. Mães negras e mucamas, aliadas aos meninos, às menhas, às moças brancas das casas-grandes, criaram um português diverso do hirtó e gramatical que os jesuítas tentaram ensinar aos meninos índios e semibrancos, alunos de seus colégios; do português reinol que os padres tiveram o sonho vão de conservar no Brasil. Depois deles, mas sem a mesma rigidez, padres-mestres e capelães de engenho procuraram contrariar a influência dos escravos, opondo-lhe um português quase de estufa. Mas quase em vão.

Embora tenha fracassado o esforço dos jesuítas, contribuiu entretanto para a disparidade, a que já aludimos, entre a língua escrita e a falada do Brasil: a escrita recusando-se, com escrupulos de donzelona, ao mais leve contato com a falada; com a do povo; com a de uso corrente. Mesmo a língua falada conservou-se por algum tempo dividida em duas: uma, das casas-grandes; outra, das senzalas. Mas a aliança da ama negra com o menino branco, da mucama com a sinhá-moça, do sinhozinho com o mulque acabou com essa dualidade. Não foi possível separar a cacos de vidro de preconceitos puristas forças que tão freqüente e intimamente confraternizavam. No ambiente relaxado da escravidão brasileira, as línguas africanas, sem motivos para subsistirem à parte, em oposição à dos brancos, dissolveram-se nela, enriquecendo-a de expressivos modos de dizer; de toda uma série de palavras deliciosas de pitoresco; agrestes e novas no seu sabor; muitas vezes, substituindo com vantagem vocabulos portugueses, como que gastos e puídos pelo uso. João Ribeiro, mestre em assuntos de Português e de história da língua nacional, que o diga com voz autorizada: "Número copioso de vocabulos africanos penetraram na língua portuguesa, especialmente no domínio do Brasil, por efeito das relações estabelecidas com as raças negras." E não apenas vocabulos soltos, desconjuntados, se acrescentaram à língua do colonizador europeu: verificaram-se alterações "bastante profundas não só no que diz respeito ao vocabulário, mas até ao sistema gramatical do idioma".¹²⁴ É certo que as diferenças a separaram cada vez mais o Português do Brasil do de Portugal não resultaram todas da influência africana; também da indígena: "dos ciganos"; "dos espanhóis"; e João Ribeiro acrescenta: "do clima, de novas necessidades, novas perspectivas, novas cousas e novas indústrias". Mas nenhuma influência foi maior que a do negro. As palavras africanas hoje do nosso uso diário, palavras em que não sentimos o menor sabor arrevesado do exótico, são inúmeras. Os menos puristas, escrevendo ou falando em público, já não têm, como outrora, vergonha de empregá-las. É como se nos tivessem vindo de Portugal, dentro dos dicionários e dos clássicos; com genealogia latina, árabe ou grega; com pai ou mãe ilustre. São entretanto vocabulos órfãos, sem pai nem mãe definida, que adotamos de dialetos negros sem história nem literatura; que deixamos que subissem, com os mulques e as negras, das senzalas às casas-grandes. Que brasileiro — pelo menos do Norte — sente exotismo nenhum em palavras como *caçamba*, *canga*, *dengo*, *cafuné*, *lubambo*, *mulambo*, *caçula*, *quitate*, *maninga*, *mulque*, *camundongo*, *munganga*, *cajajeste*, *quibebe*, *quengo*, *ba-*

juque, banzo, mucambo, bangüê, bozó, mocoló, bunda, zumbi, yalapi, curru, banzé, jiló, mucama, quindim, catinga, mugunzá, malungo, birimbau, tanga, cachimbo, candomblé? Ou acha mais jeito em dizer "mau cheiro" do que "catinga"? Ou "garoto" de preferência a "moleque"? Ou "trapo" em vez de "mulambo"? São palavras que correspondem melhor que as portuguesas à nossa experiência, ao nosso paladar, aos nossos sentidos, às nossas emoções.

Os padres-mestres e os capelães de engenho, que, depois da saída dos jesuítas, tornaram-se os principais responsáveis pela educação dos meninos brasileiros, tentaram reagir contra a onda absorvente da influência negra, subindo das senzalas às casas-grandes; e agindo mais poderosamente sobre a língua dos sinhó-moços e das sinhazinhas do que eles, padres-mestres, com todo o seu latim e com toda a sua gramática; com todo o prestígio das suas varas de marmelo e das suas palmatórias de sicupira. Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama era um dos que se indignavam quando ouvia "meninas galantes" dizerem "mandá", "buscá", "comê", "mi espere", "ti faço", "mi deixe", "mulher", "coler", "je pediu", "cadê ele", "vigite", "espje".¹²⁵ E dissesse algum menino em sua presença um "pru mode" ou um "oxente"; veria o que era beliscão de frade zangado.

Para Frei Miguel — padre-mestre às direitas — era com os portugueses ilustres e polidos que devíamos aprender a falar, e não "com tia Rosa", nem "mãe Benta"; nem com nenhuma preta da cozinha ou da senzala. Meninos e moças deviam fechar os ouvidos aos "oxentes" e aos "mi deixe" e aprender o português correto, do reino. Nada de expressões bundas nem caçanjes.

Sucedeu, porém, que a língua portuguesa nem se entregou de todo à corrupção das senzalas, no sentido de maior espontaneidade de expressão, nem se conservou acalafetada nas salas de aula das casas-grandes sob o olhar duro dos padres-mestres. A nossa língua nacional resulta da interpenetração das duas tendências. Devemo-la tanto às mães Bentas e às tias Rosas como aos padres Gamas e aos padres Peretras. O Português do Brasil, ligando as casas-grandes às senzalas, os escravos aos senhores, as mucamas aos sinhó-moços, enriqueceu-se de uma variedade de antagonismos que falta ao Português da Europa. Um exemplo, e dos mais expressivos, que nos ocorre, é o caso dos pronomes. Temos no Brasil dois modos de colocar pronomes, enquanto o português só admite um — o "modo duro e imperativo": *126 diga-me, faça-me, espere-me*. Sem desprezarmos o modo português, citamos um novo, inteiramente nosso,

caracteristicamente brasileiro: *me diga, me faça, me espere*. Modo bom, doce, de pedido. E servimo-nos dos dois. Ora, esses dois modos antagônicos de expressão, conforme necessidade de mando ou cerimoniosa, por um lado, e de intimidade ou de súplica, por outro, parecem-nos bem típicos das relações psicológicas que se desenvolveram através da nossa formação patriarcal entre os senhores e os escravos: entre as sinhá-moças e as mucamas; entre os brancos e os pretos. "Faça-me", é o senhor falando; o pai; o patriarca; "me dê", é o escravo, a mulher, o filho, a mucama. Parece-nos justo atribuir em grande parte aos escravos, aliados aos meninos das casas-grandes, o modo brasileiro de colocar pronomes. Foi a maneira filial, e meio dengosa, que eles acharam de se dirigir ao *pater familias*. Por outro lado o modo português adquiriu na boca dos senhores certo ranço de ênfase hoje antipático: "faça-me isso", "dê-me aquilo". O mestre ilustre que é João Ribeiro permitia-nos acrescentar esta tentativa de interpretação histórico-cultural ao seu exame psicológico da questão dos pronomes; e ao mesmo tempo fazermos nossas estas suas palavras: "Que interesse temos, pois, em reduzir duas fórmulas a uma única e em comprimir dois sentimentos diversos numa só expressão?"¹²⁷ Interesse nenhum. A força, ou antes, a potencialidade da cultura brasileira parece-nos residir toda na riqueza dos antagonismos equilibrados; o caso dos pronomes que sirva de exemplo. Seguirmos só o chamado "uso português", considerando ilegítimo o "uso brasileiro", seria absurdo. Seria sufocarmos, ou pelo menos abafarmos metade de nossa vida emotiva e das nossas necessidades sentimentais, e até de inteligência, que só encontram expressão justa no "me dê" e no "me diga". Seria ficarmos com um lado morto; experimentando só metade de nós mesmos. Não que no brasileiro subsistam, como no anglo-americano, duas metades inimigas: a branca e a preta; o ex-senhor e o ex-escravo. De modo nenhum. Somos duas metades confraternizantes que se vêm mutuamente enriquecendo de valores e experiências diversas; quando nos completarmos num todo, não será com o sacrifício de um elemento ao outro. Lars Ringbom vê grandes possibilidades de desenvolvimento de cultura no mestiço: mas atingido o ponto em que uma metade de sua personalidade não procure suprimir a outra.¹²⁸ O Brasil pode-se dizer que já atingiu esse ponto: o fato de já dizermos "me diga", e não apenas "diga-me", é dos mais significativos. Como é o de empregarmos palavras africanas com a naturalidade com que empregamos as portuguesas. Sem aspas nem grifo.

À figura boa da ama negra que, nos tempos patriarcais,

criava o menino lhe dando de mamar, que lhe embalava a rede ou o berço, que lhe ensinava as primeiras palavras de português errado, o primeiro "pade-nosso", a primeira "ave-maria", o primeiro "vôte!" ou "oxente", que lhe dava na boca o primeiro pião com carne e "molho de ferrugem", ela própria amolegando a comida — outros vultos de negros se sucediam na vida do brasileiro de outrora. O vulto do mulleque companheiro de brincado. O do negro velho, contador de histórias. O da mucama. O da cozinheira. Toda uma série de contatos diversos importando em novas relações com o meio, com a vida, com o mundo. Importando em experiências que se realizavam através do escravo ou à sua sombra de guia, de cúmplice, de curandeiro ou de corruptor.

Ao mulleque companheiro de brincado do menino branco e seu leva-pancadas, já nos referimos em capítulo anterior. Suas funções foram as de prestadio mané-gostoso, manejado à vontade por nhonhô; apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pó de setra por dentro; de pó de setra e de pano como os judeus de sábado de aleluia, e não de carne como os meninos brancos. "Logo que a criança deixa o berço", escreve Koster, que soube observar com tanta argúcia a vida de família nas casas-grandes coloniais, "dão-lhe um escravo do seu sexo e de sua idade, pouco mais ou menos, por camarada, ou antes, para seus brinquedos. Crescem juntos e o escravo torna-se um objeto sobre o qual o menino exerce os seus caprichos; empregam-no em tudo e além disso incorre sempre em censura e em punição [...]. Enfim, a ridícula ternura dos pais anima o insuportável despotismo dos filhos."¹²⁹ "Não havia casa onde não existisse um ou mais mulleques, um ou mais curumins, vítimas consagradas aos caprichos de nhonhô", escreve José Veríssimo, recordando os tempos da escravidão. "Eram-lhe o cavalo, o leva-pancadas, os amigos, os companheiros, os criados."¹³⁰ Lembra-nos Júlio Belo o melhor brinquedo dos meninos de engenho de outrora: montar a cavalo em carneiros; mas na falta de carneiros, mulleques. Nas brincadeiras, muitas vezes brutais, dos filhos de senhores de engenho, os mulleques serviam para tudo: eram bois de carro, eram cavalos de montaria, eram bestas de almanjarras, eram burros de liteiras e de cargas as mais pesadas. Mas principalmente cavalos de carro. Ainda hoje, nas zonas rurais menos invadidas pelo automóvel, onde velhos capriotes de engenho rodam pelo massapé mole, entre os canaviais, os meninos brancos brincam de carro de cavalo "com mulleques e até mulquinhas filhas das amas", servindo de parselhas.¹³¹ Um barbante serve de redea; um galho de *gorôbera*, de *chicote*.

É de supor a repercussão psíquica sobre os adultos de semelhante tipo de relações infantis — favorável ao desenvolvimento de tendências sadistas e masoquistas. Sobre a criança do sexo feminino, principalmente, se aguçava o sadismo, pela maior fixidez e monotonia nas relações da senhora com a escrava, sendo até para admitir, escrevia o mesmo Koster em princípios do século XIX, "encontrarem-se tantas senhoras excelentes, quando tão pouco seria de surpreender que o caráter de muitas se ressentisse da desgraçada direção que lhes dão na infância."¹³² Sem contatos com o mundo que modificassem nelas, como nos rapazes, o senso pervertido de relações humanas; sem outra perspectiva que a da senzala vista da varanda da casa-grande, conservavam muitas vezes as senhoras o mesmo domínio matado sobre as mucamas que na infância sobre as negrinhas suas companheiras de brincado. "Nascem, criam-se e continuam a viver rodeadas de escravos, sem experimentarem a mais ligeira contrariedade, concebendo exaltada opinião de sua superioridade sobre as outras criaturas humanas, e nunca imaginando que possam estar em erro", escreve Koster das senhoras brasileiras.¹³³ Além disso, aborrecendo-se facilmente. Falando alto. Gritando de vez em quando. Fleicher e Kidder, que estiveram no Brasil no meado do século XIX, atribuem a fala estridente e desagradável das brasileiras ao hábito de falarem sempre aos gritos, dando ordens às escravas.¹³⁴ O mesmo teriam observado nos sul dos Estados Unidos, que sofreu influências sociais e econômicas tão semelhantes às que atuaram sobre o Brasil durante o regime de trabalho escravo. Ainda hoje, por contágio das gerações escravocratas, as moças das Carolinas, do Mississippi, de Alabama falam gritando do mesmo modo que no Brasil as nortistas, filhas e netas de senhor de engenho.

Quanto à maior crueldade das senhoras que dos senhores no tratamento dos escravos é fato geralmente observado nas sociedades escravocratas. Confirmam-no os nossos cronistas. Os viajantes, o folclore, a tradição oral. Não são dois nem três, porém muitos os casos de crueldade de senhoras de engenho contra escravos inermes. Sinhá-moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da competente de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos; arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. Toda uma série de judiarias.

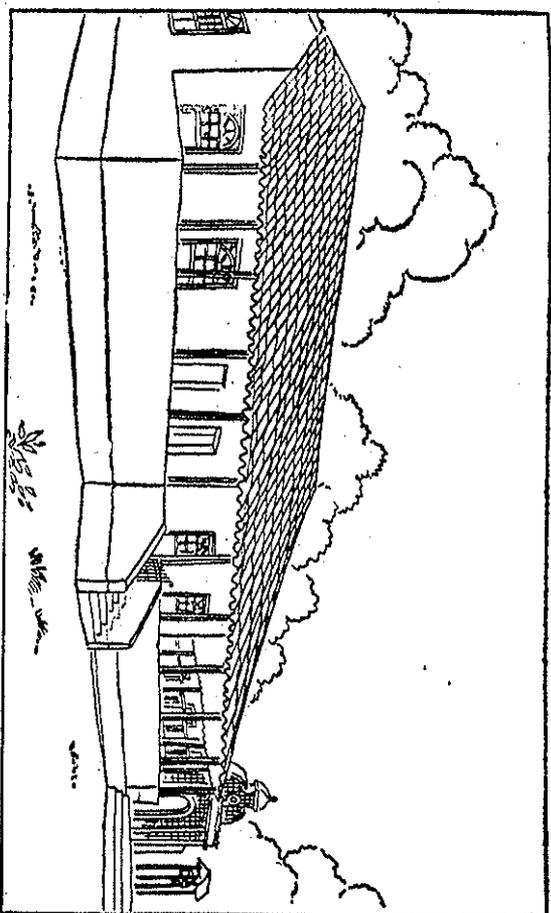
O motivo, quase sempre, o crime do marido. O fâncor sexual. A rivalidade de mulher com mulher.

"Entre nós", escreveu Burlamaqui nos começos do século XIX, "as phrases mais communs quando huma mulher desconfia que seu marido, ou seu amante, tem contactos illicitos com alguma escrava são: eu a friguei, eu a assarei, lhe queimarei ou cortarei tal ou tal parte & C. E quantas vezes estas ameaças não vão a effeito mesmo por simples desconfianças." 135 Anselmo da Fonseca, escrevendo cinquenta annos depois de Burlamaqui, salienta a crueldade das "brasileiras escravocratas" que "se regosijão em sobre ellas [as escravas] exercer na estreiteza do lar, ferra tyrannia, nestas condições affligentissimas: porque as victimas são obrigadas a estar constantemente ao lado, e a viver ao pé do algoz". Como exemplo, cita Fonseca o caso de Dona F. de C. — tão exagerada na sua crueldade para com as escravas, que chegou a ser processada pela morte de uma delas, Joana. 136

O isolamento árabe em que viviam as antigas sinhá-donas, principalmente nas casas-grandes de engenho, tendo por companhia quase que exclusivamente escravas passivas; sua submissão mucilmiana diante dos maridos, a quem se dirigiam sempre com medo, tratando-os de "Senhor", talvez constituíssem estímulos poderosos ao sadismo das sinhás, descarregado sobre as nucas e as mulcecas em rompantes históricos; "passado adiante", como em certos jogos ou brincados brutos. Sadistas eram, em primeiro lugar, os senhores com relação às esposas.

Tanto quanto o inglês Koster, admitiu-se o padre-mestre Lopes Gama que crescendo as brasileiras entre o "desprimor, a sem vergonha, a frascaria, os desgramamentos dos escravos [...]], as surras, as bofetadas, que estes infelizes recebem quasi todos os dias de nossos paes", ainda assim dessem para virtuosas e até para delicadas. "Pudera alem disso sustentar que as brasileiras são de todas as mulheres as mais propensas ás virtudes; pois vindo desde a infancia tantos exemplos de lubricidade, ha entre ellas tão crescido numero de senhoras honestas, e verdadeiramente honradas. Que fariam, se tivessem huma educação delicada e cuidadosa?" 137

Verificaram-se, é certo, casos de irregularidades sexuais entre sinhá-donas e escravos. Um que teria ocorrido em Pernambuco nos meados do século passado e no seio de importante familia, assegurava-nos velho senhor de engenho ter visto registado, em documento íntimo, com detalhes persuasivos. Mas nem as tradições rurais nem os relatos dos estrangeiros mercedores de fé, nem as criticas, muitas vezes verdadeiros libelos,



Casa-grande e capella do sítio Piranhenga, no Maranhão.
(Segundo fotografia do IPHAN)

dos más-linguas desabusados da marca do padre Lopes Gama, autorizam-nos a concluir com M. Bonfim, no seu *América Latina*: "não raro a sinhá-moça criada a roçar os mulcotes, entrega-se a eles, quando os nervos degenerados acordam em desejos irreprimíveis; então intervem a moral paterna: castra-se com uma faca mal-afiada o negro ou mulato, selga-se a ferida, enteram-no vivo depois. A rapariga, com um dote reforçado, casa com um primo pobre..." 138

Não que o despotismo paterno do tempo da escravidão nos pareça incapaz de malvadeza dessas, ou ainda piores; nem a sensibilidade muitas vezes mórbida das iaiás, de desejos ainda mais libérricos. Mas o ambiente em que eram criadas nas casas-grandes difficilmente permitia aventuras tão arriscadas. O "não raro" de M. Bonfim nos soa artificial ou pelo menos exagerado. Basta recordarmos o fato de que, durante o dia, a moça ou menina branca estava sempre sob as vistas de pessoa mais velha ou da mucama de confiança. Vigilância que se aguçava durante a noite. A dormida das meninas e moças reservava-se, nas casas-grandes, a alcova, ou camarinha, bem no centro da casa, rodeada de quartos de pessoas mais velhas. Mais uma prisão que aposento de gente livre. Espécie de quarto de doente grave que

precisasse da vigília de todos. Não louvamos o sistema: apenas procuramos lembrar sua quase incompatibilidade com aventuras da espécie referida por M. Bonfim. Estas ocorreram, decerto; porém faramente.

Objetar-se-á que o sexo é todo-poderoso quando descembertado; e não o negamos de modo algum. A dificuldade que reconhecemos é mais a física: a das grossas paredes, a dos verdadeiros raios de convento em que, nas casas-grandes, se guardavam as sinhá-moças. Aí vinha colhê-las verdes o casamento: aos treze e aos quinze anos. Não havia tempo para explodirem em tão franzinos corpos de menina grandes paixões lúbricas; cedo saciadas ou simplesmente abafadas no tálamo patriarcal. Abafadas sob as carcias de maridos dez, quinze, vinte anos mais velhos; e muitas vezes inteiramente desconhecidos das noivas. Maridos da escolha ou da conveniência exclusiva dos pais. Bacharéis de bigodes lustrosos de brilhantina, rubi no dedo, possibilidades políticas. Negociantes portugueses redondos e grossos; suíças enormes; grandes brilhantes no peitinho da camisa, nos punhos e nos dedos. Oficiais. Médicos. Senhores de engenho. Desses casamentos feitos pelos pais nem sempre resultaram dramas ou infelidades. Talvez pelo fato dos velhos, pensando a frio, encararem o problema com mais realismo e melhor senso prático que os jovens romanticamente apaixonados.

É certo que nem sempre os pais foram obedecidos nas suas escolhas de noivos para as filhas. As tradições referem casos, raros, é verdade, de raptos e fugas românticas. Sellin afirma que do meado do século XIX em diante esses raptos tornaram-se frequentes.¹⁵⁸ Nelles figurava sempre um negro ou mucama — cúmplice do raptor ou da raptada; negro ou mucama que era costume alforriar-se. Com a cumplicidade de esperta mucama é que fugiu, em Pernambuco, por volta de 1860, bonita moça da família C... Ocorreu a fuga bem na véspera do seu casamento com ilustre bacharel da escolha dos pais. Estes ofereceram logo ao noivo ludibriado a mão de outra filha, que foi imediatamente aceita. De modo que o casamento realizou-se tranquilamente, sem outro incidente que o perturbasse.

Sabe-se que enorme prestígio alcançaram as mucamas na vida sentimental das sinhazinhas. Pela negra ou mulata de estimação é que a menina se iniciava nos mistérios do amor. “A mucama escrava”, observou no meado do século XIX o romancista Joaquim Manuel de Macedo, o célebre, d’*A Moreninha*, “embora escrava, é ainda mais que o padre confessor e do que o médico da donzela: porque o padre confessor conhece-lhe apenas a alma, o médico, ainda nos casos mais graves de altera-

ção da saúde, conhece-lhe imperfeitamente o corpo enfermo, e a mucama conhece-lhe a alma tanto quanto o padre e o corpo mais do que o médico.”

Histórias de casamento, de namoros, ou outras, menos românticas, mas igualmente sedutoras, eram as mucamas que contavam às sinhazinhas nos doces vagares dos dias de calor, a menina sentada, à mourisca, na esteira de pipiri, cosendo ou fazendo renda; ou então deitada na rede, os cabelos soltos, a negra catando-lhe o piolho, dando-lhe cafuné; ou enxotando-lhe as moscas do rosto com um abano. Supri-se assim para uma aristocracia quase analfabeta a falta de leitura. Modinhas e canções, era ainda com as mucamas que as meninas aprendiam a cantar — essas modinhas coloniais tão impregnadas do erotismo das casas-grandes e das senzalas; do erotismo dos ioiôs nos seus derreios pelas mulatinhas de cangote cheiroso ou pelas priminhas brancas; voluptuosas modinhas de que Elói Pontes reconheu uma tão expressiva do amor entre brancos e mulatas:

Meu branquinho feliceiro,

Doce ioiô meu irmão,

Adoro teu cativoiro,

Branquinho do coração,

Pois tu chamas de imãzinha

A tua pobre negrinha

Que estremece de prazer,

E vais pescar à lardinha

Mandi, piou e corvina

Para a negrinha comer.

Em nenhuma das modinhas antigas se sente melhor o visgo de promiscuidade nas relações de sinhó-moços das casas-grandes com mulatinhas das senzalas. Relações com alguma coisa de incestuoso no erotismo às vezes doentio. É mesmo possível que, em alguns casos, se amassem o filho branco e a filha mulata do mesmo pai. Walsh, nas suas viagens pelo Brasil, surpreendeu uma família brasileira francamente incestuosa: irmão amigado com irmã.¹⁵⁹ E na Mantiqueira viu uma dança em que os membros de certa família mestiça revelavam hábitos lamentavelmente incestuosos, que escandalizaram o padre inglês.

É verdade que para escandalizar o padre inglês não eram precisos casos extremos de incesto: bastavam os casamentos, tão frequentes no Brasil desde o primeiro século da colonização, de tio com sobrinha; de primo com prima. Casamentos cujo fim era evidentemente impedir a dispersão dos bens e conservar a

Voltando às modinhas de engenho do Brasil — resultado do erotismo patriarcal: chamegos com negras, mulatas, primas — recordaremos que elas fizeram furor nos salões portugueses ao século XVIII alternando com as novenas, os lausperenes e as festas de igreja. William Beckford, que teve ocasião de ouvi-las em casa fidalga, freqüentada também pelo Arcebispo do Algarve, Dom José Maria de Melo — grande apreciador de modinhas cantadas ao violão — procurou interpretar-lhes o encanto viscoso: "Penetram elas no coração como que insinuando-se infantilmente antes que ele tenha tempo para defender-se dessa influência enervante; julgareis beber um doce leite e é o veneno da volupiosidade que penetra até aos mais íntimos recessos do vosso organismo."¹⁴⁸

Nem todas as modinhas celebravam o quindim das mulatas das senzalas; muitas exaltavam as iaiás das casas-grandes, filhas de senhor de engenho. Meninas de doze, treze, quatorze anos. "Anjos louros." "Santas imaculadas." "Pálidas madoras." "Marias do Céu." "Marias da Graça." "Marias das Dores." "Marias da Glória." E eram de fato umas Nossas Senhoras: quando saíam de palanquim ou de liteira, nos ombros de negros de libré, era como se saíssem de andor. Brincos de ouro. Tetéias. Figas. As vezes iam mucamas, na frente, levando outros brincos e outras tetéias das sinhazinhas; e tanto era o ouro que levavam algumas negras ou mulatas em cordões, pulseiras, braceletes e bentinhos que "sem hipérbole", diz Villhera, "bastava para comprar duas ou três negras ou mulatas como a que o leva".¹⁴⁹ Desde o dia da primeira comunhão que deixavam as meninas de ser crianças: tornavam-se sinhá-moças. Era um grande dia. Maior só o do casamento. Vestido comprido todo de cassa guarnecido de folhos e pregas. O corpete franzido. A faixa de fita azul caindo para trás, em pontas largas, sobre o vestido branco. A bolsa esmoleira de tafetá. O véu de filó. A capela de flor de laranja. Os sapatinhos de cetim. As luvas de pelica. O livrinho de missa encadernado em madrepérola. O terço, de cordãozinho de ouro. Cruz também de ouro.

O livrinho de missa nem sempre se sabia ler. Tollenare observou em princípios do século XIX: "Há ainda muitos pais que não querem que as filhas aprendam a ler e a escrever."¹⁵⁰ Mas outros confiavam-nas aos Recolhimentos: aí aprendiam a ler, a coser e a rezar. No Recolhimento que o grande Bispo Azeredo Coutinho fundou em Pernambuco — o de Nossa Senhora da Glória — aprendiam também a tratar cristãmente os escravos: "irmãos e filhos do mesmo Pai". A "necessidade de uns e a escravidão de outros, imposta pelas leis humanas, ou

em pena de seus delitos, ou para lhes acautelar um maior mal", é que estabelecera a "accidental designaldade".¹⁵¹ Muitas brasileiras, porém, tornaram-se baronessas e viscondessas do Império sem terem sido internas dos Recolhimentos: analfabetas, algumas; outras fumando como umas caporas; cuspiendo no chão; e ainda outras mandando arrancar dentes de escravas por qualquer desconfiança de xunbergação do marido com as negras.

Isto no século XIX. Imagine-se nos outros: no XVI, no XVII, no XVIII. No XVIII esteve no Brasil uma inglesa que achou horrorosa a situação das mulheres. Ignorantes. Beatas. Nem ao menos sabiam vestir-se. Porque a julgar por Mrs. Kindersley, que não era nenhuma parisiense, nossas avós do século XVIII trajavam-se que nem macacas: saia de chita, camisa de flores bordadas, corpete de veludo, faixa. Por cima desse horror de indumentária, muito ouro, muitos colares, braceletes, pentes. As moçinhas ou meninas não eram feias; notou, porém, Mrs. Kindersley que as brasileiras envelheciam depressa; seu rosto tornava-se logo de um amarelo doentio.¹⁵²

Resultado, decerto, dos muitos filhos que lhes davam os maridos; da vida morosa, banzeira, moleirona, dentro de casa; do fato de só saírem de rede e debaixo de pesados tapetes de cor — *modus gestandi lusitanus*, escreveu Barléus no século XVII,¹⁵³ ou então de bangüê ou liteira; e no século XIX de palanquim e carro de boi. Algumas senhoras até nas igrejas entravam de rede, muito anchas e triunfantes, nos ombros dos escravos. Verdadeira afronta aos santos. Foi preciso que os bispos proibissem tamanha ostentação de indolência. "Por nos parecer indecente entrarem algumas pessoas do sexo feminino em serpentinhas, ou redes, dentro da Igreja, ou capellas, prohibimos o tal ingresso", escreveu em pastoral de 19 de fevereiro de 1726 o bispo de Pernambuco, Dom Frei José Fialho.¹⁵⁴ Aliás, a julgar pelas palavras de Dom Frei José contra os modos de as pernambucanas se vestirem, não trajavam elas tão amacada-mente como as baianas de Mrs. Kindersley. Pelo menos o bispo viu nos seus traços alguma cousa de diabólica: "Por vermos, não sem grande magoa do nosso coração, a profanidade com que se vestem as mais das pessoas do sexo feminino usando de modas e inventos diabólicos, admoestamos a taes pessoas que, nelles compreendidas, que se abstenham dos taes vestidos." Eram essas pernambucanas descendentes das "grandes senhoras" que o Padre Gardim conheceu no século XVI: mais "grandes senhoras" do que devotas. Das senhoras de engenho que já no tempo do cronista dos *Diálogos* pintavam o rosto de vermelho. Descer-

dentés das bonitas iaías por amor de quem hereges holandeses abjuraram no século XVII da fé calvinista para abraçarem a católica.

Foi geral, no Brasil, o costume de as mulheres casarem cedo. Aos doze, treze, quatorze anos. Com filha solteira de quinze anos dentro de casa já começavam os pais a se inquietar e a fazer promessas a Santo Antônio ou São João. Antes dos vinte anos, estava a moça solteirona. O que hoje é fruto verde, naqueles dias tinha-se medo que apodrecesse de maduro, sem ninguém o colher a tempo. Em Salvador, conta-nos um viajante do século XVII ter encontrado o preconceito de que "*la fleur de virginité doit se cueillir [...] dans les premières années, afin qu'elle ne se flétrisse pas*". Também dá como "*fort ordinaire aux mères de questionner leurs filles sur ce qu'elles sont capables de sentir à l'âge de douze ou treize ans & de les inviter à faire ce qui peut émonasser les aiguillons de la chair*".¹⁵⁵

Com relação ao preconceito da virgindade perder logo o gosto, as palavras de Coreal parecem exatas. Desde o século XVI dominou no Brasil semelhante prejuízo. Quem tivesse sua filha, que a casasse meninota. Porque depois de certa idade as mulheres pareciam não oferecer o mesmo sabor de virgens ou donzelas que aos doze ou aos treze anos. Já não conservavam o provocante vendor de meninas-moças apreciado pelos maridos de trinta, quarenta anos. As vezes de cinquenta, sessenta, e até setenta. Burton escreve que no meado do século XIX ainda eram comuns os casamentos de velhos de setenta com mocinhas de quinze anos.¹⁵⁶

Do Padre Anchieta, que foi, como todo jesuíta no século XVI, um grande casamenteiro, aproximou-se um dia certo Alvaro Neto com uma filha nesta tristíssima situação: quinze anos e ainda solteira. "Fazia-lhe grandes queixas Alvaro Neto, morador da villa de São Paulo", diz-nos o Padre Simão de Vasconcelos na sua *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Jesu*, "que tinha huma filha já de quinze anos & nam tinha remédio para casalla". Outra moça aparece na crônica jesuíta na mesma situação da filha de Alvaro Neto: Filipa da Mata. Esta fora noiva de Joseph Adorno; mas desmanchara-se o casamento, ficando a família inconsolável. Não teria talvez quinze anos a desgraçada Filipa, já solteirona dolorosa: num instante consolou-a e aos seus pais o grande missionário. Não só profetizou-lhe casamento para muito breve com um rapaz de Lisboa como uma vida ideal depois de casada: "tantos filhos que nam saberá quaes sam as camisas de uns & outros".¹⁵⁷

Ainda hoje, nas velhas zonas rurais, o folclore guarda a reminiscência dos casamentos precoces para a mulher; e a idéia de que a virgindade só tem gosto quando colhida verde. Diz-se no interior de Pernambuco:

*Meu São João, casai-me cedo,
Enganto sou rapariga,
Que o milho rachado tarde
Não dá palha nem espiga.*

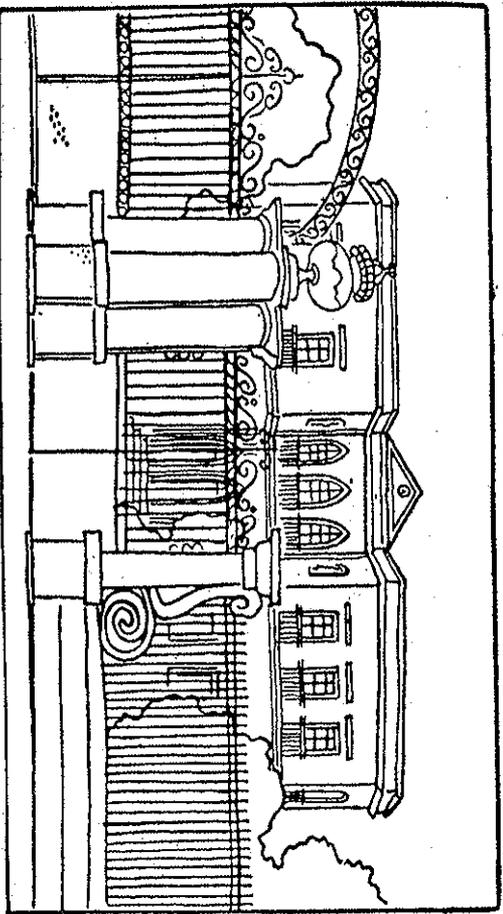
Noutros pontos do Brasil a quadra varia:

*Minha mãe, nos casa logo
Quando somos raparigas:
O milho plantado tarde
Nunca dá boas espigas.*

Quase todos os viajantes que nos visitaram durante o tempo da escravidão contrastam a fresca encantadora das meninas com o desmaiado do rosto e o desmazelo do corpo das matronas de mais de dezoto. De Mrs. Kindersley já vimos a opinião: as senhoras "ficavam com o ar de velhas muito depressa" ("*they look old very early in life*"). Seus traços perdiam a delicadeza e o encanto. O mesmo notou Luccock no Rio de Janeiro. Olhos vivos, dentes bonitos, maneiras alegres — tal o retrato que nos traça de meninas de treze ou quatorze anos. Aos dezoto anos, já matronas, atingiam a completa maturidade. Depois dos vinte decadência.¹⁵⁸ Ficavam gordas, moles. Criavam papada. Tornavam-se pálidas. Ou então murchavam. Algumas, é certo, tornavam-se fortes e corpulentas como o original de certo retrato antigo, que hoje se vê na galeria do Instituto Histórico da Bahia: mas feias, de buço, um ar de homem ou virago.

No século XVII, notara em Pernambuco um observador holandês que as mulheres, ainda moças, perdiam os dentes; e pelo costume de estarem sempre sentadas, no meio das mucamas e negras que lhes faziam as menores cousas, andavam "como se tivessem cadeias nas pernas".¹⁵⁹ Sem a agilidade das holandesas. Mawe, nas suas viagens pelo interior do Brasil, surpreendeu nas mulheres a mesma tendência para, ainda novas, perderem a vivacidade.¹⁶⁰ Mrs. Graham, na Bahia, notou que elas se tornavam "*almost indecently slovenly, after very early youth*".¹⁶¹

No meado do século XIX, Burton, no sul do Brasil, ficou encantado com as mineiras; mas as mineiras de treze para dezesseis anos. Em Minas, escreve ele, não há "*beauté du dia-*



O palacete dos Viscondes do Livramento (Pernambuco), acusando reminiscências de meados do século XIX. (Segundo fotografia de José Maria C. de Albuquerque e Melo.)

bie".¹⁶⁸ As meninas adquiriam encantos de moça sem atravessarem a fase da puberdade, tão antipática na Europa.

Outro que se deixou seduzir pelas meninas-moças do Brasil foi von den Steinen que aqui esteve em 1885. "Um anjo de moça", chamou a uma delas o cientista germânico. Expressão de bacharel de Olinda em verso para ser recitado ao som da *Dadila* na casa da prima. "Estas brasileiras", são ainda palavras líricas de von den Steinen, "aos doze e treze anos, quando já na puberdade, e a mãe começa a pensar seriamente em casamento, encantam e enleiam com sua beleza florescente". Para o cientista alemão evolava-se "destas criaturas tropicais, antes da completa maturidade, tão delicado, tão delicioso perfume de feminilidade, como não o possuem os nossos botões de rosa europeus".¹⁶⁹ Pena que tão cedo se desfolhassem essas entrefechadas rosas. Que tão cedo murchasse sua estranha beleza. Que seu encanto só durasse mesmo até os quinze anos.

Idade em que já eram sinhá-donas; senhoras casadas. Algumas até mães. Na missa, vestidas de preto, cheias de saias de baixo e com um véu ou mantilha por cima do rosto; só deixando de fora os olhos — os grandes olhos tristonhos. Dentro de casa, na intimidade do marido e das mucamas, mulheres relaxadas. Cabeção picado de renda. Chifre sem reatas. Os peitos

às vezes de fora. Maria Graham quase não conheceu no teatro as senhoras que vira de manhã dentro de casa — tamanha a disparidade entre o traje caseiro e o de cerimônia.¹⁷⁰

Mulheres sem ter, às vezes, o que fazer. A não ser dar ordens estridentes aos escravos; ou brincar com papagaios, saguis, mulequinhos. Outras, porém, preparavam doces finos para o marido; cuidavam dos filhos. As devotas, cosiam camisinhas para o Menino Jesus ou bordavam panos para o altar de Nossa Senhora. Em compensação, havia freiras que se encarregavam de coser enxovais de casamento e de batizado para as casas grandes.

"Os casamentos se fazem aqui muito cedo", escreveu do Brasil o inglês Alexander Caldebaugh: "não é raro encontrarem-se mães de treze anos".¹⁷¹ "O clima", acrescenta, "e hábitos reatados das brasileiras têm considerável efeito sobre seu físico. Quando novas, os belos olhos escuros e a figura bonita atraem a admiração de todos; mas dentro de poucos anos, dá-se uma mudança na sua aparência, que longa e contínua doença dificilmente causaria na Europa."¹⁷² Walter Cotton, no seu diário de viagem, conta que no Rio de Janeiro lhe mostraram uma criança de doze anos — já senhora respeitável.¹⁷³ Mãe! Na idade de brincar com boneca, já estava lidando com filho.

O casamento era dos fatos mais espavoridos em nossa vida patriarcal. Festa de durar seis, sete dias, simulando-se às vezes a captura da noiva pelo noivo. Preparava-se com esmero a "cama dos noivos" — fronhas, colchas, lençóis, tudo bordado a capricho, em geral por mãos de freiras; e exposto no dia do casamento aos olhos dos convidados.¹⁷⁴ Matavam-se bois, porcos, perus. Faziam-se bolos, doces e pudins de todas as qualidades. Os convivas eram em tal número que nos engenhos era preciso levantar barracões para acomodá-los. Danças europeias na casa grande. Samba africano no terreiro. Negros afforriados em sinal de regozijo. Outros dados à noiva de presente ou de dote: "tantos pretos", "tantos muleques", uma "cabrinha".

Um fato triste é que muitas noivas de quinze anos morriam logo depois de casadas. Meninas. Quase como no dia da primeira comunhão. Sem se arredondarem em matronas obesas; sem criarem buço; sem murcharem em velhinhas de trinta ou quarenta anos. Morriam de parto — vãs todas as promessas e rogos a Nossa Senhora da Graça ou do Bom Parto. Sem tempo de criarem nem o primeiro filho. Sem provarem o gosto de mamar uma criança de verdade em vez dos bebês de pano, feitos pelas negras de restos de vestidos. Ficava então o menino para as mucamas criarem. Muito menino brasileiro do tempo da es-

cravião foi criado inteiramente pelas mucamas. Raro o que não foi amamentado por negra. Que não aprendeu a falar mais com a escrava do que com o pai ou a mãe. Que não cresceu entre muléques. Brincando com muléques. Aprendendo a safadeza com eles e com as negras da copa. E cedo perdendo a virgindade. Virgindade do corpo. Virgindade de espírito. Os olhos, dois borrões de sem-vergonhice. A boca como a das irmãs de Maria Borralheira: boca por onde só saía bosta. Meninos que só conversavam porcaria. Ou então conversas de cavalo, de galo de briga, de canário.

Isso sucedeu a muito menino com a mãe ainda viva: vivinha da silva e energética, mandando castigar escravos safiados ou negras sem-vergonhas que ensinassem porcaria aos filhos. Imaginem-se os meninos sem mãe; sem madrinha; sem avó; entre-gues a mucamas nem sempre capazes de lhes substituir a mãe.

"Primeiramente eu estou persuadido", escrevia em 1837 no seu jornal *O Carapuceiro* o Padre-Mestre Miguel do Sacramento Lopes Gama, "que a escravaria que desgraçadamente se introduziu entre nós, he a causa primordial da nossa pessima educação e em verdade quaes os nossos primeiros mestres? São sem duvida a africana, que nos amamentou, que nos pensou, e nos subministrou as primeiras noções, e quantos escravos existião na casa paterna em a quadra dos nossos primeiros annos. Maneyras, linguagem, vícios, tudo nos innocula essa gente safara, e brutal, que á rusticidade da selvageria une a indolencia, o despejo, o servilismo proprio da escravidão. Com pretas e pretos boçães, e com os filhinhos destes vivemos desde que abrimos os olhos; e como poderá ser bóa nossa educação?" E ainda: "Muléquinhos, que nascem na casa paterna, são os companheiros da nossa infancia, e as mães destes as nossas primeiras mestras; porque muitas vezes ou nos mamemão ou nos servem de aias; e que sementes de moralidade, que virtudes poderão escravas plantar em nossos tenrinhos corações?"¹⁶⁸ Em 1823 já perguntara José Bonifácio, em sua *Representação à Assembléa Geral Constituinte*: "que educação podem ter as familias que se servem com esses infelizes sem honra, sem religião? Que se servem com as escravas, que se prostituem ao primeiro que as procura? Tudo se compensa nesta vida. Nós tyrannizamos os escravos e os reduzimos a brutos animaes; elles nos innoculam toda a sua immoralidade e todos os seus vícios. E na verdade, senhores, se a moralidade e a justiça de qualquer povo se fundam, parte nas suas instituições religiosas e politicas, e parte na philosophia, por assim dizer domestica, de cada familia, que quadro pode apresentar, o Brasil quando o consideramos de bai-

xo desses dois pontos de vista?"¹⁶⁹ Cinco anos depois o Marquês de Santa Cruz, Arcebispo da Bahia, feriu a mesma nota em discurso no Parlamento: "Sempre estive persuadido que a palavra escravidão desperta as idéas de todos os vícios e crimes; sempre lastimei, finalmente, a sorte dos tenros meninos brasileiros que, nascendo e vivendo entre escravos, recebem desde os primeiros anos as funestas impressões dos contagiosos exemplos desses seres degenerados; e oxalá que eu me enganasse! oxalá que fossem mais raros os triumphos da seducção e os naufragios na innocencia! oxalá que tantas familias não tivessem de deplorar a infamia e a vergonha em que as tem precipitado a immoralidade dos escravos!"¹⁷⁰

Descontem-se nas palavras do patriarca da Independência e principalmente nas do marquês-arcebispo da Bahia os excessos de moralista e panfletário. Elas refletem, assim desbastadas, experiências por eles vividas. Fatos que observaram. Influências que sofreram. Deve-se notar que nenhum dos três attribui ao negro, ao africano, à "raça inferior", as "funestas consequências" da senzala sobre a casa-grande. Atribuem-nas ao escravo. Ao fato social e não o étnico. Seus depoimentos constituem material de primeira ordem a favor daqueles que, como R. Blieden, procuram interpretar os males e vícios da formação brasileira, menos pelo negro ou pelo português, do que pelo escravo.

José Bonifácio, ao escrever libelo tão forte contra a escravidão, não sabemos se teria consciencia dos vícios de caráter por ele próprio adquiridos no contato dos escravos: seu estranho sadismo, por exemplo. Revelou-o bem ao assistir por puro prazer, sem nenhuma obrigação, ao castigo patriarcal que a soldados portugueses mandou infligir de uma feita o Imperador Dom Pedro I no Campo de Santana: cinquentia açoites em cada um. Castigo de senhor de engenho em negros ladrões. Arrumaram-se os soldados em grupos de cinco, conforme a estatutura. Despiram-se-lhes as fardas e as camisas. Os homens ficaram então nus das espáduas às nádegas, curvados para a frente. E começaram os açoites. Alguns soldados terminaram deitados de bruços sobre o chão, vencidos pela dor da chibata. José Bonifácio, que assistiu a tudo por gosto, conservou-se no campo até o final da flagelação.¹⁷¹ Até o cair da noite. Sinal de que a cena não lhe desagradara. Outras evidências poderiam juntar-se de vários traços, no caráter de José Bonifácio, que se podem attribuir à influencia da escravidão. E se destacamos José

Bonifácio é para que se faça idéia da mesma influência sobre homens de menor porte e personalidade menos viril.

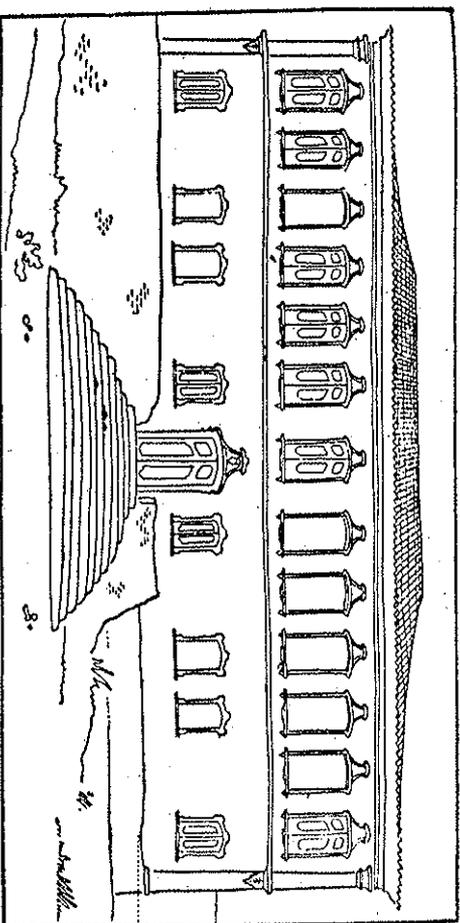
Mas accia, de modo geral, como deletéria a influencia da escravidão doméstica sobre a moral e o caráter do brasileiro casa-grande, devemos atender às circunstâncias especialíssimas que entre nós modificaram ou atenuaram os males do sistema. Desde logo salientamos a dogura nas relações de senhores com escravos domésticos, talvez maior no Brasil do que em qualquer outra parte da América.

A casa-grande fazia subir da senzala para o serviço mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos — amas de criar, mucamas, irmãos de criação dos meninos brancos. Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos mas o de pessoas de casa. Espécie de parentes pobres nas famílias européias. A mesa patriarcal das casas-grandes sentavam-se como se fossem da família numerosos mulatinhos. Crias, Malungos.. Muleques de estimação. Alguns saíam de carro com os senhores, acompanhando-os aos passeios como se fossem filhos.

Quanto às mães-pretas, referem as tradições o lugar verdadeiramente de honra que ficavam ocupando no seio das famílias patriarcais. Alforriadas, arredondavam-se quase sempre em pretalhonas enorimes. Negras a quem se faziam todas as vontades: os meninos tomavam-lhe a bênção; os escravos tratavam-na de senhoras; os boqueiros andavam com elas de carro. E dia de festa, quem as visse anchas e enganjentas entre os brancos de casa, havia de supô-las senhoras bem-nascidas; nunca ex-escravas vindas da senzala.

É natural que essa promoção de indivíduos da senzala à casa-grande, para o serviço doméstico mais fino, se fizesse atendendo a qualidades físicas e morais; e não à toa e desleixadamente. A negra ou mulata para dar de mamar a rhonhô, para niná-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, cuidar-lhe da roupa, contar-lhe histórias, às vezes para substituir-lhe a própria mãe — é natural que fosse escolhida dentre as melhores escravas da senzala. Dentre as mais limpas, mais bonitas, mais fortes. Dentre as menos boçais e as mais ladinas — como então se dizia para distinguir as negras já cristianizadas e abraçadeiras, das vindas há pouco da África; ou mais renitentes no seu africanismo.

No Brasil, país de formação social profundamente católica, sempre se fez mais questão do que nas Antilhas e no sul dos Estados Unidos da condição religiosa do escravo: "Os africanos importados de Angola", informa Koster, "são batizados



Casa-grande do Engenho Embiara, na Bahia.
(Segundo fotografia do IPHAN)

em massa antes de saírem de sua terra, e chegando ao Brasil ensinam-lhes os dogmas religiosos e os deveres do culto que vão seguir. Trazem no peito o sinal da Coroa Real a fim de indicar que foram batizados e por eles pagos os direitos. Os escravos que se importam das outras regiões da África chegam ao Brasil sem ter sido batizados e antes de proceder-se a cerimônia que os deve fazer cristãos é necessário ensinar-lhes certas orações, para o que concede-se aos mestres o prazo de um ano no fim do qual são obrigados a apresentar os discípulos à igreja paroquial.¹⁷² Essa lei não acreditava Koster que fosse rigorosamente cumprida com relação ao tempo: era-o porém em essência, não havendo senhor brasileiro capaz de traír os preceitos da Igreja contra o paganismo. "Do seu lado o escravo deseja a qualidade de cristão porque os camaradas tendo com ele a menor questão terminam sempre o excesso dos injuriosos epifetos que lhe dirigem, com o de pagão." Pagão ou mouro. Acrescenta Koster: "O negro sem batismo, vê-se com pesar considerado um ser inferior e embora ignorando o valor que os brancos ligam àquela cerimônia, sabe que deve lavar a mancha que lhe exprobram e mostra-se impaciente por tornar-se igual aos outros. Os africanos, chegados há muito tempo, estando já imbuídos de sentimentos católicos, parecem esquecer que outrora estiveram nas mesmas condições que os recém-chegados. Não se pergunta aos escravos se querem ou não ser ba-

tizados; a entrada deles no grêmio da Igreja Católica é considerada como questão de direito. Realmente eles são tidos menos por homens do que por animais ferozes até gozarem do privilégio de ir à missa e receber os sacramentos.¹⁷⁵

Não pretendemos aqui considerar o grau de cristianização atingido pela massa escrava — assunto de que nos ocuparemos em estudo próximo; mas, o certo é que, por contágio e pressão social, rapidamente se impregnou o escravo negro, no Brasil, da religião dominante. Aproximou-se por intermédio dela da cultura do senhor; dos seus padrões de moralidade. Alguns tornaram-se tão bons cristãos quanto os senhores; capazes de transmittir às crianças brancas um catolicismo tão puro quanto o que estas receberiam das próprias mães.

Silvio Romero, recordando o seu tempo de menino num engenho do Norte, disse uma vez que nunca viu rezar tanto quanto a escrava Antônia, sua mãe negra. Ela é que o fizera religioso. "Devo isso [a religião] à mucama de estimação a que foram, em casa de meus avós, encarregados os desvelos de minha meninice. Ainda hoje existe, nonagenária, no Lagarto, ao lado de minha mãe, essa adorada Antônia, a quem me acostumei a chamar também de mãe... Nunca vi criatura tão metida, e nunca vi rezar tanto. Dormia comigo no mesmo quarto e, quando, por alta noite, eu acordava, lá estava ela de joelhos... rezando... Bem cedo aprendi as orações e habituei-me tão intensamente a considerar a religião como coisa séria, que ainda agora a tenho na conta de uma criação fundamental e indestrutível da humanidade. Desgraçadamente, aí de mim! não rezo mais, mas sinto que a religiosidade jaz dentro do meu sentir inteiriça e irredutível."¹⁷⁶ Outros brasileiros, da geração de Silvio, poderiam dizer o mesmo. O próprio Joaquim Nabuco terá poventura aprendido com a sua velha ama negra de Mangana o padre-nosso que, no fim da vida, voltou a rezar na Igreja do Oratório em Londres. Quando morreu-lhe a madrinha — "cena de naufrágio" que evoca numa das páginas mais comovidas de *Minha Formação* — foi o seu grande consolo: a velha ama negra continuar a servi-lo como dantes. "O menino está mais satisfeito", escrevia a seu pai o amigo que o devia levar à Corte, "depois que eu lhe disse que a sua ama o acompanharia."¹⁷⁷

Mas o ponto que pretendemos destacar não é o dessas fundas afeições, quase de mãe e filho, que no tempo da escravidão se formaram entre escravas amas-de-leite e nhonhós brancos; mas retificar a idéia de que através da ama-de-leite o menino da casa-grande só fizesse receber da senzala influências ruins;

absorvendo com o primeiro alimento os germes de todas as doenças e superstições africanas. Os germes de doenças, recebeu-os muitas vezes; e outras os transmitiu; mas recebeu também nos afagos da mucama a revelação de uma bondade poventura maior que a dos brancos; de uma ternura como não a conhecem igual os europeus; o contágio de um misticismo quente, voluptuoso, de que se tem enriquecido a sensibilidade, a imaginação, a religiosidade dos brasileiros.

Verificou-se entre nós uma profunda confraternização de valores e de sentimentos. Predominantemente coletivistas, os vindos das senzalas; puxando para o individualismo e para o privatismo, os das casas-grandes. Confraternização que dificilmente se teria realizado se outro tipo de cristianismo tivesse dominado a formação social do Brasil; um tipo mais clerical, mais ascético, mais ortodoxo; calvinista ou rigidamente católico; diverso da religião doce, doméstica, de relações quase de família entre os santos e os homens, que das capelas patriarcais das casas-grandes, das igrejas sempre em festas — batizados, casamentos, "festas de bandeira" de santos, crismas, novenas — presidiu o desenvolvimento social brasileiro. Foi esse cristianismo doméstico, lírico e festivo, de santos compadres, de santas comadres dos homens, de Nossas Senhoras madrinhas dos meninos, que criou nos negros as primeiras ligações espirituais, morais e estéticas com a família e com a cultura brasileira. "Os escravos tornados cristãos fazem mais progresso na civilização", observou Koster. "Não se tem lançado mão de constrangimento para os fazer adotar os costumes dos senhores, mas insensivelmente lhes dirigem as idéias para este lado; os senhores ao mesmo tempo contraem alguns hábitos dos seus escravos e desta sorte o superior e o inferior se aproximam. Eu não duvido que o sistema de batizar negros importados tenha antes a sua origem na devoção dos portugueses do que em vistas políticas, mas tem produzido os melhores resultados."¹⁷⁸

Não foi só "no sistema de batizar os negros" que se resumia a política de assimilação, ao mesmo tempo que de contemporização seguida no Brasil pelos senhores de escravos: consistiu principalmente em dar aos negros a oportunidade de conservarem, à sombra dos costumes europeus e dos ritos e doutrinas católicas, formas e acessórios da cultura e da mítica africana: Salienta João Ribeiro o fato de o cristianismo no Brasil ter concedido aos escravos uma parte no culto; de santos negros como São Benedito e Nossa Senhora do Rosário terem se tornado patronos de irmandades de pretos; dos escravos terem se reunido em grupos que foram verdadeiras organizações de

disciplina, com "reis do Congo" exercendo autoridade sobre "vassallos".¹⁷⁷

Já Koster notara que a instituição dos reis do Congo no Brasil, em vez de tornar os negros refratários à civilização, facilitava esse processo e o da disciplina dos escravos: "os reis do Congo eleitos no Brasil rezam a Nossa Senhora do Rosário e trajam à moda dos brancos; eles e os seus súditos conservam, é certo, as danças do seu país; mas nas suas festas admitem-se escravos africanos de outras regiões, crioulos e mulatos que dançam da mesma maneira; essas danças atualmente são mais danças nacionais do Brasil do que da África."¹⁷⁸ Vê-se quanto foi prudente e sensata a política social seguida no Brasil com relação ao escravo. A religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternização entre as duas culturas, a do senhor e a do negro; e nunca uma intransponível ou dura barreira. Os próprios padres proclamavam a vantagem de concederem-se aos negros seus folguedos africanos. Um deles, jesuíta, escrevendo no século XVIII, aconselhava os senhores não só a permitirem, como a "acordirem com sua liberalidade" às festas dos pretos. "Porquanto não lhe estranhem o criarem seus reis, cantar e bailar por algumas horas honestamente em alguns dias do anno, e o alegrarem-se honestamente à tarde depois de terem feito pela manhã suas festas de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedicto e do orago da capela do engenho [...]".¹⁷⁹

A liberdade do escravo de conservar e até de ostentar em festas públicas — a princípio na véspera de Reis, depois na noite de Natal, na de Ano-Bom, nos três dias de carnaval — for- mas e acessórios de sua mítica, de sua cultura fetichista e to- têmica, dá bem a idéia do processo de aproximação das duas culturas no Brasil. Liberdade a que não deixou nunca de cor- responder forte pressão moral e doutrinária da Igreja sobre os escravos. Koster observou em Pernambuco: "a religião que en- sinam [os senhores] aos escravos do Brasil tem operado neles salutar efeito porque conseguiu diminuir ou destruir a cega con- fiança, que depositavam nos sortilégios de seus compatriotas. Exercem a sua credulidade do modo mais innocente. Os terríveis resultados da autoridade dos *Obedts* nas Antilhas não se verifi- cam no Brasil entre os mandingueiros".¹⁸⁰ Gente pronta a admi- tir a eficácia das mandingas, nunca deixou de haver entre nós; mas esse "prejuizo", não o considerou o inglês nem "geral" nem de "perniciosas" consequências". É verdade que muito senhor de engenho, já sem forças para dar conta dos haréns de negras e mulatas, teve os dias encurtados pelo uso de beberagens atro- cissimas preparadas por pretos mandingueiros. Também houve

quem morresse de "cousas feitas" e de veneno africano. Casos raros, porém. Esportádicos.

Ocupando-se da cristianização do negro, no Brasil, Nina Rodrigues se extrema, ao nosso ver, num erro: o de considerar a catequese dos africanos uma ilusão.¹⁸¹ Mesmo diante das evi- dências reunidas pelo cientista maranhense — maranhense de origem, embora o centro de sua ação intelectual tenha sido a Bahia — a favor de sua tese, não se pode negar a extensa ação educativa, abrangeira, moralizadora no sentido europeu, da religião católica sobre a massa escrava. Aliás o ponto de par- tida da tese de Nina Rodrigues, consideramo-lo falso: o da in- capacidade da raça negra de elevar-se às abstrações do cristia- nismo. Nina Rodrigues foi dos que acreditaram na lenda da inaptidão do negro para todo surto intelectual. E não admitia a possibilidade do negro elevar-se até o catolicismo.

Foi, porém, ao calor da catequese católica — de um catol- icismo, é certo, que para atrair os índios já se opulentara de novas cores e até de imitações, pelos padres, das gatinhas dos pajés — que se amolecera nos africanos, vindos de áreas fe- tichistas, os traços mais duros e grossos da cultura nativa. A catequese era a primeira ferverura que sofria a massa de negros, antes de integrar-se na civilização oficialmente cristã aqui for- mada com elementos tão diversos. Esses elementos, a Igreja quebrou-lhes a força ou a dureza, sem destruir-lhes toda a po- tencialidade.

Na ordem de sua influência, as forças que dentro do sistema escravocrata atuaram no Brasil sobre o africano recém-chegado foram: a igreja (menos a Igreja com I grande, que a outra, com i pequeno, dependência do engenho ou da fazenda patriar- cal); a senzala; a casa-grande propriamente dita — isto é, con- siderada como parte, e não centro dominador do sistema de co- lonização e formação patriarcal do Brasil. O método de des- fricização do negro "novo", aqui seguido, foi o de misturá-lo com a massa de "ladinos", ou veteranos; de modo que as sen- zalas foram uma escola prática de abrasileiramento.

A verdadeira iniciação do "negro novo" na língua, na re- ligião, na moral, nos costumes dos brancos, ou antes, dos ne- gros "ladinos", fez-se na senzala e no cito, os "novos" imitando os veteranos. Foram ainda os "ladinos", os que iniciaram os "boçais" na técnica ou na rotina da plantação da cana e do fa- brico do açúcar. Um cronista holandês do século XVII gaba os negros "ladinos" de origem angola como mestres ou iniciadores dos negros "novos". Do mesmo modo que aconselha a só se im- portarem pretos da Angola.¹⁸² Que os de Arda eram cabeçu-

dos e tardos; difíceis de se habituarem à rotina dos engenhos. Levantavam-se às vezes contra os feitores e moliam-nos de pancadas.

Outras forcas podem-se particularizar como tendo atuado sobre os negros no sentido do seu abrutalhamento; modificando-lhes a plástica moral e é possível que também a física; conformando-as não só ao tipo e às funções de escravo como ao tipo e aos característicos de brasileiro. O meio físico. A qualidade e o regime da alimentação. A natureza e o sistema de trabalho.

A repercussão de todas essas influências, naturais umas, outras artificiais e até perversas, sobre o físico e a moral do negro no Brasil, é assunto para ser estudado com minúcia. Falta-nos infelizmente material de pesquisa antropológica que permita exato confronto do negro brasileiro — estreme de cruzamento, rigorosamente puro — com o africano.¹⁸⁴ Os estudos de Roquette-Pinto revelam-nos uma disparidade surpreendente, que talvez se possa attribuir à influência da perístase, entre os negros do Brasil e os da África: geral a braquicefalia entre os nossos, em contraste com a dolicocefalia dos africanos. Diferenças também de índice nasal: — os melanodermos brasileiros de nariz mais achatado, aproximando-se dos bastardos do Sul da África e dos filipinos. O que os coloca fora do grande grupo negro.¹⁸⁴

As diferenças de índice nasal, attribuídas Roquette-Pinto ao fato de serem raros os negros realmente puros no Brasil; a própria braquicefalia acreditada que deya correr por conta de "diferença local, muito possivelmente oriunda de velhos cruzamentos". Mas não deixa de admitir a possibilidade de casos de imitação (Davenport) ou de influência de perístase (Boas).¹⁸⁵

Interessante é ainda o fato, salientado pelo Professor Roquette-Pinto, dos mulatos brasileiros tenderem para estatura "nas proximidades dos brancos mais baixos",¹⁸⁶ quando nos Estados Unidos, para onde parece ter sido menor a migração dos sudaneses altos, os mulatos se apresentam com uma média elevada de estatura. Pode muito bem tratar-se de diminuição de estatura por efeito da qualidade e do regime de alimentação; resultado do modo por que variou do regime nativo a nutrição do negro no Brasil e nos Estados Unidos. Ou pode ser simplesmente a influência do cruzamento com o branco mais alto e melhor alimentado nos Estados Unidos.

Sá Oliveira, em trabalho publicado em 1895, indicou vários efeitos sobre indivíduos da raça negra das novas circunstâncias, que podemos chamar econômicas, de sua vida doméstica

e de trabalho no Brasil; primeiro como escravos, depois como párias. Por exemplo: obrigadas as negras, no trabalho agrícola de longas horas por dia, a trazerem os filhos atados às costas — costume seguido na África, mas só durante viagens ou pequena parte do dia — "vêm mais tarde os seus filhos ficarem com as pernas defeituosas, arqueadas, de modo que, tocando-se pelos pés formam uma elipse alongada".¹⁸⁷ Por outro lado, quando se todas, obrigadas a se entregarem a ocupações agrícolas ou domésticas, atiravam os filhos ao berço, à estira ou à rede — aí permanecendo as crianças dias inteiros. Daí, para Sá Oliveira, o fato de muitos negros e mulatos que se encontram no Brasil com a "região occipital projetada para a parte posterior como os africanos e outros têm-na achatada, diminuindo de algum modo a projeção do crânio posterior". Efeito de pressão invariável e constante no *occiput*, quase o dia inteiro.

Brandão Júnior refere o fato de um fazendeiro no Maranhão que obrigava as escravas negras a deixarem seus filhos, crianças ainda de mama, no *teijupabo*, metidos até o meio do corpo em buracos para esse fim cavados na terra.¹⁸⁸ O fim era evidentemente assegurar-lhe a imobilidade, evitando-se o perigo de engatinharem para o mato; ou para os pastos, chiqueiro, estrebarta, etc. Acreditamos ter sido costume seguido numa ou noutra fazenda, ou engenho de cana, e não prática generalizada, mesmo no Maranhão, cujos fazendeiros e senhores de engenho criaram fama de extremamente cruéis com os escravos. Prática generalizada, teria sido outra causa de deformações patológicas dos escravos negros e seus descendentes, tantas vezes contrariados no seu desenvolvimento físico, moral e eugênico pelas circunstâncias de sua situação econômica; pelas necessidades ou abusos do regime de trabalho nas plantações brasileiras. Deve-se notar, por outro lado, que as negras conservaram no Brasil, sempre que lhes foi possível, certos costumes, para elas quase sagrados, de deformação física das crianças — como o de "amassar-lhes a cabeça". Costumes que conservaram nas senzalas; mas que terão empregado às vezes nas casas-grandes, onde chegaram algumas a ser quase onipotentes como mães de criação de meninos brancos.

A escolha da escrava negra para ama de menino sugere-nos outro aspecto interessantíssimo das relações entre senhores e escravos no Brasil: o aspecto higiénico. De Portugal transmitira-se ao Brasil o costume das mães ricas não amamentarem os filhos, confiando-os ao peito de salotas ou escravas. Júlio Dantas, nos seus estudos sobre o século XVIII em Portugal, registra o fato: "o precioso leite materno era quase sempre substi-

tuído pelo leite mercenário das amas".¹⁸⁸ O que atribui à moda. Com relação ao Brasil, seria absurdo atribuir-se à moda a aparente falta de ternura materna da parte das grandes senhoras. O que houve, entre nós, foi impossibilidade física das mães de atenderem a esse primeiro dever de maternidade. Já vimos que se casavam todas antes do tempo; algumas fisicamente incapazes de ser mães em toda a plenitude. Casadas, sucediam-se nelas os partos. Um filho atrás do outro. Um doloroso e contínuo esforço de multiplicação. Filhos muitas vezes nascidos mortos — anjos que iam logo se enterrar em caixõeszinhos azuis. Outros que se salvavam da morte por milagre. Mas todos deixando as mães uns mulambos de gente.

Nossos...avós...e...bisavós patriarcais, quase sempre grandes procriadores, às vezes terríveis sátrios de patuá de Nossa Senhora sobre o peito cabeludo, machos insaciáveis colhendo do casamento com meninas todo um estranho sabor sensual, raramente tiveram a felicidade de se fazerem acompanhar da mesma esposa até a velhice. Eram elas que, apesar de mais moças, iam morrendo; e eles casando com irmãs mais novas ou primas da primeira mulher. Quase uns barba-azuis. São numerosos os casos de antigos senhores de engenho, capitães-mores, fazendeiros, barões e viscondes do tempo do Império, casados três, quatro vezes; e pais de numerosa prole. Fatos que são indicados quase como glórias nos seus testamentos e os vários matrimônios, nos túmulos e catacumbas dos velhos cemitérios e das capelas de engenho. Pois essa multiplicação de gente se fazia à custa do sacrifício das mulheres, verdadeiras mártires em que o esforço de gerar, consumindo primeiro a mocidade, logo consumia a vida.

A esse fato, e não a nenhuma imposição da moda, deve-se atribuir a importância, em nossa organização doméstica, da escrava ama-de-leite, chamada da senzala à casa-grande para ajudar franziñas mães de quinze anos a criarem os filhos. Imbert observou que no Brasil as senhoras brancas, além de mães prematuras, sofriam "a acção incessante de um clima situado debaixo dos tropicos", clima que lhes "exgota as forças vitaes" e "irrita o systema nervoso". Enquanto as amas negras "organizadas para viver nas regiões calidas em que sua saúde prospera mais que em qualquer outra parte, adquirem nesta condição climaterica um poder de amamentação que a mesma zona recusa geralmente ás mulheres brancas por isso que a organização physica destas não se allia com tanta harmonia á acção da temperatura extrema destas regiões equatoriaes".¹⁹⁰ Observação que se concilia com a de Bates sobre a tristeza do índio e do

branco nos trópicos em contraste com a alegria exuberante, a vivacidade e a saúde esplêndida do negro. Talvez não seja ponto inteiramente desprezível o salientado por Imbert, do maior poder de amamentação da mulher preta que a branca nos países tropicais. A tradição brasileira não admite dúvida: para ama-de-leite não há como a negra.

Mas a razão principal do maior vigor das negras que das brancas estaria porventura em suas melhores condições eugênicas. Em motivos principalmente sociais, e não de clima. Em Portugal divergiam, nos séculos XVII e XVIII, os mestres na "arte de curar e crear meninos" quanto à cor que se devia preferir nas amas-de-leite. O que mostra ter o problema de louras e morenas preocupado os médicos antes de inquietar os estetas encarregados de escolher coristas para os teatros de Paris e Nova Iorque. O Dr. Francisco da Fonseca Henriques — grande celebridade médica em Portugal no século XVIII — opunha-se às mulheres fuscas e morenas: aconselhava as louras; ¹⁹¹ o autor da *Polyanthea* era grande partidário das morenas. Alegava que "alem de serem mais sanguinhas, convertem melhor o alimento em sangue e em leite, á maneira da terra, que quanto é mais negra, tanto é mais fértil".¹⁹²

Os conselhos do autor da *Polyanthea* devem ter repercutido simpaticamente entre os portugueses da América, por varias circunstancias predispostos a criar seus meninos em peito de escrava negra. Negra ou mulata. Peitos de mulheres sãs, rijas, cor das melhores terras agricolas da colônia. Mulheres cor de massapê e de terra roxa. Negras e mulatas que além do leite mais farto, apresentavam-se satisfazendo outras condições, das muitas exigidas pelos higienistas portugueses do tempo de Dom João V. Dentes alvos e inteiros (nas senhoras brancas era raro encontrar-se uma de dentes são, e pode-se afirmar, através dos cronistas, das anedotas e das tradições coloniais, ter sido essa uma das causas principais de ciúme ou rivalidade sexual entre senhoras e mucasas). Não serem primíparas. Não terem sardas. Serem mães de filhos sadios e vivedouros.

J. B. A. Imbert, no seu *Guia Médica*, ao abeirar-se do delicado problema das amas-de-leite, principia um tanto acianamente: "os peitos deverão ser convenientemente desenvolvidos, nem rijos nem molles, os bicos nem muito pontudos nem encolhidos, accommodados ao labio do menino".¹⁹³ Imbert reconhecia a conveniência das amas de criar serem escravas, não admitindo "em regra geral, que as mães ainda mui jovens possam no Brasil supportar as fadigas de uma amamentação prolongada sem grave detrimento de sua saude bem como dos filhas".

Mas salientando sempre a necessidade de fiscalizarem as senhoras as amas negras.

Os fazendeiros deviam preocupar-se com a higiene pré-natal e infantil, não só nas casas-grandes, como nas senzalas. Muito negroinho morria anjo por ignorância das mães. "As negras de ordinário", informa o *Manual do Fazendeiro ou Tratado Doméstico Sobre as Enfermidades dos Negros*, "cortão o cordão muito longe do embigo e estão de mais a mais no pernicioso costume de lhe porem em cima pimenta, e fomental-o com oleo de ricino ou qualquer outro irritante. Feito isto apertam essas malditas o ventre da creança a ponto quasi de suffocal-a. Este barbaro costume corta o fio da vida a muitas e muitas creanças e contribue para desenvolver no embigo essa inflamação a que no Brasil se dá o nome de mal de sete dias." Ainda as negras nas senzalas "mal nasce a creança, costumam [...] amassar-lhe a cabeça, afim de dar à testa uma forma mais agradável; sem attenderem à fraqueza dos órgãos digestivos dos recém-nascidos, dão-lhes algumas vezes, poucos dias depois delles nascerem, allimentos grosseiros, tirados de sua propria comida". Contra práticas dessa natureza é que as senhoras brancas deviam conservar-se atentas, não somente impedindo que as grosseiras das negras subissem às casas-grandes, mas que continuassem a proliferar nas senzalas. Afinal "as negras que acabam de parir", diz Imbert, "acabam de augmentar o capital de seu senhor [...]".¹⁹⁴ Importava a mortalidade nas senzalas em diminuir ação séria no capital dos senhores.¹⁹⁵

É curioso surpreender o mesmo Imbert (tão intolerante de tudo que cheirasse a anticientífico em matéria de criar menino e curar doente: de quanto remédio, elixir, unguento ou pomada para boubas, úlceras, impingens, ictericia, erisipela, escoriações na virilha, coxas e nádegas de meninos novos devido a não mudarem freqüentemente de cueiro, sapinhos na boca, tinha, bexiga doída, sarampo, lombriga, solitária, etc., parecesse cousa de curandeiro africano)¹⁹⁶ aconselhando contra o mal das crianças mijarem na cama este infalível remédio: comeren carne assada e beberem um pouco de bom vinho; ou então "o medo, a ameaça de castigo". "A ameaça de castigo e o medo, produzem algumas vezes effeito salutar, sobre tudo quando a incontinencia é o resultado da preguiça, ou de um mau habito [...]".¹⁹⁷ O que mostra que médicos e curandeiros nunca estiveram muito distanciados uns dos outros, antes da segunda metade do século XIX.

A arte de sangrar, exerceram-na no Brasil colonial e do tempo do Império escravos africanos, que foram também bar-

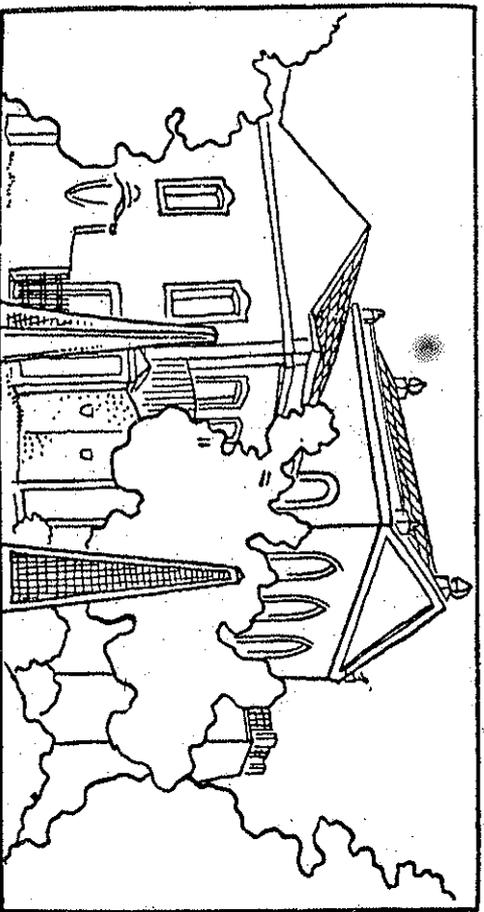
beiros e dentistas; e o mister de parteiras, exerceram-no ao lado de brancas e caboclas bocais, negras nas mesmas condições; todas apelidadas *comadres*. *Comadres* que, além de partejarem, curavam doenças ginecológicas por meio de bruxedos, rezas, benzeduras. As casas que habitavam tinham à porta uma cruz branca. E elas quando saíam a serviço, era debaixo de uns mantos ou xales compridos, como umas côças; muitas "levando debaixo das mantilhas cartas de alcoviteiras, feitiços e puçangas"; algumas conduzindo também, "a abandonar nas tuas e recantos, os productos das práticas ilícitas e criminosas a que essa profissão se presta e a que sem escrúpulos se entregavam".¹⁹⁸

A ignorância das mães brasileiras de outrora — meninas inexperientes — não encontrava nas *comadres* o correctivo necessário. Nada porém nos autoriza a concluir que as *comadres* e os curandeiros africanos dos tempos coloniais excedessem à medicina official, isto é, européa, dos séculos XVI, XVII e XVIII, em porcaria ou simulação.

É ao patriarca da literatura médica no Brasil, o Dr. Joam Ferreyra da Rosa, físico do século XVII, que vamos encontrar recitando aos seus doentes: "pós de carangueijos queimados dados a beber em hum copo de agua de herva cidreira"; trazem "debaixo do braço no sovaco [...] pasta outropimmente" como "goma arabica"; e para a "supressão de ouirina" untarem com oleo de copauba "as verilhas, cano intersemine e ventre". A peste que nos fins do século XVII devastou Pernambuco pareceu-lhe arte dos astros: "pode o ar receber [...] sordicie, ou qualidade contagiosas dos Astros". Ou então obra da Justiça Divina, "em quanto se não reformarem nossos pessimos costumes". A população devia combatê-la com fogueiras. Queimando "cousas aromaticas". Andando com "pomos aromaticos na mão".¹⁹⁹ Isto escreveu Ferreyra da Rosa, que não era nenhum doutor cattura, mas um dos mais adelantados de sua época; tirando seus remédios e suas doutrinas "não dos Empiricos, mas dos Methodicos & Racionaes".

Em Portugal, no século XVIII, Fonseca Henriques, pediatra illustre, ainda se orientava pelos astros na sua clínica. Quem lhe abriu o célebre *Soccorso Delfico aos Clamores da Natureza Humana* depara com estas graves palavras sobre a Lua: "a sua luz é nociva aos meninos". Nem mesmo as roupas e panos da criança deviam deixar-se à luz da Lua. Seriam robustos, segundo ele, os meninos que nascessem chorando alto e "muyto mays os que nascem com o escroto corrugado".²⁰⁰

Nas *Observações Dourinharias*, de Curvo Semedo, Luis Edmundo foi encontrar receitas que na verdade pouco se dis-



Casa-grande onde por muito tempo morou o Visconde de Suaruna, no Pombal (Pernambuco). (Segundo fotografia de José Maria C. de Albuquerque e Melo.)

tanciam das dos curandeiros africanos ou caboclos; e em certa *Pharmacopéa Ulyssiponense*, de João Viegier, recolheu cousas ainda mais imundas. Remédios caseiros, comuns em Portugal e que de lá se transmitiram ao Brasil: chás de percevejos e de excremento de rato para desarranjos intestinais; moela de ema para dissolução de cálculos biliares; urina de homem ou de burro, cabelos queimados, pós de estercó de cão, pele, ossos e carne de sapo, lagartixa, caranguejos, etc.²⁰¹

Uma medicina que pela voz de seus doutores mais ortodoxos receita aos doentes tamanhas imundícies difficilmente pode firmar pretensões de superior à arte de curar dos africanos e ameríndios. Porque a verdade é que destes tão desdenhados curandeiros absorveu a mal-agradecida uma série de conhecimentos e processos valiosíssimos: o quinineo, a cocaína, a ipê-cacuanha. No Brasil colonial parece-nos justo concluir terem médicos, *comadres*, curandeiros e escravos sangradores contribuído quase por igual para a grande mortalidade, principalmente infantil e de mães, que por épocas sucessivas reduziu quase 50% a produção humana nas casas-grandes e nas senzalas.

A mortalidade infantil vimos que foi enorme entre as populações indígenas desde o século XVI. Naturalmente devido ao contato perturbador e disgenico com a raça conquistadora. Considerável tornou-se também a mortalidade de crianças entre as

famílias das casas-grandes. Foi talvez a esfera em que mais dolorosa e difficilmente se processou a adaptação dos europeus ao meio tropical americano — a da hygiene infantil. Traziam eles da Europa noções rígidas de resguardo e de agasalho. Supersticioso horror do banho e do ar. Noções que, noctivas à criança em clima temperado, em clima quente significaram muitas vezes a morte. Piso contrastou-as com a hygiene infantil dos caboclos para concluir pela superioridade do método indígena: conclusão a que antes chegara, sem ser médico nem naturalista, mas simples homem de bom senso, o francês Jean de Léry.

À hygiene infantil indígena ou africana — à maior liberdade da criança dos panos grossos e dos agasalhos pesados — é que se foi acomodando a européia, através da mediação da escrava índia ou negra. Mas aos poucos. A custa de muito sacrificio de vida.

Nienhof salientou a grande mortalidade infantil nos primeiros séculos de colonização: leve, porém, o bom senso de attribuil-a menos ao clima ou à escrava africana que à alimentação imprópria.²⁰² E Fernandes Gama quase o repete ao escrever que “as mulheres Portuguezas a principio crearam mui poucos filhos”, que “dois terços destes morriam pouco depois de nascidos”. Que já “as filhas destas mulheres que chegaram a crearse, e mesmo ellas, accommodando-se ao clima e regeitando o peso dos vestidos, e o uso de abafar a cabeça dos filhinhos, banhando-os em agua morna, não se queixaram mais de que o clima fosse destruidor das vidas dos recém-nascidos”.²⁰³

Abrandou, decerto, a mortalidade infantil no Brasil, da segunda metade do século XVI em diante; mas continuou impressionante. No século XVIII preocupa-se com ella o Dr. Bernardino Antônio Gomes; no século XIX é um dos problemas que mais inquietam os higienistas do Segundo Império — Sigaud, Paula Cândido, Imbert, o Barão de Lavradio; até que em 1887 José Maria Teixeira consagra-lhe um estudo verdadeiramente notável: *Causas da Mortalidade das Crianças no Rio de Janeiro*.

Na sessão da Academia de Medicina de 18 de junho de 1846 o assunto é posto em discussão e debate, dentro dos seguintes itens: 1) *a que causa se deve attribuir tão grande mortalidade nas crianças nos seus primeiros anos de vida; a prática de amamentação por escravas, com pouco escrúpulo escolhidas, poderá ser considerada como uma das principais?* 2) *quais as moléstias mais frequentes nas crianças?* Os registros da Academia talvez não guardem materia mais cheia de interesse social que a ata da memorável sessão.

As opiniões são as mais desencontradas. Ergue-se o Dr. Reis para salientar como influência particularmente nociva sobre a saúde das crianças brasileiras o uso e abuso de comidas fortes, o vestuário impróprio, o aleitamento mercenário; as moléstias contagiosas das amas africanas, muitas delas portadoras de sífilis e principalmente de boubas e escrófulas. Mas fala depois o Dr. Rego para responsabilizar pela mortalidade das crianças brasileiras menos as escravas e o vestuário que o hábito de se conservarem os meninos nus; salientando outro fator importante: a falta de tratamento médico na invasão das moléstias. Levanta-se então Paula Cândido que insiste no perigo das amas-de-leite escravas, escolhidas sem cuidadoso exame; que salienta os males da dentição e dos vermes. Vários outros médicos e higienistas falam nessa reunião memorável. O Dr. De Simone que também se refere ao perigo das amas escravas e da alimentação imprópria. O Dr. Jobim que lembra a influência perniciososa da "umidade das casas".²⁰⁴ O Dr. Feital que salienta a alimentação imprópria. O Dr. Nunes Garcia que insiste no mesmo ponto e no da amamentação mercenária para ser contestado pelo Dr. Lallemand: este diz considerar a alimentação da criança no Brasil melhor que na Europa. Quem fala por último é o Dr. Marinho: salienta como causa da mortalidade infantil no Brasil a umidade, as fortes alternativas de temperatura, o vestuário, a alimentação prematura, a amamentação mercenária.

Em 1847, o Barão de Lavradio, em série de artigos no jornal da Imperial Academia sob o título "Algumas Considerações sobre as Causas da Mortalidade das Crianças no Rio de Janeiro e Moléstias mais Freqüentes nos Seis ou Sete Primeiros Mezes de Idade" faz do assunto larga sondagem, concluindo pela predominância das seguintes causas: o mau tratamento do cordão umbilical; vestuário impróprio; pouco cuidado no princípio das moléstias das escravas e das crianças de mais idade; alimentação desproporcional, insuficiente ou imprópria; desprezo no princípio das moléstias da primeira infância, apresentando-se ao médico crianças já moribundas de gastroenterites, hepatites e tubérculos mesentéricos.

A verdade é que perder um filho pequeno nunca foi para a família patriarcal a mesma dor profunda que para uma família de hoje.²⁰⁵ Viria outro. O anjo ia para o céu. Para junto de Nosso Senhor, insaciável em cercar-se de anjos. Ou então era mau-olhado. Cousa-feita. Bruxedo. Feitiço. Contra o que só as figas, os dentes de jacaré, as rezas, os tesconjuros.

O Dr. Teixeira registra, na sua memória, ter freqüentemente ouvido dos pais estas palavras: "é uma felicidade à morte

das crianças";²⁰⁶ e o fato é que se prolongaram pelo século XIX os enterros de anjos. Uns em caixões azuis ou encarnados, os cadáveres pintados a carmim como o do meninozinho que Ewbank viu morto no Rio de Janeiro; os mais pobres, em tabuleiros cheios de flores; alguns até em caixas de papelão, das grandes, de camisas de homem.

As causas da mortalidade infantil no Brasil do tempo da escravidão — causas principalmente sociais — fixa-as com admirável nitidez de senso crítico José Maria Teixeira, atribuindo-as principalmente ao sistema econômico da escravidão, isto é, aos costumes sociais dele decorrentes: falta de educação física e moral e intelectual das mães; desproporção na idade dos cônjuges; freqüência de nascimentos ilícitos.²⁰⁷ Devendo acrescentar-se: o regime impróprio da alimentação; o aleitamento por escravas nem sempre em condições higiénicas de criar; a sífilis dos pais ou das amas. Foi evidentemente a ação dessas influências que muitos confundiram, com a de clima. Lucock observou no Brasil dos princípios do século XIX "grande negligência" ("actual great neglect") com relação ao bem-estar das crianças ("with regard to the welfare of children, to their life or death").²⁰⁸

Várias foram as doenças que affligiram a criança brasileira no tempo da escravidão. Mal dos sete dias (inflamação do umbigo). Tinha. Sarna. Impingem. Crustas leitosas. Sarampo. Bexiga. Lombriças. Doenças que se combateram a clisteres, purgantes, bichas, medicação evacuante, sangrias, vomitórios, sinapismos. É provável que alguns remédios e preventivos se tenham antecedido às doenças, levando muito anjinho para o céu.

Alguns cronistas atribuem ao contato dos meninos brancos com os mulceques o "vício", que muitos adquiriram, de comer terra. "Vício" que foi a causa da morte de tanto escravo no Brasil colonial — desde o tempo dos escravos índios: "Um dos meios que esses infelizes empregam na própria destruição", escreve Koster, "é comer terra e cal. Tão estranho hábito, contraído às vezes pelos africanos, o é igualmente por mulceques crioulos e com freqüência também por meninos livres tanto quanto pelos escravos. Tal disposição não é considerada doença, mas vício, que se pode vencer com a vigilância dos que cuidam das crianças, sem recorrer à medicina. Em várias ocasiões, verifiquei que não empregam como necessário nenhum tratamento medicinal e que os meninos curam-se à força de castigo e de vigilância. Tive conversações a este respeito e notei que muitas pessoas livres que conhecem essa afecção através dos exemplos que observam nos filhos ou nos meninos do vizinho, a

tinham por costume e não por doença. Nos adultos, é mais comum nos escravos do que nos forros.”²⁰⁹

Parece que Koster não teve ocasião de observar o tratamento de crias ou mulieques viciados em comer terra, e até de meninos brancos, pelo sistema da máscara de flantes. Muito menos pelo do panacum de cipó: enorme balaio dentro do qual o negro era guindado até o teto de improvisado lazareto com auxílio de cordas metidas por entre os cabros e presas em argolas nos portais. Esses lazaretos existiram até meados do século XIX em engenhos do Norte; viu-os, ainda menino, Faelante da Câmara: “o paciente era isolado num lazareto ou hospital sui generis, onde lhe era de todo impossível manter o abominável vício da geofagia.” Metido no tal panacum e suspenso do solo “impunha-se-lhe uma quarentena de muitos dias enquanto se lhe dava leite de jaracatiá a fim de corrigir-lhe a anemia e era submetido a um regime de alimentação substancialmente levada a horas certas na ponta de uma vara, quando não era possível descer o panacum à vista da pessoa da maior confiança.”²¹⁰

O menino do tempo da escravidão parece que descontava os sofrimentos da primeira infância — doenças, castigos por mijar na cama, purgante uma vez por mês — tomando-se dos cinco aos dez anos verdadeiro menino-dabo. Seus jogos e brincadeiras acusam nele, como já observamos, tendências acrememente sadistas. E não era só o menino de engenho, que em geral brincava de bolear carro, de matar passarinho e de judiar com mulieque: também o das cidades.

Mesmo no jogo de pão e no brinquedo de empinar papagaio achou jeito de exprimir-se o sadismo do menino das casas grandes e dos sobrados do tempo da escravidão, através das práticas, de uma aguda crueldade infantil, e ainda hoje corrente no Norte, de “lascar-se o pão” ou de “comer-se o papagaio” do outro; papagaio alheio é destruído por meio da lasca, isto é, lâmina de vidro ou caco de garrafa, oculto nas tiras de pano do rabo. Nos próprios jogos coloniais de sala surpreendem-se tendências sadistas: no “jogo do beliscão”, tão querido das crianças brasileiras nos séculos XVIII e XIX, por exemplo. Oferecendo aos meninos larga oportunidade de beliscarem de rijo as primas ou os crias da casa, não é de admirar a popularidade de jogo tão besta:

*Uma, duas, angolinhas
Finca o pé na pampolinha
O rapaz que jogo faz?
Faz o jogo do capão.
O capão, semicapão,*

*Veja bem que vinte são
E recolha o seu pezinho
Na conchinha de uma mão
Que lá vai um beliscão... 211*

E ia mesmo o beliscão em quem fosse atingido na roda por “lá vai um beliscão”. Beliscão medroso da parte dos crias; doloroso e forte quando dado pelos meninos brancos. Mas o maior sofrimento reservava-se ao último a ser atingido pela frase. Este era agarrado por todas as crianças que batiam com ele no chão, cantando com toda força:

*É de rim-fon-fon,
É de rim-fon-fon,
Pé de pilão,
Carne-seca com feijão.*

E é de imaginar quanto se judiava então com os crias e com as meninas. Sobre este ponto, os depoimentos por nós recolhidos de sobreviventes da ordem escravocrata — um deles Leopoldo Lins — são muito expressivos.

Em outro jogo, o de “beliscão de pintainho que anda pela barra de vinte e cinco”, manifestavam-se iguais tendências: começava com beliscões para terminar em bolos nas mãos da criança menos esperta, que nem os do feitor nas mãos do mulieque satado. E no jogo de peia-queimada é bem possível que muitas vezes a peia servisse de imitação do tira-mandanga-de-negro do feitor nas costas do escravo fugido; como o galho de goiabeira fez tantas vezes o papel de chicote no brinquedo de carro de cavalo.

“E que são pela maior parte os filhos destes madraços?” pergunta o Padre Lopes Gama, referindo-se aos filhos do senhor de engenho. “Muitos nem aprendem a ler, e escrever [...]”. As desumanidades e crueldades, que desde os tenros anos vêm praticar com os miseráveis escravos, os tornam quasi insensíveis aos padecimentos do seu proximo [...]”. E “na verdade como se formarão para as virtudes sociais os nossos corações, se nós brasileiros, desde que abrimos os olhos, é logo observando a cruel distinção entre senhor e escravo, e vendo pelo mais pequeno motivo e às vezes por méro capricho rasgar desapidadamente em açoites as carnes dos nossos semelhantes? Como apreciar-nos o pudor, nós que vemos, ou mandamos levantar as roupas de uma desgarrada escrava para ser surrada?”²¹² “Apenas nos assoma à inteligência”, são palavras do mesmo padre-mestre, em outro dos seus artigos de crítica aos costumes brasileiros dos

principios do século XIX, "vamos observando de uma parte o desprimor, a sem vergonha, a frascaria, o desregramento dos escravos, e de outra os duros tratamentos, as surras, as bofetadas, que estes infelizes recebem quasi todos os dias de nossos paes, sem que taes creaturas degradadas sintam mais do que sensação physica, e rarissima vez o sentimento moral; e dahi o que deverá seguir-se? o tomarmos-nos grosseiros, voluntariosos, e cheios d'orgulho." 213 Nas suas recordações de infância o Visconde de Taunay, que foi um homem tão suave, quase uma moça, confessa que gostava de fazer suas judiariuzinhas com os mulheques. 214 E há um trecho de romance de Machado de Assis em que o fino observador da sociedade brasileira do tempo do Império retrata-nos o tipo do menino sadista; da criança pervertida pelas condições sociais de sua formação entre escravos inertes; entre criaturas dóceis aos seus caprichos. Não há brasileiro de classe mais elevada, mesmo nascido e criado depois de oficialmente abolida a escravidão, que não se sinta apertado do menino Brás Cubas na malvadeza e no gosto de judiar com negro. Aquelle mórbido deleite em ser mau com os inferiores e com os animais é bem nosso: é de todo menino brasileiro atingido pela influencia do sistema escravocrata. "Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino-diabo [...].", confessa o herói das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. "Por exemplo, um dia quebri a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o maleficio, dei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um mulheque de casa, era o meu cavallo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava-lhe mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — "ai, nhonhô!" — ao que eu retorquia: — "Cala a boca, besta!" — Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pernas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beiscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espirito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos."

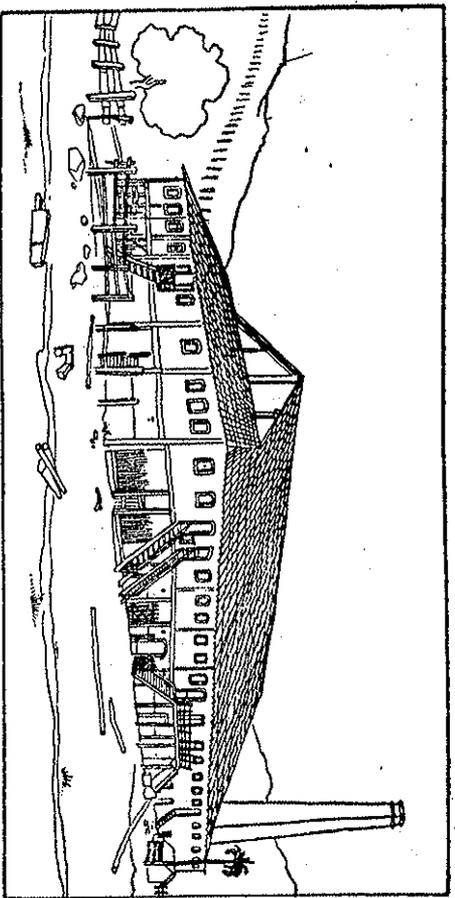
Era essa attitude dos pais, tolerando nos filhos a estupidiez

e a malvadeza e até estimulando-os a bravatas, que o padre Lopes Gama não compreendia nem perdoava. Não compreendia que deixassem os meninos de familia viver pelos telhados como gatos e pelas ruas empinando papagaio; jogando a pedrada e o pão "com a rapaziada mais porca e brejeiral". Isso nas cidades e subúrbios. "Pelos nossos matos (com poucas, e honrosas excepções) é lastimosa a educação dos meninos. Ali o primeiro divertimento que se lhes dá é uma faquinha de ponta; e assim como no seculo da cavalleria andante os paes de bom tom armavam cavalleiros os seus filhos, apenas estes começavam a ensaiar os passos, e os beatos vestiam de fradinhos os seus pequenos, assim muitos dos nossos matutos armam cavalleiros da faca aos seus filhinhos, logo que estes podem enfiar-se em uma ceroulinha." E acrescentava o padre-mestre sobre a educação do menino filho do senhor de engenho: "ali o menino é um perseguidor cruel das innocentes avesinhas, espolhando-lhes os ninhos, e não podendo com a clavina, já têm garbos de insigne escupeteiro. Desdos tentos ámos avessam-se as crianças ao sangue, à matança e á crueldade; porque tomar por divertimento o tirar a vida a animaesinhos, que nos não offendem, antes nos regosijam, e concorrem para louvar as obras do Criador, é em meu humilde entender formar o coração para a barbaridade e a cruzeza. Lidando quasi só com escravos ali os meninos adquirem uma linguagem viciosa, e montesinha, e os mais grosseiros modos, e não poucos tomam a terrivel manha de comer terra." 215

Noutros vícios escorregava a meninice dos filhos do senhor de engenho; nos quais, um tanto por efeito do clima e muito em consequência das condições de vida criadas pelo sistema escravocrata, antecipou-se sempre a actividade sexual, através de práticas sadistas e bestiais. As primeiras vítimas eram os mulheques e animais domésticos; mais tarde é que vinha o grande atoleiro de carne: a negra ou a mulata. Nele é que se perdeu, como em areia gulosa, muita adolescência insaciável.

Daí fazer-se da negra ou mulata a responsavel pela antecipação de vida erótica e pelo desbragamento sexual do rapaz brasileiro. Com a mesma lógica poderiam responsabilizar-se os animais domésticos; a bananeira; a melancia; a fruta do mandacaru com o seu visgo e a sua adstringência quase de carne. Que todos foram objetos em que se exerceu — e ainda se exerce — a precocidade sexual do menino brasileiro.

Na "Idéa Geral de Pernambuco em 1817" fala-nos um cronista anônimo de "grande lubricidade" dos negros de engenho; mas adverte-nos que estimulada "pelos senhores avidos de



Casa-grande do Engenho Santa Rosa, em Campos, Rio de Janeiro.
(Segundo fotografia do IPHAN)

augmentar seus rebanhos".²¹⁶ Não seria extravagância nenhuma concluir, deste e de outros depoimentos, que os pais, dominados pelo interesse econômico de escravos, viram sempre com olhos indulgentes e até simpáticos a antecipação dos filhos nas funções genésicas: facilitavam-lhes mesmo a precocidade de garanthões. Referem as tradições rurais que até mães mais desbarbaçadas empurravam para os braços dos filhos já querendo ficar rapazes e ainda donzelos, negrinhas ou mulatinhas capazes de despertá-los da aparente frieza ou indiferença sexual.

Nenhuma casa-grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar filhos maricas ou donzelos. O folclore da nossa antiga zona de engenhos de cana e de fazendas de café quando se refere a rapaz donzelo é sempre em tom de deboche: para levar o maricas ao ridículo. O que sempre se aprendeu foi o menino que cedo estivesse metido com raparigas. Raparigueiro, como ainda hoje se diz. Femeieiro. Deflorador de mocinhas. E que não tardasse em empregar negras, aumentando o rebanho e o capital paterno.

Se este foi sempre o ponto de vista da casa-grande, como responsabilizar-se a negra da senzala pela depravação precoce do menino nos tempos patriarcais? O que a negra da senzala fez foi facilitar a depravação com a sua docilidade de escrava; abrindo as pernas ao primeiro desejo do sinhô-moço. Desejo, não: ordem. Os publicistas e até cientistas brasileiros que se

têm ocupado da escravidão é um ponto em que sempre exageram a influência perniciososa da negra ou da mulata: esse de terem sido elas as corruptoras dos filhos-família. "Corruptoras da feminil e máscula filharada", chamou às negras F. P. do Amaral.²¹⁷ E Burlamaqui: "corrompem os costumes dos filhos de seus senhores [...]".²¹⁸ Antonil observou das mulatas de engenho que conseguiram alforriar-se: o dinheiro com que se libertam "raras vezes sahe de outras minas que dos seus mesmos corpos, com repetidos peccados: e depois de forras continuam a ser ruina de muitos".²¹⁹ O Professor Moniz de Aragão, em comunicação à Sociedade de Medicina de Paris, chegou a considerar "o grande número" de contaminações insólitas de câncros extragenitais nos negros e mestiços do Brasil resultado da "tubricidade simiesca sem limites", das pretas e mulatas.²²⁰ Mas não é de estranhar: o próprio Nina Rodrigues acreditou ser a mulata um tipo anormal de superexcitada genésica.

Melhor sentido de discriminação revelou Vilhena escrevendo no século XVIII: "As negras e ainda huma grande parte das mulatas, para quem a honra he hum nome chimerico e que nada significa, são ordinariamente as primeiras que comeeção a corromper logo de meninos os senhores moços, dando-lhes os primeiros ensaios da libidinagem em que de creanças se engolfão; principios de onde para o futuro vem huma tropa de mulatinhos e crias que depois vem a ser perniciosissimos nas familias." Mas salientando logo: "Succede muitas vezes que os mesmos senhores chamados velhos, para distincção dos filhos, são os mesmos que com suas proprias escravas dão maior exemplo às suas proprias familias [...]".²²¹ Superexcitados sexuais foram antes estes senhores que as suas negras ou mulatas passivas. Mas nem eles: o ambiente de intoxicação sexual criou-o para todos o sistema econômico da monocultura e do trabalho escravo, em aliança secreta com o clima. O sistema econômico, porém, e seus efeitos sociais, em franca preponderância sobre a ação do clima.

"*Les jeunes Brésiliens*", escreveu Alp. Rendu, "*sont souvent perversis presque au sortir de l'enfance*." O que lhe pareceu em grande parte devido ao clima: "*la chaleur du climat hâte le moment de la puberté*"; mas devido principalmente a causas sociais; e estas ligadas ao sistema de produção econômica: "*les désirs-excités par une éducation vicieuse et le mélange des sexes souvent provoqués par les négresses*".²²² Ninguém nega que a negra ou a mulata tenha contribuído para a precoce depravação do menino branco da classe senhoril; mas não por si, nem como expressão de sua raça ou do seu meio-sangue; como

parte de um sistema de economia e de família: o patriarcal brasileiro.

O Padre Lopes Gama escreveu dos meninos de engenho do seu tempo: "apenas tocama os limiares da virilidade já se entregam desenfreadamente aos mais porcos appetites: são os garanhões daquelles contornos [...]".²²⁴ Quando não estavam garantindo sua ocupação era braganhar cavalos e bois e jogar o maior ponto e o trunfo na casa de purgar. Mas isso — acentue-se ainda uma vez — depois de uma primeira infância de constipações, de clisteres, de lombrigas, de convalescenças; de uma primeira infância cheia de dengos, de agrados, de agarrados com as mucamas; e com a mãe; de banhos mornos dados pelas negras; de mimos; de cavilação; de cafuné por mão de mulata; de leite mamado em peito de negra às vezes até depois da idade da mama; da farofa ou pirão com carne comido na mão gorda da mãe-preta; de percha cocada por mulata; de bicho-de-pé tirado por negra; de sonos dormidos em colo da mucama.

Mimos que em certos casos prolongavam-se pela segunda infância. Houve mães e mucamas que criaram os meninos para serem quase uns maricas. Moles e bambos. Sem andar a cavalo nem virar bunda-canastra com os mulques da bagaceira. Sem dormir sozinhos, mas na cama-de-vento da mucama. Sempre dentro da casa brincando de padre, de batizado e de pais das bonecas das irmãs. O Padre Gama nos fala de meninos que conheceu sempre "empapelados e envidraçados"; e tratados com tantas "cauteias de sol, de chuva, de sereno, e de tudo, que os pobres adquirem uma constituição debil, e tão impressionavel que qualquer ar os constipa, qualquer solzinho lhes causa febre, qualquer comida lhes produz indigestão, qualquer passeio os fadiga, e molesta".²²⁴ Amolegado por tantos mimos e resguardos da mãe e das negras, era natural que muito menino crescesse amarello: a mesma palidez das irmãs e da mãe enclausuradas nas casas-grandes. Por outro lado, houve mulquinhos da senzala criados nas casas-grandes com os mesmos afagos e resguardos de meninos brancos. Causa, já se vê, de fajas solteironas, ou de se-nhoras maninhas, que não tendo filho para criar deram para criar mulque ou mulatinho. E às vezes com um exagero ridículo de dengos. "O mulquinho quebra quanto encontra", informa desse privilegiado o Padre Gama, "e tudo é gracinha; já tem 7, e 8 annos; mas não pode ir de noite para a cama, sem dormir o primeiro somno em o regaço da sua yayá que o faz adormecer balaceando-o sobre a perra, e cantando-lhe uma embriante enfiada de chacaras, e canlienas monotonas do tempo do capião Frideira." E mais: "eu conheço uma res-

peitavel Sibila, que creando uma negrinha que hoje já terá os seus 14 annos, esta não vae de noite para a cama sem que primeiramente se deite no regaço de sua yayá gorda, que esta lhe vá dando trincos na carapinha (que é uma graxa de pomada) e fazendo mechas do vestido da pateta, e chupando-as até adormecer; aqui ha porcaria, má criação e desaforo".²²⁵ Outro caso curioso refere entre sério e gaiato o padre-mestre: "o de meninos, estes brancos e de familia, que se habituaram a ir para a cama, embriagando-se antes com cheiro de sovaco; vício talvez adquirido quando crianças de peito, nos braços da mãe-preta.

Vilhena ficou admirado do número de mulquinhos — negros e mulatos — criados dentro de casa "com mimo extremo". Escreveu numa de suas cartas da Bahia: "he aqui tão dominante a paixão de ter mulatos e negros em casa que logo que seja cria que nasceu nella, só por morte he que della sabe; havendo muitas familias que das portas para dentro tem 60, 70 e mais pessoas desnecessarias; fallo dentro da cidade, porque no campo não admira".²²⁶

Os mulquinhos criados nas casas-grandes chamaram também a atenção de Maria Graham, nos engenhos de cana que visitou no sul do Brasil: um deles o Engenho dos Afonsos, de propriedade da familia Marcos Vieira — uma boa propriedade com 200 bois e 170 escravos agricolas e produzindo 3,000 arrobas de açúcar e setenta pipas de aguardente. Aí viu Maria Graham crianças de todas as idades e de todas as cores comendo e brincando por dentro da casa-grande; e tão carinhosamente tratadas como se fossem da familia.²²⁷

Tanto o excesso de mimo de mulher na criação dos meninos e até dos mulatinhos, como o extremo oposto — a liberdade para os meninos brancos cedo vadiarem com os mulques safados na bagaceira, defloressem negrinhas, empreharem escravas, abusarem de animais — constituíram vícios de educação, talvez inseparáveis do regime de economia escravocrata, dentro do qual se formou o Brasil. Vícios de educação que explicam melhor do que o clima, e incomparavelmente melhor que os duvidosos efeitos da miscigenação sobre o sistema sexual do mestiço, a precoce iniciação do menino brasileiro na vida erótica. Não negamos de todo a ação do clima: também na zona sertaneja do Brasil — zona livre da influencia direta da escravidão, da negra, da mulata — o menino é um antecipado sexual. Cedo se entrega ao abuso de animais. A melancia e o mandacaru fazem parte da etnografia do vício sexual sertanejo. A virgini-

dade que ele conserva é a de mulher. E nisto tem consistido sua superioridade tremenda sobre o menino de engenho.

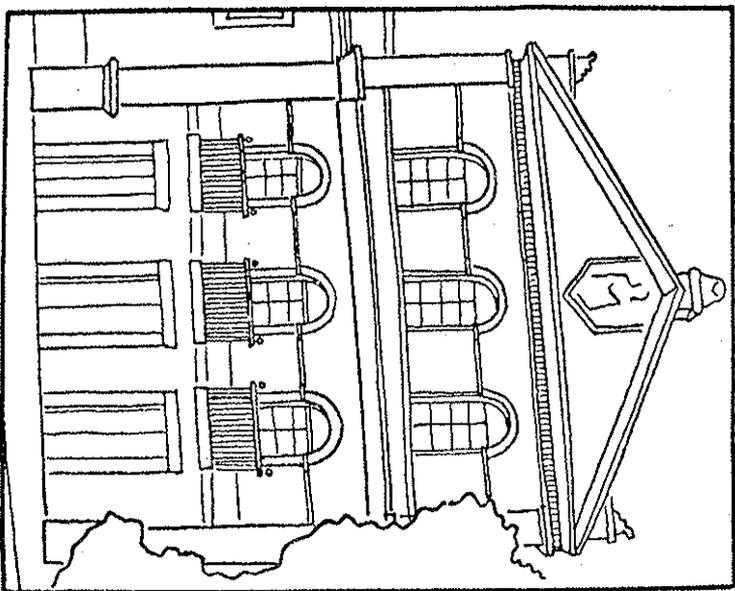
Certas tendências do caráter do sertanejo puxando para o ascetismo; alguma cousa de desconfiado nos seus modos e atitude; o ar de seminarista que guarda a vida inteira; sua extraordinária resistência física; seu corpo angustoso de Dom Quixote, em contraste com as formas mais arredondadas e macias dos brejeiros e dos indivíduos do litoral; sua quase pureza de sangue, que só agora começa a contaminar-se de sífilis e de doenças venereas — são traços que se ligam da maneira mais íntima ao fato do sertanejo em geral, e particularmente nas zonas mais isoladas das capitais e das feiras de gado, só conhecer mulher tarde; e quase sempre pelo casamento. Gustavo Barroso, em estudo sobre as populações sertanejas no Nordeste, diz serem comuns, no sertão, rapazes de mais de vinte anos ainda virgens.²²⁸ O que, no brejo e no litoral, seria motivo para débi-ques e troças ferozes. Sente-se aí o resultado da influência direta da escravidão sobre estas duas zonas; e apenas indireta e remota sobre o sertão. Esse antagonismo de condutas sexuais — que seriam tão interessantes de contrastar-se por meios estatísticos, procedendo-se a um inquérito entre estudantes de escolas superiores vindos das duas regiões — só tem feito empalidecer nos últimos anos. Vão rareando nos sertões os donzelos de mais de vinte anos. A sífilis vai se alastrando entre os sertanejos. Aos bordéis de Itabaiana e às célebres seiscentas meretrizes de Campina Grande — “dois centros de contato de sertanejos com adventícios do Recife e da Paraíba” — atribui José Américo de Almeida a rápida sifilização, nos últimos anos, dos sertanejos parabaianos.²²⁹

Fosse o clima a causa principal da sensualidade brasileira e teria agido sobre os sertanejos ao mesmo tempo que sobre os brejeiros e as populações do litoral; e não três séculos depois. Não tenhamos hoje a ingenuidade que não teve Vilhena no século XVIII. Numa de suas cartas da Bahia, critica Vilhena os pais e mães que, concorrendo para “a destruição da inocência dos seus filhos”, atribuíam depois ao calor “certos descuidos que só são produções de sua grosseiria e má-creação”.²³⁰

Além do que, confrontando-se os efeitos morais, ou antes, sociais, da monocultura e do sistema de trabalho escravo sobre a população brasileira, com os efeitos produzidos pelo mesmo sistema sobre populações de raça diferente e em condições diversas de clima e de meio físico — nas Antilhas e no sul dos Estados Unidos, por exemplo — verifica-se a preponderância das causas econômicas e sociais — a técnica escravocrata de

produção e o tipo patriarcal de família — sobre as influências de raça ou de clima.

No sul dos Estados Unidos criou-se e desenvolveu-se, do século XVII ao XVIII, um tipo aristocrático de família rural muito mais parecido ao do norte do Brasil de antes da Abolição que à burguesia puritana da outra metade da América, de origem também anglo-saxônica, porém influenciada por um regime econômico diverso. Quase os mesmos fidalgos rústicos — cavallheiros a seu jeito; orgulhosos do número de escravos e da extensão das terras; multiplicando-se em filhos, crias e mulieques; regalando-se com amores de mulatas; jogando cartas, divertindo-se em brigas de galo; casando-se com meninas de quinze, dezesseis anos; empenhando-se em lutas por questões de terra; morrendo em duelos por causa de mulher; embriagando-se com rum



Casa-grande de Pomal, vendo-se o braço do Visconde de Suacuna. (Segundo fotografia de José Maria C. de Albuquerque e Melo.)

em grandes jantares de família — vastos perus com arroz assados por “old mammals” peritas na arte do forno, geléias, putins, guisados, doce de pera, quitutes de milho.

No sul dos Estados Unidos, como em Cuba, a criança e a mulher sofreram passivamente, nas casas-grandes, as mesmas influências, não tanto de “clima”, nem da “simiesca lubricidade africana”, como do sistema de produção econômica e de organização patriarcal da família, sofridos pelo menino e pela simhá-dona, nos engenhos e nas fazendas do Brasil. No Brasil, os meninos de engenho anteciparam-se aos do sertão em experiências de mulher; os do sul dos Estados Unidos anteciparam-se aos do norte. Refere Calhoun que um negociante do sul em visita a amigos de Nova Iorque informou-o de que estivera há pouco na fazenda de um seu irmão; e que aí todos os escravos domésticos estavam sofrendo de doença venérea; e no meio deles, não tardando a se infeccionarem, os filhos do fazendeiro. Era o mesmo que se crescessem e se educassem num bordel. (“I told him he might as well have them educated in a brothel at once.”) Interessante é também este depoimento de velho escravocrata de Alabama recolhido por Calhoun: que na sua fazenda, “every young man [...] became addicted to fornication at an early age”.²¹¹ O mesmo que nos engenhos do Brasil.

Não eram as negras que iam esfregar-se pelas pernas dos adolescentes louros; estes é que, no sul dos Estados Unidos, como nos engenhos de cana do Brasil os filhos dos senhores, criavam-se desde pequenos para garantidos. Ao mesmo tempo que as negras e mulatas para “ventres geradores”. “Slave women were taught”, escreveu Calhoun, “that it was their duty to have a child once a year, and that it mattered little who was the father.”²¹² O mesmo interesse econômico dos senhores em aumentar o rebanho de escravos que corrompeu a família patriarcal no Brasil e em Portugal corrompeu-a no sul dos Estados Unidos. Os viajantes que lá estiveram durante o tempo da escravidão, referem fatos que parecem do Brasil.²¹³ É verdade que lá como aqui não faltou quem, confundindo resultado e causa, responsabilizasse a negra e seus “strong sex instincts” e principalmente a mulata — “the lascivious hybrid woman”²¹⁴ — pela depravação dos rapazes brancos. Entre nós, já vimos que Nina Rodrigues considerou a mulata um tipo anormal de superexcitada sexual; e até José Veríssimo, de ordinário tão sóbrio, escreveu da mestiça brasileira: “um dissolvente de nossa virilidade física e moral”.²¹⁵ Nós, uns inocentinhos: elas, uns diabos dissolvendo-nos a moral e corrompendo-nos o corpo.

A verdade, porém, é que nós é que fomos os sadistas; o elemento ativo na corrupção da vida de família; e muleques e mulatas o elemento passivo. Na realidade, nem o branco nem o negro agiram por si, muito menos como raça, ou sob a ação preponderante do clima, nas relações do sexo e de classe que se desenvolveram entre senhores e escravos no Brasil. Expressiu-se nessas relações o espírito do sistema econômico que nos dividia, como um deus poderoso, em senhores e escravos. Dele se deriva toda a exagerada tendência para o sadismo característica do brasileiro, nascido e criado em casa-grande, principalmente em engenho; e a que insistentemente temos audido neste ensaio.

Imagine-se um país com os meninos armados de faca de pontal. Pois foi assim o Brasil do tempo da escravidão. Na sua *Histoire des Indes Orientales* diz Monsieur Souchu de Rennefort, que aqui esteve no século XVII: “Tous les habitants de ce Pays jusques aux enfants, ne marchent point en campagne, qu'ils ne portent de grands couteaux nuds, trenchans des deux côtes [...]”. Souchu de Rennefort atribuiu à necessidade de se defenderem, grandes e pequenos, das cobras-veadas, esse uso generalizado de faca de pontal: “pour couper ces serpens nommez cobre-veados [...]”. Mas nem sempre matavam-se apenas serpentes; também homens e mulheres.

A verdade, porém, é que o hábito da faca de pontal deve datar dos primeiros tempos da colonização, quando meninos e gente grande deviam estar sempre prontos a enfrentar surpresas de índios e de animais selvagens. Daí, em grande parte, certa precocidade nas crianças coloniais, cedo chamadas a participar das angústias e preocupações dos adultos. E também dos prazeres ou gozos, que eram principalmente os do sexo.

NOTAS AO CAPÍTULO IV

1. ARTHUR W. CALHOUN, *A Social History of the American Family from Colonial Times to the Present*, Cleveland, 1918.
2. AFRÂNIO PEIXOTO, *Minha Terra e Minha Gente*, Rio, 1916. Opinião de dois outros pedagogos ilustres, em livro didático: mas estes, nada ortodoxos. Referimo-nos a SÍLVIO ROMERO e JOÃO RIBEIRO no seu *Compêndio de História da Literatura Brasileira*, Rio, 1909 (2.^a ed.)
3. Rev. Inst. Hist. Geog. Bras., tomo LXXVIII, parte II.
4. MERVILLE J. HERSKOVITS, “A Preliminary Consideration of the Culture Areas of Africa”, *American Anthropologist*, vol. XXVI, n.º 1. Esse esboço de delimitação de áreas africanas de cultura o Professor HERSKOVITS tem desenvolvido em trabalhos exaustivos, acrescentando-lhes novos traços.

Vejam-se deste autor "On the Provenience of New World Negroes", *Social Forces*, dez., 1933, XII; *Dahomey: an Ancient West African Kingdom* (2 vols.), Nova Iorque, 1938; "The Negro in the New World: the Statement of a Problem", *American Anthropologist*, janeiro-março, 1930, XXXII; "The Social History of the Negro", em *A Handbook of Social Psychology*, organizado por C. MURKINSON, Worcester, 1935.

Sobre as áreas de cultura africanas veja-se também WILFRID DYSON Hamary, *Source-Book for African Anthropology*, Chicago, 1937, obra que infelizmente não vem destacada pelo Professor ARTUR RAMOS em sua bem orientada *Introdução à Antropologia Brasileira* (Rio, 1943). Sobre a cultura trazida pelo negro para a América, de diferentes áreas africanas, veja-se o trabalho do professor M. J. HERSKOVITS, *The Myth of the Negro Past*, Nova Iorque-Londres, 1941.

5. HENRY WALTER BATES, *The Naturalist in the Amazon River*, Londres, 1863.

6. WALDO FRANK, *loc. cit.*

7. Nas palavras do Professor I. W. LYDE, "the Black man is normally covered with a complet and continuous film, and this means a maximum surface for evaporation — in which quantities of heat are consumed — a maximum reflection of light, and maximum protection against nerve injury" (I. W. LYDE, "Skin Colour", *The Spectator*, Londres, 16 de maio de 1931). "De todas as raças humanas", escreve A. OSÓRIO DE ALMEIDA, "só os negros são perfeitamente adaptados à vida nos trópicos e só eles podem sem sofrimento suportar completamente nus o sol ardente dessas regiões; essa resistência especial devem eles à sua pele negra que os protege contra os raios actínicos mas que apresentaria o grave inconveniente de se superaquecer ao sol se não fosse aquele mecanismo de defesa completado por um outro geral, seja a de possuir uma grande capacidade de sudação que corrige a tendência ao superaquecimento da superfície cutânea." ("A Ação Protetora do Urucú", *cit.*)

8. ALFRED R. WALLACE, *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro*, Londres, 1852.

9. Tratando do modo por que varia, nos primitivos, a adaptabilidade a novas formas de cultura — o melanismo em confronto com o polinésio, o amerindio em contraste com o negro — P. H. RIVERS (*op. cit.*) salienta a opinião de McDougall, para quem essas variações resultariam de "diferenças de constituição fisiológica"; e lembra que já WALLACE contrastara o aborígine da América com o negro alegre e palhaço.

No seu estudo *Da Esquizofrenia — Formas Clínicas — Ensaio de Revisão da Casuística Nacional* (Rio, 1931), CUNHA LOPES e HEITOR PERES discriminaram "a contribuição das principais raças para cada forma clínica". Pela sua "tabela discriminativa dos tipos étnicos" vê-se que a forma clínica mais frequente para todos os tipos étnicos é a hebefrenia; entretanto, é o negro que se revela "sobretudo hebefrênico" e "o mestiço, paranoide". Em comunicação feita anteriormente, em 1927, à Sociedade Brasileira de Psiquiatria, sobre "Psicoses nos Selvagens", o Professor CUNHA LOPES sustentara que "o selvagem autóceno, através da literatura e dos informes de nossos cronistas, é antes ciclofímico e só por exceção esquizofímico [...]". Em pesquisa realizada em Pernambuco sobre "as doenças mentais entre os negros", o Professor ULisses PERAMBURCANO encontrou "frequência menor da esquizofrenia e das chamadas nevroses entre os negros", percentagens mais elevadas de negros "nas psicopatias com lesões anatómicas, cíclico quanto à epilepsia e à

paralisia geral", que as das outras raças reunidas; "maior frequência do alcoolismo e dos delírios infecciosos entre os negros" (*Argumentos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco*, 1932, abril, n.º 1). Faz algum tempo, em estudo estatístico especializado sobre a paralisia geral, o mesmo pesquisador encontrou em cem paratíficos gerais "menor número de brancos" e "maior de negros" (*Argumentos*, *cit.*, 1933, n.º 2).

ADAURO BOTELHO, em estudo realizado no Rio em 1917, concluiu pela pouca frequência da demência precoce entre negros e pardos (*cit. Boletim de Eugenia*, Rio, abril-junho de 1932, n.º 38). Sobre o assunto vejam-se também os interessantes trabalhos de W. BERADINELLI, que admite não seja o índio exclusivamente esquizofímico nem o negro exclusivamente ciclofímico, e o de ISAAC BROWN (*O Normotipo Brasileiro*, Rio, 1934) e o estudo de ALVARO FERRAZ e ANDRADE LIMA JÚNIOR, *A Morfologia do Homem do Nordeste*, Rio, 1939. Do ponto de vista sociológico, OLIVEIRA VIANA ocupa-se do problema num dos seus sugestivos ensaios.

O Professor DONALD PIERSON, por algum tempo da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, em artigo que escreveu para a *American Sociological Review* (vol. I, n.º 4, outubro, 1947), sobre a edição em língua inglesa de *Casa-Grande & Senzala*, aparecida em 1946 com o título *The Masters and the Slaves*, generosamente lembrou ao autor brasileiro, a propósito do emprego, neste ensaio, de expressões por ele consideradas suspeitas de heresia instintivista, o descrédito das teorias de instintivismo entre os modernos estudiosos de Sociologia. Talvez devesse dizer o crítico, mais modestamente, entre "os atuais estudiosos norte-americanos de Sociologia", para cujos ouvidos a palavra "instinto" tomou-se, na verdade, de tal modo herética que o seu emprego, mesmo por um mestre da grandeza e da modernidade de T. VEBLEN, lhes saía hoje como sinal de ignorância ou de arcaísmo. Quando a verdade é que o instintivismo não morreu de todo e sobrevive, sob as novas formas assinaladas pelo Professor JAMES W. WOODWARD em trabalho recente ("Social Psychology", *20th Century Sociology*, Nova Iorque, 1945, pág. 226): "reflexo prepotente" (ALLPORT), "desejo" (DUNNAP), "direção" (HOLT e WARREN), "motivo" (GURNEE), "necessidade viscerogênica" (MURRAY), "motivo de que se depende" (WOODWORTH, KLINEBERG), "wishes" (THOMAS), "hábito dinâmico" (DEWEY). Vitorioso de modo absoluto o antinstintivismo radical de BERNARD e KUO, a que se filia, segundo parece, o Professor DONALD PIERSON, como a uma seta rígida, à mesma condenação que VEBLEN teriam que ser submetidos vários outros mestres modernos de Sociologia, entre os quais VILFREDO PARERO, com quem em 1935 o mais notável dos instintivistas modernos, o Professor W. McDougall, discutiu o emprego, em Sociologia, de palavras como "instinto", "sentimento" e "interesse" ("The Mind and Society", *Journal of Social Philosophy*, vol. I, outubro, 1935), ALFRED VERKANDT (*Handwörterbuch der Soziologie*, Stuttgart, 1931), R. S. WOODWORTH (*Heredity and Environment*, Nova Iorque, 1941). E não apenas os psicólogos e sociólogos apegados ao "instintivismo" de FEUERBACH. Como salienta o Professor WOODWARD no seu já referido estudo, pesquisas recentes, entre as quais as de HEALEY sobre o comportamento do feo e as de BUNTLER sobre o comportamento de crianças, vêm modificando "our earlier radical environmentalism" (pág. 227), ao qual o Professor DONALD PIERSON se apega como à última e definitiva palavra da ciência, indifferente ao fato, salientado ainda pelo Professor WOODWARD, de que "the general problem of the occurrence and the degree

of specificity of innate traits at the human level is not yet solved". Para um sociólogo moderníssimo como o Professor MORAIS GINSBERG o problema de caracterização de tipos nacionais, tão ligado ao de instintos, ou "innate traits", é agravado pelo da ignorância, em que nos encontramos ainda, a respeito da "importância relativa" a ser atribuída à "hereditariedade", por um lado, e ao "ambiente", por outro, na formação do "caráter nacional" ("National Character", *Reason and Unreason in Society*, Londres, 1948, pág. 135).

Quanto ainda ao emprego da expressão "instinto econômico" que, encontrada neste trabalho pelo Professor PEARSON, fez que ele nos desse, na *American Sociological Review*, tão grave lição de "modernismo sociológico", esquecido de que o antinstitucionalismo radical de BERNARD e KTO já se acha superado, deve-se salientar que expressões como a referida — "instinto econômico": equivalente a "propensões" ou a "hábito dinâmico" de criação ou acumulação de valores essenciais à vida ou à alimentação humana pelo trabalho ou pela arte do homem — não se referem a instintos específicos, mas a "propensões", "tendências", "hábitos dinâmicos". Tais palavras são admitidas por sociólogos e psicólogos modernos para a definição daquelas expressões psico-sociais no comportamento de um grupo humano que se apresentam, ou parecem apresentar-se independentes das puras circunstâncias históricas ou geográficas. Na obra de VERLEN — que é, talvez, a mais viva dentre as obras de sociólogos, psicólogos sociais ou economistas norte-americanos do nosso tempo — encontra-se a expressão "instinct of workmanship", isto é, instinto de trabalho criador, à qual o sociólogo espanhol FRANCISCO AVILA, em obra notável (*Tratado de Sociología: I — Historia de la Sociología*, Buenos Aires, 1947), refere-se, justificando o seu uso contra as críticas dos institucionistas radicais: "[...] instinto de laboriosidad (instinct of workmanship), discutido concepto, contra el que se objetó la no existencia de semejante "instinto" en la especie humana, sin reparar en que la palabra está empleada por VERLEN con el mismo carácter aproximativo que la frase "lucha por la existencia", para señalar un hecho universal en la historia: la aplicación del hombre al trabajo y su consecuencia en la obra cumplida" (pág. 146). Note-se que recentemente apareceram em Madri as obras completas desse mestre espanhol de sociologia (Aguilar, 2 vols.).

10. PIERRE RIVERS, *The Clash of Cultures and the Contact of Races*, cit.

Sobre o assunto vejam-se também RUTH BENEVOCT, *Patterns of Culture*, Boston, 1934; FRANZ BOAS, "Race", *Encyclopaedia of the Social Sciences*, Nova Iorque, 1935, XIII; R. E. PARK, *The Problem of Cultural Differences*, Nova Iorque, 1931.

11. Documentos inéditos encontrados por ROQUETTE-PINHO no arquivo do Instituto Histórico Brasileiro (Arq. do Conselho Ultramarino, correspondência do governador de Mato Grosso — 1777-1805 — códice 246), em *Rondonia*, cit.

12. APERI, *La Croissance*, apud SOKORIN, *Social Mobility*, cit.

13. F. P. ARMITAGE, *Died and Race*, cit.

14. SOKORIN, *Social Mobility*, cit.

15. HENDLICKA, *The Old Americans*, cit. McCAY, tendo estudado a alimentação dos diversos povos que habitam a Índia, para verificar a ação da dieta sobre o desenvolvimento físico e a capacidade dos mesmos, constatou que os Bengali mais baixos viviam com pequenas quan-

tidades de proteína. Quantidades mais baixas, mesmo, que as julgadas por CHITTENDEN como compatíveis com o bem-estar físico.

As observações efetuadas por McCAY, em estudantes de um mesmo colégio, sob as mesmas condições de clima e fazendo idêntico trabalho, apenas recebendo dietas diferentes, mostraram que os anglo-índios tinham maior desenvolvimento físico que os Bengali. Os anglo-índios recebiam 94,97g de proteína, das quais 38,32g eram de origem animal, enquanto os Bengali recebiam 64,11g de proteína, sendo somente 9,3g de origem animal.

Por sua vez McCARRISON, em pesquisa realizada em 1927, chegou a resultados idênticos aos de McCAY. Principalmente com relação a maior resistência e beleza física dos povos do norte da Índia, em confronto com os do sul e leste (D. McCAY, "The Relation of Food to Physical Development" — Part II — *Scient. Memor. by Officers of the Med. and Sanit. Dept. of the Govern. of India* — 1910 — N. S., n.º 37, "The Relation of Food to Development", *Philipp. J. Sc.* — 1910 — v. 5, R. McCARRISON, "Relative Value of the National Diets of India", *Transac. of the 7th Cong. British India*, Tóquio, 1927, vol. III, apud RUI COU-TINHO, trabalho cit.)

16. LEONARD WILLIAMS, apud W. LANGDON BROWN, *The Endocrines in General Medicine*, Londres, 1927.

17. W. LANGDON BROWN, *The Endocrines in General Medicine*, cit.

18. LEONARD WILLIAMS, apud W. LANGDON BROWN, *op. cit.*

19. HADSON, *Reces of Man*, cit.

20. *British Medical Journal*, August, 1923, apud ARTHUR DENBY, *The Biological Foundation of Society*, Londres, 1924. Segundo o Professor G. V. ANREP "as conclusões positivas" das experiências de PAVLOV, que McDougall, professor da Universidade de Harvard, supusera desde o princípio prejudicadas por erro de técnica, foram "retridas provisoriamente" pelo próprio investigador russo. ANREP, que é professor da Universidade de Cambridge, publicou em inglês e sob o título *Conditioned Reflexes* o trabalho de I. V. PAVLOV sobre a atividade fisiológica do córtex cerebral. Neste trabalho, de 1927, posterior à comunicação de PAVLOV ao Congresso de Edimburgo, o problema de transmissão hereditária dos reflexos condicionados é considerado questão aberta. McDougall vem desde 1920 realizando experiências com ratos brancos, de outro ponto de vista, diverso do puramente objetivo, de PAVLOV. Nessas experiências diz McDougall vir obtendo resultados que parecem indicar a validade do princípio lamarckiano (J. T. CUNNINGHAM, *Modern Biology, a Review of the Principal Phenomena of Animal Life in Relation to Modern Concepts and Theories*, Londres, 1928).

21. DENBY, *op. cit.*

22. P. KAMMERER, *The Inheritance of Acquired Characteristics*, Nova Iorque, 1924.

23. M. F. GUYER e E. SMITH, apud *Our Present Knowledge of Heredity (a series of lectures given at the Mayo Foundation, etc.)*, Filadélfia e Londres, 1923-1924. O neolamarckismo tem uma das suas expressões mais vigorosas em Oskar Hertwig, que sustenta a influência metabólica do ambiente sobre as disposições hereditárias, criticando ao mesmo tempo a teoria de seleção (*Das Werden der Organismen*, 1916, apud ERK NORDENSKIÖLD, *The History of Biology, a Survey* (trad.), Londres, 1929). Em torno das experiências de KAMMERER e Tower citadas por Hertwig, vem se formando um ambiente, de dúvida da parte de uns, de divergência na interpretação dos resultados, da parte de outros, cha-

gando a haver quem ligue o suicídio do primeiro desses investigadores, ocorrido em 1926, à falta de rigor ou escrupulo que teria havido em suas pesquisas. LENTZ, salientando que KAMMERER era judeu, diz que tem havido predileção dos judeus pelo lamarckismo, sendo judeus, segundo ele, muitos dos defensores da "herança de caracteres adquiridos"; possivelmente pelo desejo, da parte dos israelitas — é ainda opinião de LENTZ — de não haver "distinções inextinguíveis de raça" (ERWIN BAUR, EUGEN FISCHER, FRITZ LENTZ, *Human Heredity* (trad.), Londres, 1931).

EUGEN NORDENSKIÖLD porém no trabalho citado salienta que a teoria da possibilidade da transmissão de caracteres adquiridos se tem enriquecido com as pesquisas posteriores à de KAMMERER, de LITTLE, de BACOT e de HARRISON (ingleses), as deste sobre o melanismo nas borboletas, e "por meio da introdução de sais metálicos no alimento". Também com as de MULLER, americano, J. T. CUNNINGHAM, professor da Universidade de Londres, ofereceu-nos em seu trabalho *Modern Biology* (Londres, 1928) uma descrição imparcial, acompanhada de reparos críticos, não só das experiências de KAMMERER, como de todas as pesquisas mais recentes em torno do problema da possibilidade da transmissão de caracteres adquiridos. O debate que ora se trava entre os ortodoxos do weismannismo, ou da "Genética clássica", e os do michourinismo, parece indicar que o problema da transmissão de caracteres adquiridos continua aberto a discussões. Um dos aspectos mais curiosos do debate, para quem dele se aproxima com critério de sociólogo atento às relações entre grupos étnicos, é o fato de vir sendo o weismannismo ou o mendelismo-norganista condenado pelos michourinianos devido aos "prolongamentos políticos, não biológicos, que parece ter no racismo [...] (ARAGON, "De la Libre Discussion des Idées", *Europe*, Paris, outubro, 1948, pág. 24). O mesmo crítico francês salienta outro aspecto da revolta do Professor T. D. LYSENKO contra a "Genética clássica": o de "libertar" a Biologia, de "metafóras sociológicas" (pág. 25). Sobre o assunto vejam-se também, no mesmo número de *Europe*, "Etat de la Science Biologique", relatório apresentado em 1948 por T. D. LYSENKO à Academia Lennine de Ciências Agrárias, onde WEISMANN, MENDEL e MOREAU são apresentados como "fundadores da Genética reacionária contemporânea" (pág. 34) e a doutrina de Michourine consagrada como "base da Biologia científica" (pág. 52), sustentando-se que "o organismo e as condições de vida que lhe são necessárias são um todo indivisível" (pág. 53), "Discussion du Rapport de T. D. LYSENKO", por S. ALKHAMIAN e outros, "Interview de T. D. LYSENKO sur la Concurrence à l'Institut des Espèces", "L'Épanouissement de la Science Agrobiologique Soviétique", por A. MITINE.

É evidente que os geneticistas soviéticos procuram colocar-se em posição de desafio àquela Sociologia biológica que, no Ocidente, através de estudos de Eugenia, vem concluindo pela existência de fortes ou de certas diferenças hereditárias entre grupos humanos, quer os classificadas pela "raça" (a "raça" em oposição ao "meio social", de VACHER DE LAPOUGE, a "antropossociologia" de ALFRED OTTO ARMON, para recordar duas expressões típicas dessa tendência), quer os classificados por "classes". Da última tendência são característicos ensaios como os de FRANCOIS GALTON (*Hereditary Genius*, 1871), KARL PEARSON (*The Scope and Importance of the Study of the Science of Eugenics*, 1911), C. B. DAVENPORT (*Heredity in Relation to Eugenics*, 1911), W. C. D. WHETNAM (*Heredity and Society*, 1912), I. M. TERMAN (*The Measurement of In-*

telligence, 1916). Pelos estudos de TERMAN e de outros parece evidente a muitos que a estrutura de classe corresponde a condições naturais de hereditariedade, justificando-se, sob esse critério, o afã daqueles que fazem da Eugenia um meio de defesa da classe superior contra o que T. LOTROP STODDARD, autor de *The Rising Tide of Color* (1920) e de *The Revolt of Civilization* (1922) denomina "deterioração progressiva" das populações.

Lamentável como parece ser a tendência, na Rússia de hoje (1949) e na Alemanha nazista, para pôr a Biologia a serviço da política, ou de ideologia política do grupo dominante, deve-se reconhecer que igual tendência se encontra, é claro que desacompanhada de favor oficial ou de solidariedade absoluta de Estado ou de Governo ao cientista-político, em trabalhos e atividades de biólogos, psicólogos e antropólogos do Ocidente voltados para o estudo de diferenças de capacidade, ou de demonstrações de capacidade, entre "raças" ou entre "classes". Sobre as relações entre algumas dessas atividades e certas correntes de pensamento político autoritário ou conservador, vejam-se os estudos de G. LANDRMAN, "The Origin of the Inequality of the Social Classes" (Londres, 1938), F. H. HAWKINS, "Race as a Factor in Political Theory" na obra publicada por C. E. MERRIAM e H. E. BARNES, *History of Political Theories* (Nova Iorque, 1924), E. A. HOOTON, *Twilight of Man* (Nova Iorque, 1939), RUTH BENEDICT, *Race: Science and Politics* (Nova Iorque, 1940), I. S. HUXLEY e A. C. HADRON, *We Europeans* (Nova Iorque, 1936) e A. J. TOYNBEE, *A Study of History* (Londres, 1934).

E nunca será demais salientar-se a importância da obra científica de FRANZ BOAS, desde seus memoráveis estudos sobre alterações de forma de corpo de imigrantes (1911), no sentido de conter os excessos na identificação de "raça" ou "classe" com os chamados "monopólios [...] de virtudes ou vícios humanos". Do que, entretanto, devemos nos guardar é do exagero de nos fecharmos de modo absoluto ao reconhecimento de diferenças hereditárias entre grupos humanos; e também de considerarmos certos grupos, como o israelita, sagrados, ou invernalmente calunizados, no que se refere ao seu comportamento, como minoria étnica, ou antes, religiosa ou cultural, entre outros grupos, só para não parecermos "anti-semitas" ou "racistas".

24. FRANZ BOAS, *Changes in Bodily Form of Descendants of Immigrants*, Senate Documents, Washington, 1910-1911.

Sobre o problema de "raça", tal como o situam autoridades modernas, veja-se também *Rasse und Rassenentstehung beim Menschen* de EUGEN FISCHER, Berlin, 1927. E em oposição à teoria de BOAS, em vários pontos essenciais, o trabalho de H. F. K. GÜNTHER, *Rassenkunde des Deutschen Volkes* (11.ª ed.), Munique, 1927, e o de G. SERGI, *Europa*, Torino, 1908.

Em relação com o assunto devemos considerar ainda fundamentais: a obra de H. E. ZIEGLER, *Die Vererbungslehre in der Biologie und in der Soziologie*, Jena, 1918; a de E. FISCHER e outros, *Anthropologie*, Leipzig und Berlin, 1923; a de BAUR, FISCHER e LENTZ, *Human Heredity* (trad. com acréscimos pelos autores), Londres, 1931; a de W. SCHEIDT, *Allgemeine Rassenkunde*, Berlin, 1926; a de THÉOPHILE SMAÏAR, *Étude Critique sur la Fondation de la Doctrine des Races*, Bruxelles, 1922; a de ERICH VOGELIN, *Rasse und Staat*, Tübingen, 1933; a de S. J. HOLMES, *The Negro's Struggle for Survival*, Berkeley, 1937; a de FISCHER, *Die Rehobother Bastards und das Bastardierungsproblem beim Menschen*, Jena, 1913; a de S. I. HOLMES, *The Trend of the Race*, Nova Iorque, 1923; a

- de M. BOLDRINI, *Biometrica, Problemi della Vita, della Specie e degli Individui*, Pádua, 1928; e a de W. SCHMIDT e KOEPPER, *Völker und Kulturen*, Regensburg, 1924; a de C. B. DAVENPORT e MORRIS STEGGERA, *Race Crossing in Jamaica*, Washington, 1929; a de HENRI NEUVILLE, *L'Espèce, la Race et le Mélange en Anthropologie*, Paris, 1933; a de A. KEITH, *Ethnos*, Londres, 1931; a de H. MUCKERMANN, S. J., *Rassenforschung und Volk der Zukunft*, Berlin, 1932; a de M. ROSELLI, I VLAR, *La Raza*, Barcelona, 1930; a de ELIE FAURE, *Trois Coulees de Sang*, Paris, 1929; a de R. MARTIN, *Lehrbuch der Anthropologie*, Berlin, 1914; a de R. R. BEAN, *The Races of Man*, Nova Iorque, 1932; a de E. A. HOOTON, *Up from the Ape*, Nova Iorque, 1931. Também OTTO KLIMBERG, *Race Differences*, Nova Iorque, 1935; JULIAN HUXLEY e A. C. HADRON, *We Europeans*, Nova Iorque, 1936; E. B. REUTER, *Race and Culture Contacts*, 1934; F. H. HANKINS, *The Racial Basis of Civilization*, Nova Iorque, 1931; M. HIRSCHFELD, *Racism* (trad.) Londres, 1938; PAUL RADIN, *The Racial Myth*, Nova Iorque, 1934.
25. F. HERTZ, *Rasse und Kultur*, apud KEELSEY, *The Physical Basis of Society*, cit.
- Quando aos trabalhos de JEAN ROSTRAND (*Hérédité et Racisme*, Paris), GEORGE LAKHOVSKY (*La Civilisation et la Folie Raciste*, Paris, 1939), HERMANN WARNER SEMEN (*Théorie de l'Hérédité*), RENÉ MARTIAL (*Vie et Constance des Races*, Paris, 1938), interessantes pela maneira, às vezes ousada, de agitar o problema antropológico e sociológico das raças em relação com a cultura e da hereditariedade em relação com o meio, pouco acrescentam de científica ou filosoficamente importante, aos estudos acima destacados.
26. R. R. BEAN, "The Negro Brain", *Century Magazine*, 1906; KEELSEY *op. cit.*; FRANZ BOAS, *The Mind of Primitive Man*, Nova Iorque, 1911; ALEXANDER GOLDENWEISER, "Concerning Racial Differences", *Menorah Journal*, vol. VIII, 1922. Para PEARSON (cit. por KEELSEY) a capacidade de crânio nos negros é, nos homens, 140 cm³, e nas mulheres 100 cm³ menos do que nos europeus modernos. Sobre o assunto veja-se também o livro do Professor E. B. REUTER, *The American Race Problem*, Nova Iorque, 1927.
27. FRANZ BOAS, *Anthropology and Modern Life*, Londres, 1929.
28. A. T. BRYANT e C. G. SELIGMAN, "Mental Development of the South African Native", *Eugenics Review*, vol. IX.
29. GEORGE HENRY LANE-FOX PITT-RIVERS, *The Clash of Cultures and the Contact of Races*, cit.
30. FRANZ BOAS, *The Mind of Primitive Man*, cit.
31. Padre Júlio ENCALACA, *Relação Cronológica do Sanatório e Irmandade do Senhor Bom Jesus de Congonhas no Estado de Minas Gerais*, São Paulo, 1908.
32. Principalmente os realizados nos Estados Unidos. Deles, entretanto, se prevalece HANKINS para considerar de grande importância as diferenças hereditárias de caráter mental, entre as duas raças. E ele nos adverte contra o perigo de substituímos um misticismo, de raça, por outro, de cultura: o de LAPORVE e de GOARNEAU — que criaram o mito da superioridade nórdica — pelo dos antropólogos e sociólogos que insistem em atribuir as diferenças entre as raças a puro fenômeno de difusão de cultura; a simples questão de maior ou menor oportunidade social (F. H. HANKINS "Individual Differences and their Significance for Social Theory", *Publications of the American Sociological Society*, vol. XVII, (1922)).

33. ALEXANDER GOLDENWEISER, "Race and Culture in the Modern World", *Journal of Social Forces*, vol. III, 1924.
34. KEELSEY, *op. cit.*
35. *Opportunity*, 1927, apud KEELSEY, *op. cit.* Veja-se também SO-ROKIN, *Contemporary Social Theories*, Nova Iorque e Londres, 1928. A propósito destes testes, LENTZ procura explicar os resultados favoráveis aos negros do Norte dos Estados Unidos em relação aos brancos de certas regiões do sul, observando ser grande, nos Estados do norte daquele país, a população mestiça indistintamente chamada de negra. Os negros puros seriam, na maior parte, os que se conservam nas zonas rurais do sul (ERWIN BAUER, EUGEN FISCHER, FRITZ LENTZ, *Human Heredity* (trad.) Londres, 1931).
- Sobre o negro na vida e na cultura dos Estados Unidos veja-se M. J. HERSKOVITS, *The American Negro: a Study in Racial Crossing*, Nova Iorque, 1928, e *The Myth of the Negro Past*, Nova Iorque e Londres, 1941; CHARLES S. JOHNSON, *The Negro in American Civilization*, Nova Iorque, 1930, e *Shadow of the Plantation*, Chicago, 1934; WILLIAM H. THOMAS, *The American Negro*, Nova Iorque, 1929, e também W. E. B. DUBOIS, *The Negro*, Nova Iorque, 1915; S. D. SPERO e A. L. HARRIS, *The Black Worker*, Nova Iorque, 1931; E. W. LEWIS, *The Mobility of the Negro*, Nova Iorque, 1932; A. L. HARRIS, *The Negro as Capitalist*, Filadélfia, 1936; WILLIS DUKE WEATHERFORD, *The Negro from Africa to America*, Nova Iorque, 1924, e *Race Relations: Adjustment of Whites and Negroes in the United States*, Boston, 1934; CARTER G. WOODSON, *The Rural Negro*, Washington, 1930; *The Negro Professional, Man and the Community*, Washington, 1934, e *The Negro in our History*, Washington, 1922; RAY STANNARD BAKER, *Following the Color Line: an Account of Negro Citizenship in the American Democracy*, Nova Iorque, 1908; HERMAN FELDMAN, *Racial Factors in American History*, Nova Iorque, 1931; IRA DE A. REID, VALDEN PRESTON e CHARLES S. JOHNSON, *The Urban Negro Worker in the United States, 1925-1936*, Washington, 1938; PAUL E. BAKER, *Negro-White Adjustment*, Nova Iorque, 1934; PAUL LEWINSOHN, *Race, Class and Party*, Nova Iorque, 1932; J. M. MECKLIN, *Democracy and Race Friction*, Nova Iorque, 1924; HORACE MANN BOND, 1924; BALU IRVING WILEY, *Southern Negroes, 1861-1865*, New Haven, 1938; JAMES W. JOHNSON, *Autobiography of an Ex-Colored Man*, Nova Iorque, 1937; DONALD R. YOUNG, *American Minority Peoples*, Nova Iorque, 1932; BERTMAN W. DOYLE, *The Etiquette of Race Relations in the South: a Study in Social Control*, Chicago, 1937; E. FRANKLIN FRAZIER, *The Free Negro Family*, Nashville, 1932; *The New Negro* (organizado por ALAN LOCKE), Nova Iorque, 1925; GUNNAR MYRDAL, *An American Dilemma* (com extensa bibliografia), Nova Iorque, Londres, 1944; CLAUDE MCKAY, *A Long Way from Home*, Nova Iorque, 1937; BOCKER T. WASHINGTON, *Up from Slavery*, Nova Iorque, 1901. Todos esses estudos oferecem páginas de considerável interesse para efeitos de comparação com a influência do negro na vida e na cultura do Brasil, particularmente sob a influência do regime de trabalho escravo. Para um estudo do negro no Brasil escrito, em parte, do ponto de vista de um norte-americano e em comparação com a situação de descendente de africano na vida americana veja-se DONALD PIERSON, *Negroes in Brazil*, Chicago, 1942, há anos traduzido e publicado em português (e agora reeditado). A obra norte-americana *The Negro in the Americas* (Washington, 1940)

dá uma visão de conjunto da situação do descendente de africano em diferentes áreas americanas, estudadas também em conjunto pelo antropólogo e sociólogo brasileiro Artur Ramos em seu notável trabalho *As Culturas Negras do Novo Mundo* (Rio, 1937). Sobre o negro nas Américas espanhola e francesa, além das obras, já clássicas, de FERNANDO ORTIZ sobre Cuba, veja-se HILDEFONSO PEREDA VALDES, *Negros Esclavos y Negros Libres*, Montevideu, 1941, e VICENTE ROSSI, *Cosas de Negros*, Rio de la Plata, 1926. Veja-se também, sobre o assunto, as indicações dadas por Artur Ramos em sua *Introdução à Antropologia Brasileira*, Rio, 1943, na seção de sua vasta bibliografia dedicada ao Novo Mundo (exceto o Brasil). No México, segundo informação do professor A. MÉTRAUX, publicou-se interessante trabalho sobre a influência do negro na vida daquele país, trabalho em que, ainda conforme o Professor MÉTRAUX, se segue a orientação do presente ensaio.

36. SOROKIN, *Contemporary Social Theories*, cit.

37. ROBERT H. LOWY, *Are We Civilized?*, Londres, s.d.

38. EMMENNE, loc. cit.; MANUEL QUERINO, "A Raça Africana e seus Costumes na Bahia", *Rev. da Academia Brasileira de Letras*, n.º 70.

39. HANDELMANN, *História do Brasil*, cit. Veja-se também KOSTER, *Travels*, cit., em quem provavelmente se inspirou HANDELMANN. No século XVI e primeira metade do século XVII a situação intelectual dos colônios foi melhor que no XVIII devido aos educadores jesuítas: aos seus colégios e escolas.

Confirmando o que aqui se diz desde 1933, o Professor ARONSO DE E. TAUNAY escreve na sua excelente *História do Café no Brasil — No Brasil Imperial, 1822-1872*, Rio de Janeiro, 1939, vol. V, pág. 166, que ao se verificar o deslocamento de escravos dos engenhos e fazendas de criação do norte para as grandes fazendas de café de São Paulo — fêmeno de 1860, 70, 80 — aos fazendeiros paulistas "causou verdadeiro pasmo verificar em entre as levadas vindas do norte a existência de numerosos escravos alfabetizados, alguns deles até mais letrados talvez que os seus novos senhores e outros, sobretudo os balanos, sabendo recitar trechos e trechos de CASTRO ALVES, JUNQUEIRA FREIRE e GONÇALVES DIAS. Nas revoltas que se deram nas vésperas da Abolição seguidas de linchamentos na praça pública por fazendeiros mascarados" (informação de Elói de ANDRADE), "os autores, os cabeças como os chamavam, foram filhos de Pernambuco e Alagoas". Sobre o assunto veja-se também nosso prefácio para o estudo de LUIS VIANA FILHO, *Negros na Bahia*, Rio, 1945.

40. D. P. KIMBER e J. C. FLETCHER, *Brazil and the Brazilians*, Boston, 1879.

41. J. B. DE SÁ OLIVEIRA, *Cronometria Comparada das Espécies Humanas na Bahia sob o Ponto de Vista Evolucionista e Médico-Legal*, Bahia, 1895. Veja-se também seu estudo *Evolução Psíquica dos Baianos*, Bahia, 1898.

42. Deveriam a leitura dos originais à gentileza do Sr. HOMERO PARES, que nos franqueou sua excelente Brasileira. Posteriormente o trabalho de NINA RODRIGUES foi publicado sob o título *Os Africanos no Brasil*, São Paulo, 1933, por iniciativa do mesmo Sr. PARES.

O trabalho de NINA RODRIGUES vem sendo continuado dentro e fora da Bahia por um grupo notável de estudiosos brasileiros das origens africanas da nossa população e da nossa cultura. Dentre esses estudiosos destacaram-se como antropólogos e historiadores sociais os professores ARTUR RAMOS, autor de *O Faldore Negro no Brasil*, Rio, 1935, *As Cul-*

turas Negras do Novo Mundo, Rio, 1937, e *The Negro in Brazil*, Washington, 1939, LUIS VIANA FILHO, autor de *O Negro na Bahia*, Rio, 1945, AÍRES DA MATA MACHADO FILHO, *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais*, Rio, 1944, GONÇALVES FERNANDES, *Xangôs do Nordeste*, Rio, 1937, EISON CARNEIRO, *Religiões Negras*, Rio, 1936. Veja-se a respeito a bibliografia dada por Artur Ramos, *Introdução à Antropologia Brasileira*, Rio, 1943, págs. 510-534.

43. Citação de NINA RODRIGUES, a favor da qual se encontram várias evidências em mss. do Arquivo Histórico Colonial de Lisboa. É assunto que merece estudo à parte. Antes de NINA RODRIGUES, um observador francês, ADOULPHE D'ASSIER, salientara a perspicácia da política portuguesa nos tempos coloniais, importando negros de "nações" diversas e até antagonísticas (*Le Brésil Contemporain*, cit.)

44. Citada por NINA RODRIGUES no referido trabalho.

45. GASPARE BARLÉUS, *Rerum per Oecumenium in Brasiliën, Clèves, 1660*, traduzido ao português e editado no Brasil, por iniciativa feliz do então Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro em 1940. "Os Atrictenses", escreve BARLÉUS, "são muito preguiçosos, teimosos, estúpidos, têm horror ao trabalho se excetuarmos pouquíssimos que, muito pacientes no trabalho, aumentam o seu preço [...]". dos Calabrenses destaca "a frouxidão e preguiça"; dos negros de Guiné, Serra Leoa, Cabo, a deslealdade ou suavidade, principalmente das mulheres; dos Congo e So-nhenses, a aptidão para o trabalho: *apissini ad opera*. Os mais laboriosos informa que eram os Angolenses (*laboriosissimi Angolenses*). ANTONIL por sua vez escreveu no século XVIII: "E porque communmente los escravos são de nações diversas, e huns mais boçes que outros, e de figuras muito diferentes, se ha de fazer reparição com reparo e escolha, e não as cegas. Os que vem para o Brasil são Ardas, Minas, Congos, de S. Thomé, d'Angola, de Cabo Verde, e alguns de Moçambique, que vem nas náos da Índia. Os Ardas e os Minas são robustos. Os de Cabo Verde e S. Thomé são mais fracos. Os d'Angola criados em Loanda são mais capazes de aprender officios mechanicos que os das outras partes já nomeados. Entre os Congos ha alguns bastantemente industriosos e bons não só por o serviço da canna, mas para os officios, e para o menos da casa" (ANTONIL, *op. cit.*) Com relação ao norte nos princípios do século XIX deixou-nos KOSTER as seguintes informações: os escravos importados em maior número eram de Angola, Congo e os conhecidos por Moçambiques, Rebêlos, Angico, Gabão. Os Moçambiques, só nos últimos tempos (*Travels*, cit.) MARIA GYANNA baseada em estatísticas aduaneiras obtidas no Rio de Janeiro dá como os negros mais geralmente importados nos princípios do século XIX: Moçambiques, Cabindos, Bengueles, Quilimanos, Angolas (*Journal*, cit.)

46. WÄRTEN *op. cit.* Também WÄRTEN foi traduzido ao português e publicado no Brasil (1938), na *Brasiliãna*, da Companhia Editora Nacional.

Sobre o assunto — o contato do Brasil com os holandeses — vêm publicando ensaios em que são estudados aspectos interessantes daquelas relações sociais e de cultura, os pesquisadores brasileiros especializados no conhecimento da língua holandesa, entre eles, JOSÉ ANTONIO GONÇALVES DE MELO, neto, e JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES. O ensaio do primeiro, intitulado *Tempo dos Flamengos*, e já publicado (Rio, 1947), é decerto o estudo mais minucioso sobre o assunto; e mais completo do ponto de vista brasileiro que o do próprio Professor WÄRTEN.

47. SÍLVIO ROMERO, que parece se haver inclinado a princípio para a ideia do exclusivismo banto, na colonização brasileira, no seu *Compêndio de História da Literatura Brasileira*, escrito em colaboração com JOÃO RIBEIRO, faz inteligente discriminação dos estoques africanos. "Não foram, porém, só as numerosas tribos de Guiné, da Nigéria ou África subtropical, e as do grupo Banto que serviram de viveiro à escravidão brasileira. Os vários ramos de Boximanes e Hotentotes entraram com seu contingente. Deles nos provieram — alguns *Ba-cancals*, *Ba-cubais*, *Ba-corocas*, *Ba-candos*, *Ba-cassequeres*, e, provavelmente, *Ba-sutos* e *Ba-ruanas*. Releva não esquecer o contingente do grupo *Núbia*. Foram os saídos desta última fonte os mais inteligentes escravos brasileiros. Seu número, porém, foi muito reduzido em confronto com os demais." Em seu estudo sobre os mercados de escravos no Brasil e as tribos importadas, apresentado ao Congresso de História Nacional (Rev. Inst. Hist. Geog. Bras., tomo especial, parte II), identifica Brás DO AMAVAL os seguintes estoques: Iorubas, Egbas, Geges, Daomeanos, Ifejas, Angolas, Minas, Haúças, Krumanos, Filiano, Timinis, Bengos, Galinias, Efiãns, Axantes, Cabindas. As costas de Serra Leoa, Angola e os portos do Golfo de Guiné teriam sido os principais mercados de escravos para o Brasil. Em pesquisa que realizamos, com o auxílio de JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELO, neto, na coleção de *Diário de Pernambuco*, recolhemos dos anúncios de *Vende-se* e de *Escravos Fugidos* as seguintes denominações de "nações" africanas: Camundongo ou Cambundongo, Angola, Mocomambique, Cacanja, Congo, Rebló, Benguela, Muxicongo, Mina, Cabinda, Calabar, Angico, Cabundá, Costa, Gabão, Gegá, Quizamá, Beni ou Benim, Costa de Nagou, Luanda, Quelimano, Songa ou Songô, Magô, Baca, Mazango, Ubaca ou Embaca, Ganguela, Malenbá, Mascangana, Costa de Caséu, Senze ou Senge, Ibanara, Bude ou Buife.

48. NINA RODRIGUES no seu trabalho já citado. VARNHAGEN, *História Geral do Brasil*, cit.

49. HADDON, *The Races of Man*, cit. Sobre o assunto vejam-se também: MONROE N. WORK, *A Bibliography of the Negro in Africa and America*, Nova Iorque, 1928. FRANK A. ROSS e LOUISE VENABLE KENNEDY, *A Bibliography of Negro Migration*, Nova Iorque, 1931. WILFRID DYSON HAMBLEY, *Source Book for African Anthropology*, Chicago, 1937. Em português veja-se o trabalho de Artur Ramos, *Introdução à Antropologia Brasileira*, Rio, 1943, com opulenta bibliografia.

51. NINA RODRIGUES, trabalho referido. Sobre o tráfico de africanos para a América, incluindo o Brasil, vejam-se *British and Foreign State Papers*, especialmente volumes 24, 44, 57, 62, *British Parliamentary Papers*, especialmente *Reports of the Committees, Select Committees on Sugar and Coffee Planting* (1847-1848); *Documents Illustrative of the History of Slave Trade to America* (organizado por ELIZABETH DONNAN), Washington, 1930-1935. GASTON-MARTIN, *Nantes au XVIII Siècle: Tère des Négriers (1714-1744) d'après des Documents inédits*, Paris, 1931. Padre DIEUDONNÉ RINÇON, *La Traite et l'Esclavage des Congolais par les Européens*, Wetteren, 1929, e *Le Trafic Négrier, d'après les Livres de Commerce du Capitaine Gantois PIERRE-JONACE-LÉVIN VAN ALSTEIN*, Bruxelles, 1938. W. D. WEATHERFORD, *The Negro from Africa to America*, Nova Iorque, 1924. JOSÉ ANTÔNIO SÁCO, *História de la Esclavitud de la Raza Africana en el Nuevo Mundo y en Especial en los Países Americano-Hispanos* (edição F. ORTIZ), Havana, 1928. CHARLES DE LA RONCIÈRE, *Nègres et Négriers*, Paris, 1933. TITO FRANCO DE ALMEIDA, *O Brasil e a*

Inglaterra ou o Tráfico dos Africanos, Rio, 1865. AFRONSO DE E. TURNAV, *Subsídios para a História do Tráfico Africano no Brasil*, São Paulo, 1941. ROBERTO SIMONSEN, *História Econômica do Brasil, 1500-1820*, São Paulo, 1937. J. M. DE CAMARGO JÚNIOR, "A Inglaterra e o Tráfico", em *Novos Estudos Afro-Brasileiros*, Rio, 1937.

52. F. J. OLIVEIRA VIANA, *Evolução do Povo Brasileiro*, São Paulo, 1933.

53. ULRICK BONNELL PHILLIPS, *American Negro Slavery, a Survey of the Supply, Employment and Control of Negro Labor as determined by the Plantation Regime*, Nova Iorque, Londres, 1929.

Sobre o assunto vejam-se também RALPH B. FLANDERS, *Plantation Slavery in Georgia*, Chapel Hill, 1933. ELIZABETH DONNAN, *Documents Illustrative of the History of the Slave Trade to America*, Washington, 1930. *Plantation and Frontier, 1649-1863, Documentary History of American Industrial Society* (documentos reunidos por U. B. PHILLIPS), Cleveland, 1909-1910. *Culture in the South* (organizado por WILLIAM F. COUCH), Chapel Hill, 1935. RUPERT B. VANCE, *Human Factors in Cotton Industry*, Chapel Hill, 1929, e *Human Geography of the South*, Chapel Hill, 1932.

54. PHILLIPS, *American Negro Slavery*, cit.

55. OLIVEIRA VIANA, *Evolução do Povo Brasileiro*, cit.

56. LUIZ VALA MONTEIRO, cit. por OLIVEIRA VIANA, *Evolução do Povo Brasileiro*, cit.

57. ARAÚJO JÚNIOR, *Gregório de Matos*, Rio de Janeiro, 1894.

58. RICHARD BURTON, *The Highlands of the Brazil*, cit.

59. ESCHWEGE, citado por J. CAPSTRANO DE ABBREV, *Capitulos de História Colonial (1500-1800)*, Rio, 1928. "Em um caso mesmo foram guias dos brasileiros", diz por sua vez JOÃO PANDÁ CALÓGERAS, "seu é o mérito da primeira indústria de preparo direto de ferro, nas forjas rudimentares de Minas Gerais, fruto natural da ciência prática infusa nesses metalurgistas natos que são os africanos" (JOÃO PANDÁ CALÓGERAS, *Formação Histórica do Brasil*, Rio de Janeiro, 1930).

60. MAX SCHMIDT, artigo em *Koloniale Rundschau*, abril, 1909, resumido por SIR HARRY H. JOHNSTON, *The Negro in the New World*, Londres, 1910. Vários trabalhos de MAX SCHMIDT, de considerável interesse para o Brasil, permanecem em ms., que tivemos ocasião de consultar em Assunção do Paraguai, no Museu Barbero.

61. JOSÉ MARIA DOS SANTOS, *Política Geral do Brasil*, Rio, 1930.

62. GARDNER esteve no Brasil em 1836, visitando a Bahia. Aí observou que os escravos eram mais difíceis de dominar do que em qualquer outro ponto do Brasil. "A causa é óbvia", escreveu o cientista inglês. "Quase a população inteira [refere-se aos negros] daquela província é originária da Costa do Ouro. Os homens e as mulheres não só são mais altos e de melhores formas que os de Mocomambique, Bengala e de outras partes da África como possuem maior ("a much greater share") energia mental devido talvez às suas íntimas relações com os mouros e árabes. Entre eles há muitos que leem e escrevem o árabe" (GEORGE GARDNER, *Travels in the Interior of Brazil*, cit.)

63. SIR HARRY H. JOHNSTON, *The Negro in the New World*, cit. Também NINA RODRIGUES referiu-se a esse comércio, como adiante veremos. O Professor LORENZO D. TURNER vem recolhendo sobre o assunto interessante material. Veja-se seu "Some Contacts of Brazilian ex-Slaves with Nigéria, West Africa", *Journal of Negro History*, XXVII, Washington, 1942.

64. MELVILLE J. HERSCOVITS, "A Preliminary Consideration of the Culture Areas of Africa", cit. Também "The Social History of the Negro", cit.

65. Para Artur Ramos "embora essa divisão se apresente em algumas áreas arbitrária e sujeita a revisões ulteriores, ela é útil, pois nos proporciona uma visão de conjunto sobre a distribuição espacial dos principais povos e culturas da África" (*Introdução a Antropologia Brasileira*, Rio, 1943, D).

Sobre o assunto vejam-se também de M. J. HERSCOVITS, "The Culture Areas of Africa", *Africa*, 1930, 3, e de W. D. HAMBLY, *Source-Book for African Anthropology*, Chicago, 1937.

SILVIO ROMERO e JOÃO RIBEIRO (*Compendio de História da Literatura Brasileira*, cit.) não deixaram de sugerir o estado de cultura das principais tribos ou "nações" africanas que concorreram para a nossa colonização. "Não estavam todas, é certo, no mesmo grau de cultura; mas do seu contato com os Árabes desde o VII século, com os Egípcios e os Berberes... desde épocas imemoriais tinham na maior parte de suas tribos chegado já a notável grau de adiantamento." E mencionam: "Jafos, "após à vida do mar"; Mandingas, "convertidos em geral ao maometismo, inteligentes e empreendedores"; Jorubas ou Minas, "quase todos maometanos e tão hábeis quanto os Mandingas"; Haúças, "cuja língua é a mais espalhada no Sudoão"; Felupos, "os mais selvagens da zona"; Fulas, "os sectários de Maomé, melhor organizados no país"; Balantos, "gentios democratas"; Biafadas, "senhores de regular império destruído pelos Biagozes"; Ba-Congos, cujo "vasto reino" era "um dos mais adiantados da África nos séculos XV e XVI"; Cabindas, "excelentes trabalhadores"; Ambaquistas, "ladinos, hábeis sofistas, amigos da escrita"; Ma-quisos, "destros caçadores"; Guissamas, "bons extratores de sal"; Libolos, agricultores; Blenos, artistas; Ba-gangelas ou Ambueias, mineiros e agricultores; Aiaus, "relacionados há séculos com os Árabes"; Sengas, mercadores de marfim; Mazuzuros, criadores de gado e dados à mineração; Vatus ou Zulus, guerreiros; Tongas ou Biongos, "inferiores em cultura"; Mabingelas, Ma-changanas, Macuacuas, Ma-chopes, Mindongues, Landins, pastores e agricultores; Núbios — fonte dos "mais inteligentes escravos brasileiros", importados "em número muito reduzido". Mencionam outras tribos que teriam concorrido para a colonização do Brasil, mas sem destacar-lhes a significação cultural. Diogo de Vasconcelos destaca na sua excelente *História Média de Minas Gerais* (Belo Horizonte, 1918) e também na *Anhiga*, a presença, entre os colonos africanos do Brasil, de negros vindos de áreas de cultura adiantada: "Linhretes com países maometanos". Veja-se também o trabalho de MELVILLE J. HERSCOVITS, "On the Provenience of New World Negroes", *Journal of Social Forces*, vol. XII, n.º 2, 1933.

66. Estudos de ORR e GUKS mostram que os Masai, por exemplo, são um povo superiormente alimentado. Tal é a abundância de seus rebanhos de carneiros, cabras e bois que a cada indivíduo "caberia uma média de 25 cabeças de bovinos e duas vezes mais carneiros e cabras". Os elementos básicos de sua dieta são: leite, carne e sangue (este retirado do animal pela punção da jugular). Diversas raízes e cascas são usadas para infusões que os homens tomam com carne cozida e leite. Segundo aqueles investigadores a quantidade de proteína ingerida pelos Masai é: homens, 300 g; mulheres, 165 g (I. B. ORR e J. L. GUKS, "The Physique and Health of two African Tribes", *Medical Research Council, Special*

Report Series, 1932, n.º 155, apud Rui COUÏNHO, cit.) Sobre o regime alimentar de várias sociedades africanas veja-se também WALLIS, *An Introduction to Anthropology*, cit.

67. IENACE BRAZIL ÉTRENNE, "La Secte Musulmane des Malés du Brésil et leur Révolte en 1835", *Anthropos*, Viena, Janeiro-março, 1909.

68. NINA ROBRIGUES, trabalho cit.; MANUEL QUERINO, "A Raça Africana e seus Costumes na Bahia", cit.

69. MELO MORAIS FILHO, *Festas e Tradições*, Rio de Janeiro.

70. O mesmo, quanto à relação de festas em suas fases da Lua e o uso de túnicas alvas durante as cerimônias, observamos em Pernambuco, entre os adeptos da seita "Adoradores dos Astros e da Água", no Fundão (Recife), dissolvida pela polícia do Estado, que também fechou as casas de Xangô de ANSELMO e outras, referidas no texto. Os "adoradores" eram também estritos na abstinência de bebidas alcoólicas. Adoravam principalmente a Estrela-d'Álva, a Lua e a Água-Viva, organizando peregrinações a cachoeiras, rios e quedas de água. O culto, na sede da seita, que era uma casinha toda branca, consistia principalmente de danças, imitando os "movimentos dos astros", executadas por meninos que também cantavam, ora em português, ora em "línguas estranhas", do que parece inventadas. Uma "água sagrada", que recebia os "fluidos dos astros", era distribuída aos fiéis em garrafas ou copos. Mantinham escola, "aula de catecismo", e tinham emissário no Pará.

Ninguém podia assistir às cerimônias que não estivesse vestido de branco. Os cânticos tinham alguma cousa dos hinos das igrejas protestantes:

*A união das águas
Com as estrelas eu viã
O círculo e o meu reino
Que a Deus pertencia.*

Sobre o assunto veja-se também JOÃO DO RIO, *As Religiões no Rio*, Rio, 1904.

71. MANUEL QUERINO, "A Raça Africana e seus Costumes na Bahia", cit.

72. MANUEL QUERINO, "A Raça Africana e seus Costumes na Bahia", cit.

73. Entre outras, a erva conhecida no Rio de Janeiro — segundo MANUEL QUERINO — por punço e por macumba na Bahia; e em Alagoas por macconha. Em Pernambuco é conhecida por macconha; e também, segundo temos ouvido entre seus aficionados, por diamba ou liamba. Diz QUERINO que o uso de macumba foi proibido pela Câmara do Rio de Janeiro em 1830, o vendedor pagaria 20\$000 de multa; o escravo que usasse seria condenado a 3 dias de cadeia. Já fumamos a macumba ou diamba. Produz realmente visões e um como cansaço suave; a impressão de quem volta cansado dum baile, mas com a música ainda nos ouvidos. Parece, entretanto, que seus efeitos variam consideravelmente de indivíduo para indivíduo. Como o seu uso se tem generalizado em Pernambuco, a polícia vem perseguindo com rigor os seus vendedores e consumidores — os quais fumam-na em cigarros, cachimbos e alguns até a ingerem em chás.

Alguns consumidores da planta, hoje cultivada em várias partes do Brasil, atribuem-lhe virtudes místicas; fuma-se ou "queima-se a planta" com certas intenções, boas ou más. Segundo QUERINO, o Dr. J. R.

DA COSTA DÓRIA atribui-lhe também qualidade afrodisíaca. Entre barba-ceiros e pescadores de Alagoas e Pernambuco verificamos que é grande ainda o uso da maconha.

74. NINA RODRIGUES, trabalho cit.

75. NINA RODRIGUES, trabalho cit. Quando chegou ao Rio em 1882 a delegação, da Sociedade dos Amigos (Quakers) foi recebida por uma comissão de Minas libertos. Sessenta tinham sido repatriados para Benim. Os ingleses receberam dos Minas papéis redigidos em arábico (veja-se JOHN CAMPBELL e W. BURGESS, *Narrative of a Recent Visit to Brazil*, Londres, 1833).

76. Eis alguns anúncios, dos que nos parecem mais interessantes do ponto de vista da caracterização antropológica: "escravo [...] alto, fullo, barbado, cabeça puxada para traz" (*Diário de Pernambuco*, 7 de março 1828); "escravo [...] fullo, Nação Massambique, com sinais na cara da mesma nação, pés apalhetados" (13 de março 1828); "ladino de nação Angola e de nome João, bastante preto, bem parecido, pouca barba, alto, olhos grandes" (6 de agosto 1828); "qualquer capitão de campo poderá pegar o preto chamado Benedito, Nação Gabão [...] baixo e seco de corpo, barbado, e tem suícas, bonito de cara e de corpo" (25 de agosto 1828); "Catarina do gentio Benguela, alta, grossa de corpo, peitos em pé, cara larga, belcos grossos, dentes abertos, bem preta, de bonita figura" (9 de outubro 1828); "Antonio, de Gentio da Costa, grande do pé esquerdo sem unha, tem a falla fina, e a cor fulla" (3 de agosto 1829); "escravo da Nação Benguela de nome Manoel [...] delgado de corpo, pouca barba, nariz algum tanto afilado" (6 de setembro 1828); "Izabel, Nação Congo, 30 annos [...] alta e grossa [...] pouco cabelo na cabeça" (22 de janeiro 1835); "Bento, de nação Camunú, alto, cheio de corpo, sem barbas, pés grandes, anda um tanto também a "negros altos [...] e com todos os dentes da frente"; alguns a pretas com nádegas grandes, de chamarem a atenção como traço idêntico de negro fugido. O que revela a presença de hotentotes ou boximanes entre os escravos de Pernambuco no século XIX. Que negro ou negra feia era artigo quase sem importância no mercado de escravos ve-se através de vários anúncios. Deste, por exemplo (*Diário de Pernambuco*, 23 de setembro 1830): "Vende-se uma escrava por preço tão favorável que será incrivei no tempo presente por tal compra-la; a mesma escrava não tem vicio algum, e he quitandeira, e só tem contra si humna figura desagradável e he o motivo porque, se vende; na cidade de Olinda na segunda casa sobre o atero das vicas, ou no Recife na rua do Crespo D. 3." O negro que se vendia bem ou que, quando fugia, se procurava como quem procura uma joia de familia, fazendo-se até promessas a Santo Antônio, era o negro forte e bonito de corpo. Ainda em 1882, o *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro publicava um anúncio prometendo a gratificação de 2000\$000 a quem aprendesse o escravo Sabino, "bons dentes [...] quando falla carrega muito nos tr [...] um pouco gago [...] intelligente e muito esperto" (10 de julho de 1882). O assunto foi por nós versado em conferência na Sociedade Felipe d'Oliveira, no Rio, em 1934, sobre "O Escravo nos Anúncios de Jornais do Tempo do Império", em trabalho apresentado ao 1.º Congresso Afro-Brasileiro, em 1935, "Deformações de Corpo nos Negros Fugidos", em *Sociologia, Introdução ao Estudo dos seus Principios*, Rio, 1945, e ca

prefácio para o trabalho do Sr. Ademair Vidal, sobre os escravos negros na Paraíba, no qual sugerimos a predominância de longilíneos talvez dolicocefálicos, entre os negros fugidos caracterizados pelos anúncios.

Em minucioso estudo antropológico, a Sr.^a MARIA JÚLIA POURCHET chegou à conclusão de que os estudos do índice cefálico no Brasil nos permitem afirmar que "o negro brasileiro surpreende o pesquisador com seu alto valor de índice cefálico, numa tendência franca à braquicefalia"; também que "nos indivíduos brancos uma série de pesquisas têm revelado um índice alto, perto da braquicefalia, parecendo estar a população branca do Brasil sujeita ao processo geral de "braquicefalização" já apontado por vários autores em outros continentes" (*Índice Cefálico no Brasil*, Rio, 1941, pág. 45). Sobre o assunto vejam-se também ROQUETTE-PINTO, "Nota sobre os Tipos Antropológicos do Brasil", *Arquivos do Museu Nacional*, Rio, vol. XXX, MARIA JÚLIA POURCHET, *Contribuição ao Estudo Antropológico da Criança de Cor (Bahia, Brasil)*, Rio, 1939; BASTOS DE AVILA, "O Negro em Nosso Meio Escolar", *Novos Estudos Afro-Brasileiros*, Rio, 1936; ULisses PERNAMBUCANO e outros, "Dados Antropológicos sobre a População do Recife", *Estudos Afro-Brasileiros*, Rio, 1935; JÚLIA MAGALHÃES VIORTI, "Contribuição à Antropologia da Moça Mineira", *Boletim da Secretaria da Educação e Saúde*, Belo Horizonte, n.º 13, 1933; LUCAS DE MORAIS, *Estudos de Antropometria Constitucional dos Brancos Nativos do Estado de São Paulo*, São Paulo, 1939; SETTE RAMALHO, *Lições de Biometria Aplicada*, Rio, 1940; ALFREDO ELLIS JÚNIOR, *Raça de Gigantes*, São Paulo, 1926.

77. JOAQUIM NABUCCO, *O Abolicionismo*, cit. Por esse e por outros pontos de vista de intensa atualidade, JOAQUIM NABUCCO está a pedir um estudo que o situe nas melhores tradições brasileiras de vitalidade intelectual das quais o mundanismo, o francismo e o anglo-americano são às vezes o afastaram.

78. J. P. DE OLIVEIRA MARTINS, *O Brasil e as Colônias Portuguesas*, Lisboa, 1887.

79. RUDOLPH BUDEN, em trabalho que não chegou a publicar em livro. Para ele, o estudo do desenvolvimento histórico do Brasil demonstra que males atribuídos por alguns críticos à composição racial do país derivam-se da escravidão. BURAMAQUY, ABERU E LIMA, PECKOLT são alguns dos brasileiros que se anteciparam nessa interpretação da nossa História, seguidos, entre autores dos nossos dias, pelo escritor GILBERTO AMADO.

80. ALEXANDER GOLDENWEISER, "Race and Culture in the Modern World", *Journal of Social Forces*, vol. III, 1924.

81. ERNEST CRAWLEY, *Studies of Savages and Sex*, cit.; HAVELOCK ELLIS, *Analysis of the Sexual Impulse*, cit. Veja-se também PIERRE RIVERS, *The Clash of Cultures and the Contact of Races*, cit.

82. Fr. JOÃO DE S. JOSÉ QUEIRÓS, *Memórias*, pág. 22, Porto, 1868. Em estudo sobre "Gente e coisas d'antanho" — "crimes célebres", referente à área de Mato Grosso, o historiador José de MESQUITA chega à conclusão de que a subárea mato-grossense de monocultura, latifúndio e outora de escravido apresenta fortes semelhanças com as áreas mais antigas e caracteristicamente agrário-patriarcal do Brasil, que foram as do açúcar, do litoral. Com relação ao negro da mesma subárea escreve ele ter encontrado "casos típicos que ilustram ao vivo" o asseverado no presente ensaio: "o negro foi patogénico mas a serviço do branco; como parte irresponsável de um sistema articulado por outros" (*Revisão do Instituto Histórico de Mato Grosso*, ano XVI, tomo XXXIII, pág.

110). Acrescenta o historiador mato-grossense: "nossa [mato-grossense] organização social se esteou, de começo, nos engenhos de aguardente, como no Nordeste, e ainda hoje é essa a única indústria organizada que existe nos arredores da capital, sob feição mais moderna, que é a usineira, mas sempre girando em torno dos produtos e subprodutos da cana-de-açúcar" (pág. 140). Conclusões semelhantes têm sido alcançadas, ou nos têm sido comunicadas, por outros pesquisadores de história regional especializados no estudo de áreas, ou subáreas, hoje aparentemente diversas das antigas áreas agrário-patriarcais ou feudal-tropicais do Brasil, isto é, as do açúcar, do litoral (Pernambuco, Bahia, Maranhão), a ponto de serem apresentadas como contradições absolutas as mesmas áreas por observadores menos prudentes em suas generalizações. Dentre aqueles outros pesquisadores, recordaremos os Srs. Artur Reis (Pará e Amazonas), Manuel da Silveira Soares Cardoso, Miran de Barros Latier, João Camilo de Oliveira Torres e Augusto de Lima Júnior (Minas Gerais), Moisés Marcondes (Paraná), Dante de Lavitano e Aros Damasceno (Rio Grande do Sul), Roger Bastide, Pierre Monbeig, Luís Martins e Dona Amélia de Rezende Martins (São Paulo). E nós próprio, em viagem pelo sul do Brasil (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul) e por Minas Gerais, tempos verificados, através de sobreavizões mercedoras de estudos, a extensão por grande parte do Brasil da colonização anterior ao século XIX porém menos antiga que a de São Vicente, Pernambuco, Bahia, Maranhão e Rio de Janeiro, com seus elementos mais característicos (monocultura do açúcar, terras grandes e terras de senhores latifundiários de origem principalmente hispânica, escravos africanos) ou os substitutos menos sociológicos que culturais deles (café, gado, cacau, a própria borracha, indígenas ou caboclos, em estado de escravidão ou de quase escravidão, senhores de origens não açucareiro-patriarcais e tal que sociologicamente são inseparáveis embora as diferenças de conteúdo histórico-político.

83. Joaquim Nabuco, *O Abolicionismo*, cit.
84. Alexandre Herculano, *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, cit.

85. Joaquim Nabuco, *O Abolicionismo*, cit.

86. João Alvares de Azevedo Macedo Júnior, *Da Prostituição do Rio de Janeiro e da sua Influência Sobre a Saúde Pública*, tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1869. Veja-se também Evaristo de Moraes, *A Escravidão Africana no Brasil*, São Paulo, 1933.

Ainda sobre sífilis no Brasil, veja-se Antônio José Pereira das Neves, "Memória", *Anais Brasileiros de Medicina*, Jornal da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, n.º 1, março de 1856, e nos mesmos *Anais* (tomo XXV, setembro de 1873, n.º 4), o "Discurso do Conselhoiro Dr. José Pereira do Rego na Sessão Aniversária do Corrente Anão".

O Dr. Pereira das Neves, escrevendo no medo do século XIX, afirmava que era comum os doentes brasileiros de males venéreos "comunicarem a moléstia a muitas outras pessoas antes de se tratarem [...]". Acrescentava que "desgraçadamente alguns factos me temem feccido de blenorragia curar-se da communicando-a a uma menina impubere. Não me esquecerei de um corpo de delicto, que fiz com o meu collega o Sr. Dr. PAVIA MENEZES, de uma menina franceza de cinco annos de idade, a quem um miseravel sapateiro portuguez com-

municou a mais grave syphilis primitiva pela creença em que vivia daquelle prejuizo". "Memória", *Anais Brasileiros de Medicina*, n.º 1, 1856, págs. 15-16.

87. José de Góis e Siqueira, *Breve Estado Sobre a Prostituição e a Syphilis no Brasil*, Rio de Janeiro, 1877.

88. Janson, cit. por Calhoun, *A Social History of the American Family*, etc., cit.

89. ODUV, cit. por Calhoun, *A Social History of the American Family*, etc., cit. Sobre o assunto veja-se também Edgar Sydnerstricker, *Health and Environment*, Nova Iorque, 1933, e E. R. SITT, "Our Disease in Inheritance from Slavery", *U. S. Naval Medical Bulletin*, outubro, 1928, XXXVI.

90. Lembra Oscar da Silva Araújo, repetindo, aliás, o velho Silva Araújo, que o Baño de Lavradio calculava em 50% o número de crianças sífilíticas encontradas no seu serviço no Hospital da Misericórdia do Rio; que Moncorvo e Clemente Pereira verificaram a percentagem de 40 a 50% de infecções sífilíticas no Serviço de Pediatria e Policlínica; Moura Brasil a de 20% nos doentes de olhos por ele tratados na Policlínica do Rio de Janeiro (Oscar da Silva Araújo, *Alguns Comentários Sobre a Syphilis no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1928).

91. HERCULANO AUGUSTO LASSANCE CUNHA, *Dissertação Sobre a Prostituição em Particular na Cidade do Rio de Janeiro*, tese apresentada à Faculdade do Rio de Janeiro, Rio, 1845.

92. Citado por Oscar da Silva Araújo, *op. cit.*, que supõe estejam incluídas nas "moléstias cutâneas", tão toleradas pelos brasileiros, as sífilíticas. Lembra a propósito a abuso, então reinante, quanto ao perigo de poderem tais doenças "recolher, com grave dano para o enfermo".

93. Luís dos Santos VILHENA, *Recompilação de Notícias Sotero-politicas e Brasileiras (ano de 1802)*, Bahia, 1921.

94. Citado por Oscar Clark, *Syphilis no Brasil e suas Manifestações Viserais*, Rio de Janeiro, 1918.

95. Citado por Oscar da Silva Araújo, *Alguns Comentários Sobre a Syphilis no Rio de Janeiro*, cit. Em 1875 calcularia Góis e Siqueira (*op. cit.*) que se achando em 1872 infestada de sífilis a sexta parte do Exército, em seis anos estaria todo atacado do mal. Quanto à população civil, escrevia: "não se ignora que a sífilis invade todas as classes sociais." A sífilis atribui Ruediger Bluden nos seus estudos sobre a formação brasileira grande importância como fator de depauperamento da população.

Os estudos modernos sobre a sífilis e o êxito alcançado já pela luta contra sua ação em vários países indicam a relativa facilidade que o Brasil terá em libertar-se dessa herança da escravidão. Com relação à luta contra a sífilis escreve em livro hoje raro o médico Durval Rosa Borges que se trata de uma campanha "remuneradora desde o início" pois "estamos com todas as armas nas mãos" (*Estudos Sobre Syphilis, com Especial Referência à Classe Média Paulista*, Rio, 1941).

96. E. A. WESTERMARK, *The History of Human Marriage*, cit.

97. HAVELock ELLIS, *The Analysis of the Sexual Impulse*, cit.

98. G. ADLER, cit. por CRAWLEY, *op. cit.*

99. W. HEAPE, cit. por CRAWLEY, *op. cit.*

100. KEESY, *The Physical Basis of Society*, cit.

101. A denúncia de Filipe CAVALCANTI como sodomita vem nas Denúncias da Bahia (1591-1593), pág. 448. Denunciou-o BELCHIOR MENDES D'AZEVEDO, morador em Pernambuco, na Vila de Olinda.

102. ARLINDO CAMILO MONTEIRO, *Amor Sáfico e Socrático* — *Essaúdo Médico-Forense*, Lisboa, 1922.

103. João Lúcio de AZEVEDO, "Organização Econômica", *op. cit.*

104. *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil*, *Confissões da Bahia*, *cit.*, pág. 20.

105. MONTEIRO, *op. cit.*

106. MONTEIRO, *op. cit.*

107. João DANTAS, *Figuras de Ontem e de Hoje*, *cit.*

João da SILVA CAMPOS em *Tempo Antigo* (Bahia, 1942) confirma o que desde 1933 se diz neste ensaio sobre a origem das práticas de feitiçaria no Brasil patriarcal: nem sempre foi africana. "Atribuir-se a influência do feitiço no Brasil exclusivamente ao africano é torcer a verdade", escreve o pesquisador baiano (pág. 11), que por isso mesmo se insurge contra a generalização de PAULO CURSINO DE MOURA (São Paulo de Ourora, São Paulo, 1943) no sentido de terem sempre os negros no Brasil primado "na arte da feitiçaria, de rezas, de quebrantos, de maus-olhados, de mistificações, de dengues, de benzimentos". SILVA CAMPOS salienta que "salvo erro mínimo, dos vinte e sete indivíduos denunciados nesta Bahia como sortilheos ao visitador Furtado de Mendonça, em 1591 e em 1593, conforme se vê no livro da *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil* — *Denúncias da Bahia*, somente dois eram negros de Guiné e um mulato. Os vinte e quatro restantes, dois homens e vinte e duas mulheres, eram portugueses. Um, que outro, se não o fosse, seria branco da terra" (*Tempo Antigo*, *cit.*, págs. 11-12).

Deve-se também separar a prática da chamada "arte de feitiçaria" e de danças ou ajuntamentos religiosos de africanos e descendentes de africanos, de prática de crimes. Tanto quanto SILVA CAMPOS, concorda conosco o Sr. José de MESQUITA ao salientar, em excelente estudo sobre a antiga área agrária e escravocrata de Mato Grosso, como causa principal dos "desvios da moralidade social" ali devem ser observados — "patológicos" — "a criminosa apatia dos poderes públicos", a falta de "conforto, de instrução, até de recursos materiais, concorrendo todos esses fatos combinados para gerar os surtos de delinquência que acabamos de apontar". ("Crimes Célebres", *Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso*, ano XVII, tomos XXXIII e XXXIV, 1935, pág. 143. Veja-se do mesmo autor e sobre a mesma área, "Grandesza e Decadência de Serra Acima", na mesma *Revista*, n.º XXI a XXVIII, 1931-1932, págs. 31-56.) Honrando-nos com uma referência a este ensaio, o Sr. José de MESQUITA escreve: "Ninguém ignora o papel decisivo que a presença do escravo — negro ou de qualquer outra espécie — exerceu na gênese do crime, nos diversos países onde fermentou esse podridão social" ("Crimes Célebres", pág. 140). Mas o escravo, como procuramos mostrar desde 1933 neste ensaio, "a serviço do branco". Apresentando em seu estudo "casos típicos que ilustram ao vivo" (pág. 110) a afirmativa encontrada neste ensaio, o Sr. José de MESQUITA refere-se aos batiquês de escravos ou de negros de Mato Grosso (que muito figuram nas crônicas policiais por ele examinadas) como "excelente caldo de cultura" onde "germinava a fama mórbida e sinistra do crime" (pág. 113), tendo porém o cuidado de não atribuir à arte de feitiçaria

ou aos ritos e danças religiosas dos negros, ação de causa na proliferação dos crimes examinados. O cuidado, também, de não confundir inferioridade social com inferioridade étnica.

De outro pesquisador brasileiro do assunto, o Sr. LUCIANO PEREIRA DA SILVA, é a observação de que no Brasil e noutros países "têm-se visto criminosos dos mais perversos frequentar assiduamente as igrejas e cumprir todas as cerimônias do ritual católico" (*Estudos de Sociologia Criminal*, Pernambuco, 1906, pág. 529). Observação a favor de quantos consideram injusto identificar-se o comportamento criminoso da plebe urbana ou rural em nosso meio com a prática "da feitiçaria" e de ritos ou religiões africanas.

108. Um estudo a fazer-se no Brasil é o das promessas a santos como reflexo das tendências estéticas do nosso povo; das suas predileções de cor, de nome, etc. Com relação ao "culto de Maria na linguagem popular do Brasil" deixou-nos AROUNSO ARINOS páginas interessantes. "Cada família nossa tem, com raras exceções, uma ou muitas Marias" (ARONSO ARINOS, *Lendas e Tradições Brasileiras*, São Paulo, 1917). Resultado, muitas dessas numerosas Marias, de promessas a Nossa Senhora. Resultados de promessas ou do culto de Maria são ainda os nomes de muitos lugares do Brasil — Graça, Penha, Conceição, Montserratate — que tornam a nomenclatura geográfica do nosso país tão mais poética que a dos Estados Unidos com os seus Minneapolis, Indianapolis, e outros nomes em "polis" que MATTHEW ARNOLD achou horrorosamente inexpressivos.

109. Aliás esta última forma de pagar promessa encontra-se também entre negros fetichistas com relação a seus orixás. ORTIZ observou em Cuba, entre os negros, promessas de devotos de "santos" só se vestem de branco. NINA ROBERTSON e MANUEL QUEBRINO surpreenderam semelhantes na Bahia: "filhas-de-santo" cujos trajes variam de cor conforme o orixá.

110. MANUEL QUEBRINO, "A Raça Africana e seus Costumes na Bahia", *cit.* Veja-se também PEREIRA DA COSTA, "Folclore Pernambucano", *Rev. Inst. Arg. Hist. Geog. Pern.*; ALFREDO DE CARVALHO, "A Magia Sexual no Brasil" (fragmento), *Rev. Inst. Arg. Hist. Geog. Pern.*, n.º 106; JÚLIO RIBEIRO, *A Carne*, São Paulo, 1888.

111. AGRIPPINO GREGO, "Parabá do Sul", *O Jornal*, Rio, ed. especial comemorativa do bicentenário do café.

112. BASTILLO DE MAGALHÃES, "As Lendas em Torno da Lavoura do Café", *O Jornal*, Rio, ed. especial comemorativa do bicentenário do café. Sobre o assunto veja-se do mesmo BASTILLO DE MAGALHÃES, *O Café na História, no Folclore e nas Belas-Artes*, Rio, 1937.

113. BASTILLO DE MAGALHÃES, "As Lendas em Torno da Lavoura do Café", *loc. cit.*

114. ALFREDO DE CARVALHO, "A Magia Sexual no Brasil", *cit.*

115. LETRE DE VASCONCELOS, *Tradições Populares de Portugal*, *cit.*

116. LINDOLFO GOMES, *apud* AMARAL AMARAL JÚNIOR, "Superstições do Povo Paulista", *Revista Nova*, São Paulo, n.º 4.

117. Citada por AMARAL AMARAL JÚNIOR, "Superstições do Povo Paulista", *loc. cit.* Do Professor LUIS DA CÂMARA CASCUHO é o bem documentado *Geografia dos Mitos Brasileiros*. (Rio, 1947)

118. Vários são os mitos brasileiros que envolvem sugestão ou ameaça de castração. Entre outros, o mão-de-cabeça, do qual se diz, em Minas, aos meninos que mijam na cama: "óia, si nenem miúá nã

- cama, mão-de-cabelo vem te pegá e corta minhoguinha de nenê!"
- Veja-se BASTILO DE MAGALHÃES, *O Folclore do Brasil*, 1928.
119. NINA RODRIGUES, em trabalho cit.
120. AMADEU AMARAL JÚNIOR, *loc. cit.*
121. Sir A. B. ELLIS, cit. por NINA RODRIGUES, trabalho cit. sobre o assunto veja-se também ARTUR RAMOS, *O Folclore Negro no Brasil*, Rio, 1935.
122. JOSÉ LINS DO REGO, *Menino de Engenho*, cit.
123. ALEXANDER CALDWELL, *Travels in South America During the Years 1819-1820-21, Containing an Account of the Present State of Brazil, Buenos Ayres and Chili*, Londres, 1825.
124. JOÃO RIBEIRO, *Dicionário gramatical contendo em resumo as matérias que se referem ao estudo histórico-comparativo*, Rio, 1887. Veja-se também sobre a influência das línguas africanas sobre o Português do Brasil o estudo de A. J. DE MACEDO SOARES, "Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro", *Revista Brasileira*, Rio, 1880, tomo IV. Dos trabalhos mais recentes destacaremos: o de JACQUES RAMUNDO, *O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa*, Rio, 1933, e o de RENATO MENDONÇA, *A Influência Africana no Português do Brasil*, Rio, 1933. Notável contribuição para esses estudos é o que traz o Professor MARIO MARCOUIM: *A Língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*, São Paulo, 1934. MARIO MARCOUIM se insurge contra o "bilinguismo dentro de um só idioma" e contra as regras de gramática "baseadas em fatos linguísticos isolados do homem".
125. P. E. MUIREL DO SACRAMENTO LOPES GAMA, *O Carapuceiro*, Recife, 1832-34, 37, 43 e 47. Em vários dos seus artigos, de diferentes épocas, o Padre LOPES GAMA se ocupa de aspectos do problema da distorção da língua portuguesa no Brasil patriarcal sob a influência africana ou do escravo africano.
126. JOÃO RIBEIRO, *A Língua Nacional*, São Paulo, 1933. "É esse lo modo brasileiro" um modo de dizer de grande suavidade e doçura ao passo que o "— diga-me" — e o "— faça-me" — são duros e impenativos."
127. JOÃO RIBEIRO, *A Língua Nacional*, cit. A primeira edição deste ensaio apareceu ainda em vida de JOÃO RIBEIRO, que o acolheu com simpatia e generosidade na sua seção de crítica ou registro literário no *Jornal do Brasil*.
128. LAAS RINGBOM, *The Renewal of Culture* (trad.), Londres, s.d. Sobre o assunto veja-se GILBERTO FREYRE, *Sociologia*, Rio, 1945, notas à seção dedicada à Sociologia biológica, págs. 381-403 e notas à seção dedicada à Sociologia da cultura, págs. 624-632.
129. KOSTER, *Travels in Brazil*, cit., págs. 388-389.
130. JOSÉ VERISSIMO, *A Educação Nacional*, Rio, 1894.
131. ANTONIENES CHAVES, "Os Esportes em Pernambuco", *O Jornal*, Rio, ed. especial de Pernambuco, 1928.
132. KOSTER, *Travels*, cit.
133. KOSTER, *Travels*, cit.
134. J. C. FITCHER e D. P. KIMBER, *Brazil and the Brazilians*, Boston, 1879. O mesmo reparo havia sido feito por SAINT-HILAIRE, em zonas escavocritas do sul do Brasil, nos princípios do século XIX.
135. F. L. C. B. (FREDERICO LEOPOLDO CÉSAR BURAMAQUÊ), *Mémoria Analytica Acerca do Commercio d'Escravos e Accres de Escravidão Domestica*, Rio de Janeiro, 1837.
136. L. ANSELMO DA FONSECA, *A Escravidão, o Clero e o Abolicionismo*, Bahia, 1887.
137. Padre LOPES GAMA, *O Carapuceiro*, cit.
138. M. BONEM, *América Latina*, Rio, 1903. Em Sabará, Minas Gerais, mostraram-nos no fundo do quintal de uma velha casa-grande dos tempos coloniais o lugar em que teria sido suplicado um escravo por ter sido surpreendido em relações com uma moça branca da casa.
139. A. W. SEILIN, *Geografia Geral do Brasil* (trad.), Rio de Janeiro, 1889. Confirma-o com relação a Pernambuco Dona Flora CALVANI DE OLIVEIRA LIMA, íntima conhecedora da história social da região, em informações pessoais ao Autor.
140. R. WALSH, *Notices of Brazil*, II, pág. 164, Londres, 1830.
141. JOSÉ VITORIANO BORGES DA FONSECA, *Nobiliarquia Pernambucana (1776-1777)*, I, pág. 9, Rio, 1935.
142. MARIA GRAHAM, *Journal*, cit., pág. 226.
143. BURTON, *The Highlands of the Brazil*, cit.
144. ANTONI, *Cultura e Opulência do Brasil*, cit., pág. 75.
145. AFONSO DE E. TAUNAY, *Sob El-Rei Nosso Senhor*, São Paulo, 1923.
146. NICOLAUS DREYS, *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande do São Pedro do Sul*, Rio de Janeiro, 1839.
147. Um relatório holandês do século XVII destaca a resistência que foi oposta aos invasores pela gente da terra: "Moradores, Malatien, Mamalucquen, Brazilianen, als Negros" (Relatório de Schomemburgh e Haecks, em Altema. "Saken van Saet en Oorlogh in ende Ontrent de Vereenigde Nederlanden, Regions Regimente met het Jaer 1645, nde euyndigend met het Jaer 1658", Graven-Haghe, 1669).
148. BECKERFORD, *op. cit.*
149. VILHENA, *Cartas*, cit., I, 48.
150. TOLLENABE, *Notas Dominicanas*, cit., pág. 437.
151. *Estudios do Recolhimento de Nossa Senhora da Gloria*, cit., pelo Conego José do CARMO BARATA. "Um Grande Sábio, um Grande Patriota, um Grande Bispo" (conferência), Pernambuco, 1921.
152. Mrs. KINDERSLEY, *Letters from the Islands of Teneriff, Brazil*, *The Cape of Good Hope and the East Indies*, Londres, 1777.
153. GASPAR BARLÉUS, *Rerum per Occenium*, etc., cit. Dessa célebre crônica sobre o Brasil do século XVIII já existe excelente tradução portuguesa.
154. Pastoral de Dom Frei José FIALHO de 19 de fevereiro de 1726, inédita. Ms. no Arquivo da Catedral de Olinda.
155. *Voyages de FRANÇOIS CORÉAL, aux Indes Occidentales* [...] depuis 1666 jusqu'en 1697, pág. 153, Amsterdã, 1722.
- Em seu interessante depoimento "Fatos Reais ou Lendários Atribuídos à Família Barreto" (Revista das Academias de Letras, Rio de Janeiro, maio-junho de 1943) o Desembargador CARLOS XAVIER PAIS BARRETO confirma com vários casos concretos o que a este respeito se diz neste ensaio: "Matrimoniavam-se crianças as filhas dos nobres [brasileiros] [...]". Era grande a precocidade porquanto mesmo no Direito Romano e Canônico anterior a Benedito XV, a idade mínima seria de 12 anos, que passou depois para as legislações da Inglaterra, da Espanha, da Bolívia, do Uruguai, da Argentina e do Chile.
- No Brasil, entretanto, embora contra a lei, a nobreza quase que imitou o Código de Manu onde se permitia a mulher casar-se até com oito anos. Eram frequentes os casamentos com crianças menores de

13 anos. Entre grande número de exemplos citaremos, mesmo no século XIX: "Margarida Francisca Pais de Melo, avó do Autor, casada aos 11 anos, idade com que também se matrimoniou, no Engenho Saúé, Francisca de Barros Wanderley com o senador alagoano Jacinto Pais de Mendonça, Margarida Francisca era desenvolvida, o mesmo não acontecendo com Francisca de Barros" (pág. 13).

Também nos mss. (livros de assentos) de família, da coleção Luis Antônio Pinto, por nós examinados em Caeté (Minas Gerais), são numerosos os casos como os de: Maria Salomé Perpétua de Queiroz, casada em 1787 com o Alferes Bernardino José de Queiroz, tendo ela 14 anos e ele 33; Cândida Joaquina Perpétua de Vasconcelos, casada em 1795 com Francisco José Sessa, tendo ela de idade 13 anos e o marido 31; Maria de Vasconcelos, casada em 1812 com Joaquim Manuel de Morais e Castro, tendo ela 15 anos.

156. "Unions between December of seventy and May of fifteen are common and the result is a wife coeval with her grandchildren by marriage" diz BURTON (*The Highlands of the Brazil*, cit.) Verificase o mesmo através de velhos inventários e testamentos da primeira metade do século XIX existentes em arquivos de engenhos e nos cartórios antigos. São também interessantes as diferenças de idade entre marido e mulher, em famílias pernambucanas, que se observaram através de *Uma Estatística de João FRANCISCO PAs BARRO*, publicada em Pernambuco em 1857 e hoje raríssima. As diferenças de 40 para 20, 23 para 15, 31 para 21, 47 para 20, 57 para 22, ocorrem frequentemente. E WATSON escreve (*op. cit.*, II, pág. 90), referindo-se ao Brasil de 1838-1839: "Men of sixty frequently marry girls of twelve, and have a family about them where the wife seems the daughter and the little ones the grandchildren."

157. P. e SIMÃO DE VASCONCELOS, *Vida do Veneravel Padre Joseph de Archieia da Companhia de Jesu*, cit., pág. 209.

158. JOHN LUCOCK, *Notes*, cit., pág. 112.

159. "Breve Discurso Sobre o Estado das Quatro Capitâneas Conquistadas, etc.", citado.

160. JOHN MAWE, *Travels in the Interior of Brazil*, pág. 208. Fribadélla, 1816.

161. MARIA GRAHAM, *Journal*, cit., pág. 135.

162. BURTON, *The Highlands of the Brazil*, cit.

163. HERBERT S. SMITH, *Do Rio de Janeiro a Curitiba* (com um capítulo de KARL VON DEN STEINEN sobre a capital de Mato Grosso), Rio, 1922.

164. MAWE (*op. cit.*) notou igualmente essa disparidade entre o trajeto da rua e o caseiro no Brasil. Também a notou HENDERSON (*op. cit.*)

165. ALEXANDER CALDLEIGH, *Travels in South America*, cit.

166. WALTER COLTON, *Deck and Port*, Nova Iorque, 1850.

167. Em contraste com certas franquezas e até exhibicionismos que caracterizaram a vida sexual do brasileiro antigo, houve exageros verdadeiramente mórbidos de discrição ou pudor. Conjuges, por exemplo, que nunca se viram despidos na intimidade das alcovas, processando-se entre eles o ato sexual vedado por uma colcha com orifício no meio: evitava-se assim não só o contato direto do corpo com corpo como a revelação da nudez. Uma dessas colchas é conservada por pessoa nessa amiga, entre outras relíquias da ordem patriarcal brasileira.

168. PADRE LOPES GAMA, *O Carapuceiro*, cit.

169. *A Representação se acha entre os documentos reunidos por ALBERTO DE SOUSA, Os Andradas*, São Paulo, 1922.

170. *Anais do Parlamento*, Rio de Janeiro.

171. TOMIAS MONTEIRO, *História do Império — A Elaboração da Independência*, Rio de Janeiro, 1927.

172. KOSTER, *Travels*, cit., pág. 409.

173. KOSTER, *Travels*, cit., pág. 410.

174. SILVIO ROMERO, na sua resposta ao inquérito, realizado por João DO RIO entre intelectuais brasileiros e reunido em volume sob o título *O Momento Literário*, Rio de Janeiro, 1910.

175. CAROLINA NABUCO, *A Vida de Joaquim Nabuco*, Rio, 1931.

Sobre o assunto — relações dos meninos brancos com suas "mães negras" — informações pessoais de ilustres sobreviventes da ordem social escravocrata que temos procurado entrevistar — Dona Flora Cavalcanti de Oliveira Lima, Baronesa de Bonfim, Baronesa da Estrela, Sr. Raul Fernandes, Baronesa de Contendas, Sr. Leopoldo Lins — confirmam os depoimentos de JOAQUIM NABUCO e SILVIO ROMERO.

176. KOSTER, *Travels*, cit., pág. 411.

177. JOÃO RIBEIRO, *História do Brasil*, curso superior, Rio. Veja-se também HANDEL-MANN, *História do Brasil* (trad.), cit.

178. KOSTER, *Travels*, cit., pág. 411.

179. ANDRÉ JOÃO ANTONIL (JOÃO ANTONIO ANDREONI, S. J.), *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, cit., pág. 96.

180. KOSTER, *Travels*, cit., pág. 422.

181. NINA RODRIGUES, *L'Animisme Féichiste des Nègres de Bahia*, Bahia, 1900. Veja-se também o seu *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*, Bahia, 1894. Os estudos de NINA RODRIGUES foram inteligentemente continuados, do ponto de vista da psicologia, por ARTUR RAMOS, no Rio, e ULISSES PERNAMBUCANO DE MELO e GONÇALVES FERNANDES em Pernambuco.

182. "Breve Discurso Sobre o Estado das Quatro Capitâneas Conquistadas", cit. Em 1850, C. LAVOILLÉ, autor de *Voyage en Chine* (Paris, 1852), notou, de passagem pelo Rio, que os negros de Angola continuavam os preferidos para escravos. Escreve ele: "Os negros, como os cavalos, são classificados pelas raças que têm suas qualidades particulares e sua coação no mercado. As nações Angola, Congo e Mocambiques são as preferidas" (cit. por Sérgio D. T. de MACEDO, *No Tempo das Sinhazinhas*, Rio, 1944, pág. 78).

183. É curioso notar que em 1869 o médico brasileiro Dr. NICOLAU JOAQUIM MOERKA, em estudo sobre o cruzamento de raças, salientava que na fazenda de Camorim (Rio de Janeiro), pertencente aos religiosos beneditinos, por três séculos se vinha conservando sem mistura "uma população negra, homogênea e vigorosa [...] aumentando de inteligência e modificando seu crânio que se aproxima hoje ao da raça caucasica [...]". ("Questão Ethno-anthropologica: O Cruzamento das Raças Acairela a Degradação Intelectual e Moral do Produto Hybrido Resultante?", *Anuaes Brasilienses de Medicina*, tomo XXI, n.º 10). É pena que nos faltem pormenores sobre essa experiência de segregação de raça negra no Brasil feita pelos frades de São Bento — experiência de grande interesse para os estudos de Antropologia em nosso meio.

184. E. ROBERTS-PEYR, "Notas Sobre os Tipos Antropológicos do Brasil", *Atas e Trabalhos, 1.º Congresso Brasileiro de Eugenia*, Rio, 1929.

185. Convém recordar que em 1914 ALBERTO TORRES (*O Problema Nacional Brasileiro*), já anteviesmanniano, considerava demonstrada por Boas "a alteração de caracteres somáticos de uma geração para outra". Mas falta a algumas de suas afirmações rigoroso espírito científico, prejudicado pela facilidade e ênfase nas convicções.

186. E. ROQUETTE-PINTO, *loc. cit.*
 187. J. B. DE SA OLIVEIRA, *Cranionetria Comparada das Espécies Humanas na Bahia sob o Ponto de Vista Evolucionista e Médico-Legal*, Bahia, 1895.
 188. F. A. BRANDÃO JÚNIOR, *A Escravatura no Brasil, Precedida dum Artigo Sobre Agricultura e Colonização no Maranhão*, Bruxelas, 1865.

189. JÚLIO DANTAS, *Figuras de Ontem e de Hoje*, *cit.*

190. J. B. A. IMBERT, *Guia Médica das Mães de Família ou a Infância Considerada na sua Higiene, suas Molestias e Tratamentos*, pág. 89, Rio de Janeiro, 1843.

191. *Socorro Delfico aos Clamores da Natureza Humana* [...], pelo Dr. FRANCISCO DE FONSECA HENRIQUES, pág. 126, Amsterdã, 1731.

192. *Apud* JÚLIO DANTAS, *op. cit.*

193. J. B. A. IMBERT, *Guia Médica das Mães de Família ou a Infância Considerada na sua Higiene, suas Molestias e Tratamento*, *cit.*, pág. 89. Vejam-se também FRANCISCO DE MELO FRANCO, *Tratado da Educação Física dos Meninos para Uso da Nação Portuguesa*, Lisboa, 1790; PENA MARINHO, *Contribuição para a História da Educação Física no Brasil*, Rio, 1943.

194. J. B. A. IMBERT, *Manual do Fazendeiro ou Tratado Domestico Sobre as Enfermidades dos Negros*, Rio de Janeiro, 1839. Veja-se também C. A. TAUNAY, *Manual do Agricultor Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1839.

195. A mortalidade infantil nas senzalas chegou a ser considerável. Em Mata-Paciência, no engenho de Dona MARIANA, filha mais velha do Barão e da Baronesa de Campos — talvez o primeiro engenho a vapor instalado no Brasil, dispondo de 200 escravos de trabalho e cerca de 200 bois — MARIA GRAHAM foi informada pela própria senhora do engenho que menos de metade dos negros nascidos na propriedade chegavam aos dez anos de idade ("not half the negroes born on her estate live to be ten year old"). O que muito alarmou Mrs. GRAHAM (*Journal*, *cit.*). Já ESCHWEGE apurara em Minas Gerais que entre os mulatos escravos em 105 nasciam 4, em 100 morriam 6; e que entre os brancos livres, em 99 nasciam 3, em 102 morriam 7; enquanto os negros livres, em 103 nasciam 4, em 106 morriam 3; entre índios livres, em 99 nasciam 4, em 108 morriam 4; entre os mulatos livres, em 109 nasciam 4, em 109 morriam 3; entre os negros livres, em 84 nasciam 4, em 93 morriam 5. Estatista, esta de ESCHWEGE, que fez OLIVEIRA VIANA concluir pela "formidável ação destrutiva das seleções étnicas e patológicas no interior das senzalas", o negro e o mulato tendo "uma mortalidade inferior à sua natalidade".

Entretanto, os resultados da estatística que em 1827 se empreendeu em Pernambuco, referentes à população de Santo Antônio, acusam diferença mínima na mortalidade de negros, pardos e brancos. Por exemplo, com referência ao ano de 1826 temos:

NASCIDOS		MORTOS	
Branco	192	pardo	178,
Branco	135,	pardo	60,
preto	294	preto	125

E com relação aos anos anteriores, a começar pelo da Independência:

NASCIDOS		MORTOS	
1822	Branco 279,	pardo 197,	preto 239
1823	" 294,	" 223,	" 256
1824	" 281,	" 209,	" 276
1825	" 221,	" 234,	" 271

(Esta estatística foi-nos gentilmente fornecida pelo Cônego José DO CARMO BARATA, da Sé de Olinda, com numerosos outros mss. do arquivo da mesma Sé.)

196. J. B. A. IMBERT, *Uma Palavra Sobre o Charlatanismo e os Charlatões*, Rio de Janeiro, 1837.

197. IMBERT, *Guia Médica*, *cit.* O medo consistia principalmente em dizer-se, em voz grossa, ao menino miúdo que o mão-de-péio, o Quibungo ou o negro velho havia de comer-lhe ou cortar-lhe a piroca. Medo que se fazia também à criança masturbadora.

198. ALFREDO NASCIMENTO, *O Genetário da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro* — *Primórdios e Evolução da Medicina no Brasil*, Rio de Janeiro, 1929.

199. JOÃO FERREIRA DA ROSA, *Tratado Unico da Constituição Pestifencial de Pernambuco Offerecido a Elrey N. S.*, Lisboa, 1694.

200. FONSECA HENRIQUES, *Socorro Delfico*, *cit.*

201. LUÍS EDMUNDO, *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reus*, Rio, 1932. Em meados do século XIX, acometida de cólera uma filha de Félix Cavalcanti de Albuquerque Melo e sobrevivendo "supressão de urina [...]" tudo quanto os dois systemas medicos aconselham applicouse, mas em vão. Cinco moscas torradas, dissolvidas numa colher d'água morna, feza urinar em 13 minutos" (*Livro de Assentos*, ms. *cit.*) Este ms. de FÉLIX CAVALCANTI, completado por outras notas deixadas pelo velho pernambucano, foi em 1940 pela primeira vez publicado pelo bisneto DIOGO DE MELO MENENDES em livro sob o título *Memórias de um Cavalcanti*, com introdução de GILBERTO FREYRE.

202. JOHN NEUNOF, *Travels into Brazil and the East Indies* (trad.), Londres, 1703. Da relação de viagem ao Brasil de Neunhof já appareceu, em livro, tradução portuguesa.

203. FERNANDES GAMA, *Memórias Historicas de Pernambuco*, Recife, 1844.

204. Procuraremos mostrar, em ensaio próximo, que muitas habitações coloniais e do tempo do Império foram, com effeito, horribéis de umidade, menos pelo plano e pelas condições da arquitectura das casas que pela falta de escriptulo no material empregado.

205. Observou BURTON em Minas Gerais: "an 'anhinho' or 'innocent', a very young child dies unregretted because its future happiness is certain" (*The Highlands of the Brazil*, cit.). A superstição dos anjinhos é provável que se tenha derivado do seguinte: diante do número alarmante de crianças índias que a morte levou no século XVI os jesuítas teriam espalhado, para consolo das mães e no interesse da catequese, que era "uma felicidade": os pequeninos iam para o céu.

A mortalidade infantil era compensada pelo fato de serem fecundas as mães brasileiras nas famílias patriarcais. De acordo com registros, genealogias, tradições de famílias, testamentos e livros de assentos como o de FÉLIX CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE MERO publicado e anotado por seu bisneto Diogo de Melo Menezes sob o título *Memórias de um Cavaleiro* (São Paulo, 1940), podemos avançar a generalização de que o número de filhos legítimos, numa família patriarcal típica do Brasil que atingiam a adolescência ou a mocidade, regulara, nos séculos XVIII e XIX, e provavelmente no XVII, entre 10 e 20. O Desembargador CARLOS XAVIER dá-nos seu depoimento de profundo conhecedor da história íntima da sociedade patriarcal do Sul de Pernambuco durante os séculos XVIII e XIX — sub-região característica e época igualmente características: "Antonio de Sá Maia foi genitor de alguns filhos de sua 1.ª mulher — Maria de Albuquerque — e de 23 da 2.ª. Catarina Albuquerque, 9.ª avó do autor. João Maurício Wanderley, Sebastião Antônio de Barros Melo, Francisco de Paula Pais Barreto, Camerino Francisco Pais Barreto, Luis Filipe de Sousa Leão, Antônio Nobre de Castro, Antônio Dims de Mendonça e José Carneiro Pais Barreto foram chefes de numerosas proles" ("Fatos Reais ou Lendários Atribuídos à Família Barreto", *Revista das Academias de Letras*, Rio de Janeiro, ano VII, n.º 45, maio-junho de 1943, pág. 15).

A fecundidade entre os brasileiros de origem social alta, nas zonas do país onde se tem prolongado de modo mais saudável a influência da organização patriarcal de família — como Minas Gerais — já foi objeto de interessante estudo sociológico, infelizmente pouco conhecido no Brasil. Referimo-nos ao trabalho em que o Professor JOHN B. BRIFING compara "os efeitos de certos fatores socio-econômicos sobre o tamanho de família" por ele estudados na China, na Califórnia do Sul e no Brasil, chegando à conclusão de que "In both China and Brazil a trend in size of family was found that is exactly opposite the trend generally reported in the United States and Western Europe. The families of the well-to-do and educated are substantially larger than those in lower levels" ("A Comparison of the Effects of Certain Socio-economic Factors upon Size of Family in China, Southern California and Brazil" (publicação particular). A área brasileira especialmente estudada pelo Professor JOHN B. BRIFING foi Minas Gerais. Veja-se também de GRIFING, "Natural Eugemics in Brazil", *Journal of Heredity* (American Genetic Association), Washington, D. C., vol. XXXI, n.º 1, jan. 1940). Ai salienta o pesquisador norte-americano: "The number of living children of the planter in the State of Minas Gerais is nearly double that of the common laborer. The chief cause of this difference is the higher mortality rate of children in the poorer class. A favorable differential in increase of superior over inferior classes exists in Brazil as in China. The rate of fecundity of mothers in Brazil is higher than that in China" (pág. 16). Veja-se do mesmo autor "The Acceleration of Biological Deterioration", *Sociology and Social Research*, vol. 23, n.º 3, pág. 228. Sobre o assunto veja-se as cartas e ofícios de RICARDO

GUMBLETON DAUNT, mss. conservados no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nos quais se encontram informações de interesse sociológico sobre a história íntima da família patriarcal brasileira na área paulista. Também os nossos *Problemas Brasileiros de Antropologia* (Rio, 1943) e *Brazil: an Interpretation*, Nova Iorque, 1945.

206. JOSÉ MARIA TEIXEIRA, *Causas da Mortalidade das Crianças no Rio de Janeiro*, 1887. LUCCOCK (op. cit.) diz que no enterro de anjo no Rio de Janeiro, ouviu-se a mãe do meninozinho exclamar: "Oh, como sou feliz! Como sou feliz! Morreu-me o último filho! Como sou feliz! Agora quando eu morrer e for para o Céu não deixarei de entrar: lá estarão meus cinco filhinhos para me arrastarem para dentro agarrados às minhas saias. *Entra, mãe! Entra!*"

207. JOSÉ MARIA TEIXEIRA, op. cit. Quanto à desproporção na idade dos cônjuges deve-se notar o seguinte: TEIXEIRA exagera o que possa haver de essencialmente pernicioso nos casamentos de homens já maduros com meninas de treze ou quatorze anos. Nesta idade as meninas, nos países tropicais, já podem se achar aptas à sua descendência há evidências de dano físico causado às mães ou à sua descendência pela simples discrepância de idade entre os cônjuges. Entre várias sociedades primitivas, de gente forte e robusta, as moças geralmente se casam logo depois da puberdade, a idade nupcial dos homens sendo o dobro e às vezes mais do dobro da idade das noivas. Dentro do nosso sistema patriarcal de família é provável que em muitos casos as meninas não se achassem aptas ao casamento e à procriação, daí resultando males gravíssimos. As principais causas, porém, da morte de tantas mães franzinas e de tantas crianças em idade de mama foram sociais: a falta de educação física das meninas que atingiram à maternidade não só ignorantes de higiene sexual e maternal como prejudicadas no seu desenvolvimento e na sua saúde. "As moeistas do fígado, dos órgãos de respiração e dos intestinos, a que em geral estão sujeitas desde a infância, as enervadas", escreveu nos meados do século XIX o médico LUIS CORREIA DE AZEVEDO referindo-se às mães brasileiras (*Amnes Brasileenses de Medicina*, vol. 21). Acrescentando que as enervavam também "exagerados cuidados contra a influência do ar livre" os "vestuários comprimentes, prejudiciais ao desenvolvimento das visceras, e portuários consequente actuando sobre o útero", "a leucorréa, molesta muito mais generalizada do que se supõe nos collegios". Sobre o assunto veja-se também NICOLAU MOREIRA, "Discurso Sobre a Educação Moral da Mulher", Rio de Janeiro, 1868.

- 208. JOHN LUCCOCK, *Notes on Rio de Janeiro and the Southern Parts of Brazil. Taken During a Residence of Ten Years in That Country From 1808 to 1818*, cit., pág. 117.
- 209. KOSTER, *Travels*, cit., pág. 420.
- 210. FAELIANTE DA CÂMARA, "Notas Dominicais de Tollenare". *Cultura Acadêmica*, Recife, 1904.
- 211. SILVIO ROMERO, *Cantos Populares do Brasil*, Rio, 1883.
- 212. *O Carapuço*, cit.
- 213. *O Carapuço*, cit.
- 214. VISCONDE DE TAVUNAY, *Trechos de Minha Vida*, ed. Póstuma, 1923. Em carta a um amigo do autor, o Professor AFONSO DE E. TAVUNAY considera sem fundamento a generalização de ter sido seu illustre pai "homem suave, quase uma moça", recordando que teve através da vida pública atitudes energicas e fortes.

215. *O Carapuceiro*, cit. Ainda hoje, nas zonas rurais mais influenciadas pelas tradições do regime escravocrata, o menino aproxi- ma-se, pelas suas tendências sadistas, precoce iniciação no amor fis- co e vicios, do menino no tempo de LOPES GAMA e de MACHADO DE ASSIS. Vejam-se a este propósito os romances regionais *A Bagaceira*, de José AMÉRICO DE ALMEIDA e *Menino de Engenho*, de José LINS DO REGO.

216. "Idéia Geral de Pernambuco em 1817", *Rev. Inst. Arq. Hist. Geog. Pern.*, 29. Veja-se também VILHENA, *Cartas*, I, pág. 138, sobre as relações de brancos de boas famílias com negros e mulatos na Bahia.

217. F. P. DO AMARAL, *Escravações*, Recife, 1884.

218. F. I. C. B., *Memória Analítica*, cit. Refere-se principalmem- te às regiões agrárias do sul na primeira metade do século XIX.

219. ANTONIU, *Cultura e Opulência do Brasil*, cit., págs. 92-93.

220. EGAS MONIZ DE ARAÇÃO, *Contribuição à História de la Sy- philis au Brésil, apud OSCAR DA SILVA ARAÚJO, Alguns Comentários So- bre a Sífilis no Rio de Janeiro*, cit. Alias OSCAR DA SILVA ARAÚJO che- gou a conclusões inteiramente opostas às de EGAS MONIZ DE ARAÇÃO: "O número de cancrois sífilíticos", diz ele resumindo observações em hos- pítals e ambulatórios frequentados por avultado número de pretos, par- dos e mulatos, "não é relativamente elevado, não se verificando uma maior percentagem entre os negros ou mestiços; nota-se um número mais elevado entre os brancos e principalmente entre os estrangeiros" (*Alguns Comentários*, cit.)

221. VILHENA, *Cartas*, cit., I, pág. 138.

222. ALP. RENDU, *Etudes sur le Brésil*, Paris, 1848.

223. Padre LOPES GAMA, *O Carapuceiro*, cit.

224. Padre LOPES GAMA, *O Carapuceiro*, cit.

225. Padre LOPES GAMA, *O Carapuceiro*, cit.

226. VILHENA, *Cartas*, cit., I, pág. 139.

227. MARIA GRAHAM, *Journal*, cit., pág. 280.

228. GUSTAVO BARROSO, *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, 1913.

229. José AMÉRICO DE ALMEIDA, *A Paraíba e seus Problemas*, Pa- raíba, 1923.

230. VILHENA, *Cartas*, cit., I, pág. 166. Vê-se claramente que para VILHENA eram sociais as causas da ociosidade e do desbragamento se- xual dos brasileiros do século XVIII e não "os mantimentos, o clima e a natural inclinação [...]"

231. CALHOUN, *A Social History of the American Family*, cit. Sobre a vida patriarcal nas mansões do sul dos Estados Unidos, antes da Guerra Civil, veja-se também FRANCIS P. GAINES, *The Southern Plantation*, Nova Iorque, 1924; SAXON LYLE, *Old Louisiana*, Nova Iorque, 1929; HERMAN WHITTAKER, *The Planter*, Nova Iorque, 1909; EDEAR T. THOMPSON, "The Plantation: the Physical Basis of Traditional Race Relations", em *Race Relations and the Race Problem*, Durham, 1939; JOHN SPENCER BASSETT, *The Southern Plantation Overseer*, Northampton, 1925; RALPH B. FLANDERS, *Plantation Slavery in Georgia*, Chapel Hill, 1933; D. R. HUNDLEY, *Ante-Bellum North Carolina*, Chapel Hill, 1937.

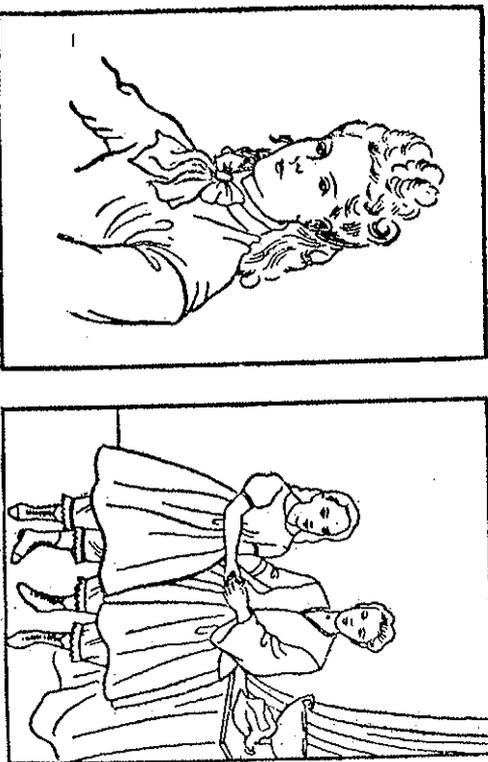
232. CALHOUN, *op. cit.*

233. Entre outros viajantes WILLIAM FAUX, *Memorable Days in Ame- rica*, Londres, 1823; HARRIET MARTINEAU, *Retrospect of Western Travel*, Londres, 1838; SIR CHARLES LYCEL, *Travels in the United States*, Londres, 1845; FRANCIS TROILLOPE, *Domestic Manners of the Americans*, Londres, 1832. Para uma visão de conjunto, veja-se os trechos referenciados no

sul de antes da Guerra Civil no excelente trabalho de compilação de ALLAN NEWINS, *American Social History as Recorded by British Travel- lers*, Londres. Com relação à vida de engenho em Jamaica veja-se o *Journal of a West India Proprietor*, Londres, 1929, escrito por M. S. LEWIS de 1815 a 1873, e com relação a Cuba e à vida de senhores e escravos nas suas plantações de açúcar e em Havana veja-se os tra- balhos de FERNANDO ORTIZ: *Los Cabildos Afrocaribos*, Havana, 1921, *Hampa Afrocaribana — los Negros Brujos*, Madrid, 1917, e especialmente *Los Negros Esclavos*, Havana, 1916. Também o estudo de J. A. SACO, *Historia de la Esclavitud de la Raza Africana en el Nuevo Mundo*, Havana, 1938, e o de RAMIRO GUERRA, *Azúcar y Población en las Antillas*, Havana, 1930. Vejam-se também RAJANI KANTA DAS, *Plantation Labour in India*, Calcutá, 1931; L. AINSWORTH, *The Confessions of a Planter in Malaya*, Londres, 1933; LADISLAW SEKELY, *Tropic Feverer*, Nova Iorque, 1937; LEWIS C. GRAY, *History of Agriculture in the Southern United States*, Washington, 1933; A. S. SALLEY, *The Introduction of Rice Culture in South Carolina*, Columbia, S. C., 1919; LOWELL J. RAGATZ, *The Fall of the Planter Class in the British Caribbean*, Nova Iorque, 1928; JOHN JOHNSON, *Old Maryland Manors*, Baltimore, 1883; T. J. WERTENBACHER, *The Old South*, Nova Iorque, 1942; HENRY C. FORMAN, *Early Manor Houses of Maryland*, Easton, Md., 1934; C. O. BRANNEN, *Relation of Land Tenure to Plantation Organization*, Fayetteville, Ark., 1928; P. T. LABORE, *The Coffee Planter of Saint Domingo*, Londres, 1788; R. MAESTRI, *El Latifundismo en la Economía Cubana*, Havana, 1929; GAY JOSE, *Les Industries du Sucre et du Rhum à la Martinique*, Paris, 1931; CH. G. J. VAN DER MANDERE, *De Javassuikerindustrie*, Amsterdam, 1928; D. GARCIA VASQUEZ, *Los Hacendados de la otra Banda y el Cobildo de Cali*, Cali, 1928; E. V. WILCOX, *Tropical Agriculture*, Nova Iorque, 1916; IRLAND H. JENKS, *Our Cuban Colony: a Study in Sugar*, Nova Iorque, 1929.

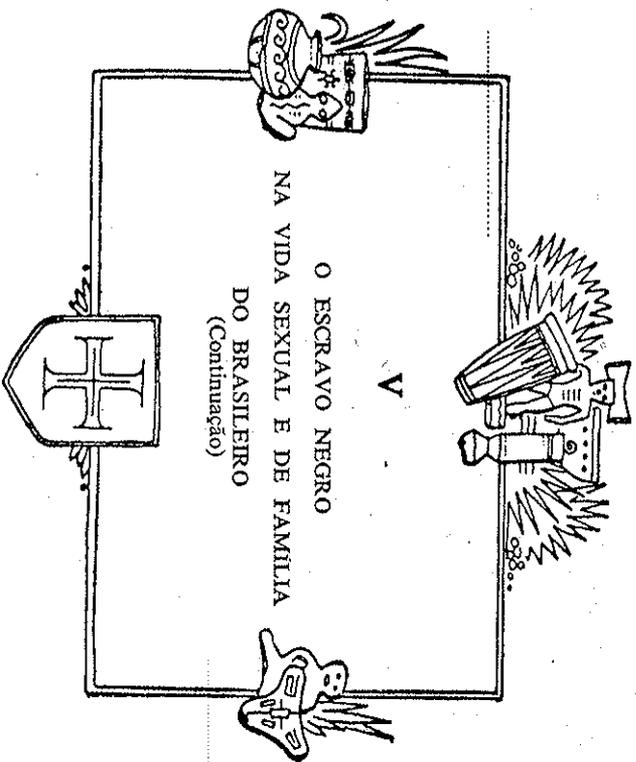
234. Veja-se CALHOUN, *A Social History of the American Family*, cit.

235. José VERISSIMO, *A Educação Nacional*, cit.

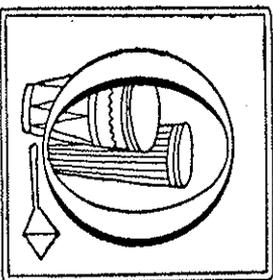


3 — Sinhá-dona: penteado de dia de festa.

4 — Meninas de engenho quase em idade de casamento. (Segundo foto- grafia da segunda metade do século XIX.)



S viajantes que aqui estiveram no século XIX são unânimes em destacar este ridículo da vida brasileira: os meninos, uns homenzinhos à força desde os nove ou dez anos. Obrigados a se comportarem como gente grande: o cabe o bem penteado, às vezes frisado à Menino Jesus; o colarinho duro; calça comprida; roupa preta; botinas pretas; o andar grave; os gestos sisudos; um ar tristonho de quem acompanha enterro.



Meninos-diabos eles só eram até os dez anos. Daí em diante tornavam-se rapazes. Seu traço, o de homens feitos. Seus vícios, os de homens. Sua preocupação, sifilizaram-se o mais breve possível, adquirindo as cicatrizes gloriosas dos combates com Vênus que Spix e Martius viram com espanto ostentadas pelos brasileiros.

Quando visitou o Brasil em princípios do século XIX surpreendeu-se o Dr. Rendu, médico francês, da precocidade dos meninos. A qual lhe pareceu sobretudo grotesca. E são dos seus *Études Topographiques, Médicales et Agronomiques sur le Brésil* estes reparos: "*A sept ans le jeune Brésilien a déjà la gravité d'un adulte; il se promène majestueusement, une badine à la main, fier d'une toilette que le fai plutôt ressembler aux marionnettes de nos foires qu'à un être humain.*"¹ Vinde e poucos anos depois anotaria Fletcher sobre o menino brasileiro do meado do século XIX; "*he is made a little old man before he is twebe years of age, having his stiff black hat, standing collar and in the city he walks as if everybody were looking at him and as if he were encased in corser. He does not run or jump or play roops or thorn stones as boys in Europe and North America.*"²

Foi quase um Brasil sem meninos, o dos nossos avós e bis-